

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

RUBENS CESAR BARETTA

ESTUDO TOPONÍMICO DOS BAIRROS E DISTRITOS DE FARROUPILHA-RS

CAXIAS DO SUL

2012

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA,
INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, CULTURA E
REGIONALIDADE
MESTRADO ACADÊMICO**

RUBENS CESAR BARETTA

ESTUDO TOPONÍMICO DOS BAIRROS E DISTRITOS DE FARROUPILHA-RS

Dissertação apresentada à Banca Examinadora
do Exame do Mestrado.

Orientadora: Prof.^a Dra. Vitalina Maria Frosi

CAXIAS DO SUL

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

B248e Baretta, Rubens Cesar
Estudo toponímico dos bairros e distritos de Farroupilha-RS /
Rubens Cesar Baretta. - 2012.
71 f. : il ; 30 cm

Apresenta bibliografia.
Orientador: Prof^a. Dr^a. Vitalina Maria Frosi
Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul,
Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Letras, Cultura e
Regionalidade, 2012.

1. Toponímia – Farroupilha, RS. 2. Lexicologia. 3. Identidade
Regional – Farroupilha. I. Título.

CDU 2.ed.: 81'373.21(816.5FARROUPILHA)

Índice para o catálogo sistemático:

- | | |
|--|-----------------------------|
| 1. Toponímia – Farroupilha, RS | 81'373.21(816.5FARROUPILHA) |
| 2. Lexicologia | 81'373 |
| 3. Identidade Regional – Farroupilha, RS | 316.7(816.5FARROUPILHA) |

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Ana Guimarães Pereira – CRB 10/1460

Estudo toponímico dos bairros e distritos de Farroupilha - RS

Rubens César Baretta

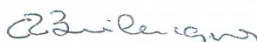
Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade, Área de Concentração: Estudos de Identidade, Cultura e Regionalidade. Linha de Pesquisa: Língua, Cultura e Regionalidade.

Caxias do Sul, 05 de setembro de 2012.

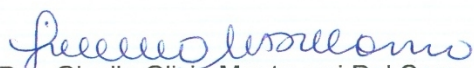
Banca Examinadora:



Dra. Carmen Maria Faggion
Universidade de Caxias do Sul



Dra. Cleci Regina Bevilacqua
Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Dra. Giselle Olivia Mantovani Dal Corno
Universidade de Caxias do Sul



Dra. Vitalina Maria Frozi
Universidade de Caxias do Sul

AGRADECIMENTOS

À universidade de Caxias do Sul, pela oportunidade oferecida.

À minha família, pelo apoio prestado.

À minha orientadora, Vitalina Maria Frosi, pelo voto de confiança, pela paciência e pelo material disponibilizado.

À prefeitura, aos correios e à Secretaria de Educação de Farroupilha.

Ao meu padrinho, Sebastião, pelo estímulo.

Aos meus labradores, que estiveram comigo durante toda a realização deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho apresenta a análise dos topônimos que denominam os vinte e seis bairros e quatro distritos de Farroupilha, RS. O principal objetivo de nosso estudo foi identificar e classificar os topônimos assim como explicitar os principais temas motivadores que determinaram os mesmos. Foram analisados trinta nomes. Os resultados da pesquisa são apresentados através do preenchimento de fichas lexicográfico-toponímicas, modelo proposto por Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, pesquisadora que fundamenta grande parte de nossa pesquisa através dos princípios teóricos da toponímia, os quais foram por ela estudados e adaptados à realidade brasileira. Como principal resultado da pesquisa constata-se o fato de grande parte do território cultural dos imigrantes italianos que ocuparam a região em estudo ter sido mantida através dos nomes dos lugares por eles habitados. Procurou-se também investigar os nomes que foram substituídos por outros ao longo dos anos e os motivos de tais alterações.

Palavras-chave: Motivação toponímica, Farroupilha, Imigração italiana, Fichas lexicográfico-toponímicas, Topônimos.

ABSTRACT

This text presents the analysis of toponyms that name the twenty six neighborhoods and four districts of Farroupilha, RS. The main objective of our study was to identify and classify the toponyms and explain the main themes motivators that determine them. We analyzed thirty names. The search results are displayed by filling lexicographical toponymic chips, the model of them is the same proposed by Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, a researcher who contributed much for our research through the theoretical principles of toponymy, which were studied and adapted by her for the Brazilian reality. The main result of the research we cite is the fact that much of the cultural territory of the Italian immigrants who occupied the region under study have been maintained through the names of the places they inhabited. We also sought to investigate the names that have been replaced by others over the years and the reasons for such changes.

Keywords: Motivation, Farroupilha, Italian immigration, lexicographical toponymic chips, toponyms.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Gráfico dos Topônimos de Farroupilha	61
Figura 2 - Gráfico dos Temas Motivadores.....	62

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Índices imigratórios por região da Itália.....	14
Quadro 2 - Animotopônimos 01	34
Quadro 3 - Animotopônimos 02	35
Quadro 4 - Astrotopônimo 01	35
Quadro 5 - Cardinotopônimo 01	36
Quadro 6 - Corotopônimos 01	36
Quadro 7 - Corotopônimos 02	37
Quadro 8 - Cronotopônimos 01	38
Quadro 9 - Cronotopônimos 02	39
Quadro 10 - Cronotopônimos 03	40
Quadro 11 - Dimensiotopônimo 01	41
Quadro 12 - Etnotopônimo 01	42
Quadro 13 - Geomorfotopônimos 01	42
Quadro 14 - Geomorfotopônimos 02	43
Quadro 15 - Hagiopônimos 01	43
Quadro 16 - Hagiopônimos 02	44
Quadro 17 - Hagiopônimos 03	44
Quadro 18 - Hagiopônimos 04	46
Quadro 19 - Hagiopônimos 05	47
Quadro 20 - Hagiopônimos 06	49
Quadro 21 - Hagiopônimos 07	49
Quadro 22 - Hagiopônimos 08	50
Quadro 23 - Historiotopônimos 01	51
Quadro 24 - Historiotopônimos 02	52
Quadro 25 - Historiotopônimos 03	52
Quadro 26 - Historiotopônimos 04	53
Quadro 27 - Historiotopônimos 05	53
Quadro 28 - Historiotopônimos 06	54
Quadro 29 - Poliotopônimo 01	55
Quadro 30 - Sociotopônimo 01.....	56
Quadro 31 - Sociotopônimo 02.....	56

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 A COLONIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE FARROUPILHA.....	12
3 PRINCÍPIOS TEÓRICOS.....	20
3.1 A LEXICOLOGIA.....	20
3.2 A TOPONÍMIA	21
3.3 TAXIONOMIAS DE NATUREZA FÍSICA	26
3.4 TAXIONOMIAS DE NATUREZA ANTROPOCULTURAL	28
4 METODOLOGIA	32
5 TOPÔNIMOS DE FARROUPILHA.....	34
5.1 ANIMOTOPÔNIMOS.....	34
5.2 ASTROTOPÔNIMO	35
5.3 CARDINOTOPÔNIMO.....	36
5.4 COROTOPÔNIMOS	36
5.5 CRNOTOPÔNIMOS.....	37
5.6 DIMENSIOTOPÔNIMO	41
5.7 ETNOTOPÔNIMO	41
5.8 GEOMORFOTOPÔNIMOS	42
5.9 HAGIOTOPÔNIMOS.....	43
5.10 HISTORIOTOPÔNIMOS	51
5.11 POLIOTOPÔNIMO.....	55
5.12 SOCIOTOPÔNIMO.....	55
6 ASPECTOS OBSERVADOS ATRAVÉS DO ESTUDO DA TOPONÍMIA DOS BAIRROS E DISTRITOS DE FARROUPILHA	57

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
------------------------------------	-----------

REFERÊNCIAS.....	65
-------------------------	-----------

ANEXOS

MAPA 01.....	71
---------------------	-----------

MAPA 02.....	71
---------------------	-----------

MAPA 03.....	71
---------------------	-----------

1 INTRODUÇÃO

O estudo da toponímia do município de Farroupilha – RS está inserido no Projeto Toponímia dos Municípios da Região de Colonização Italiana (TOPRCI) do Nordeste do Rio Grande do Sul que vem sendo desenvolvido pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). O mesmo abrange os 55 municípios da região. Através dessa pesquisa estamos dando sequência à investigação dos topônimos da Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul (de aqui em diante RCI), complementando estudos já realizados em nossa Universidade.

O tema deste trabalho é o estudo da motivação dos topônimos do município de Farroupilha. Desejava-se saber por que alguns nomes se preservaram ao longo do tempo enquanto outros foram alterados. Assim como, quais motivos levaram a atribuir os nomes aos bairros? Considerou-se relevante a investigação uma vez que interessa aos habitantes conhecer a origem dos nomes dos lugares de sua cidade, pois eles são elementos que compõem a identidade coletiva do grupo.

Nosso objetivo principal é realizar o levantamento e a análise dos topônimos dos bairros e distritos do município de Farroupilha. Nossos objetivos específicos são: a) estudar a origem etimológica dos topônimos já mencionados; b) investigar aspectos históricos, socioculturais e políticos envolvidos na determinação dos topônimos; c) organizar e sistematizar o conhecimento produzido; d) elaborar uma ficha de acordo com a metodologia adotada na elaboração dos Atlas Toponímicos do Brasil.

Situamos nossa pesquisa em uma das áreas da linguística, a lexicologia, que tem seu foco de estudos voltados para o léxico e sua organização a partir de diferentes pontos de vista. Estudar os aspectos morfossintático, semântico, fonético-fonológico, discursivo-pragmático e etimológico das palavras é o objeto da lexicologia. Temos uma grande divisão para o estudo dos nomes próprios e estudo dos nomes comuns. A Onomástica é a ciência que estuda os nomes próprios. Ela ainda apresenta duas grandes divisões: a Antroponímia, que estuda os nomes próprios de pessoas e a Toponímia, que estuda os nomes próprios dos lugares. É nessa área da lexicologia que se concentra nossa pesquisa. Orientados por estudos anteriores, principalmente os desenvolvidos por Dick, iniciamos pela pesquisa etimológica, seguindo com classificação a partir da tipologia e finalmente a pesquisa histórica de cada lugar analisado.

O presente trabalho apresenta estudos relacionados aos nomes dos vinte e seis bairros

e quatro distritos do município de Farroupilha que foram registrados na prefeitura até o final de 2011. Em linhas amplas, esta dissertação compreende princípios teóricos da toponímia, fichas alusivas a cada um dos topônimos analisados e considerações sobre resultados obtidos.

No primeiro capítulo apresentamos informações pertinentes à história da formação da região, especialmente no final do século XIX. A crise no norte da Itália e o projeto de colonização do Rio Grande do Sul atraíram milhares de imigrantes italianos, principalmente os vênéticos. Farroupilha teve seu início com a chegada dos imigrantes vicentinos, componentes das primeiras levas da grande imigração.

Prosseguindo, são apresentados os principais projetos e autores de estudos em toponímia na Europa e no Brasil. Apresentamos os fundamentos teóricos da toponímia e elencamos as principais categorias de topônimos registradas por Dick.

No segundo capítulo apresentamos a metodologia utilizada para a realização de nossa pesquisa. Seguindo as orientações de Dick, foi desenvolvida uma ficha lexicográfico-toponímica para cada um dos nomes estudados. Os nomes foram separados e analisados por categorias e as informações relevantes foram apresentadas através do capítulo intitulado “Aspectos observados através do estudo da toponímia de Farroupilha”.

O terceiro capítulo mostra o resultado da pesquisa em si. Apresenta as fichas dos 30 topônimos separados por categorias. As fichas são apresentadas em ordem alfabética. Os hagiotopônimos e historiotopônimos representam 55% do total dos nomes estudados.

No quarto capítulo registramos os motivos que deram origem aos topônimos. Nessa parte do trabalho buscamos responder às perguntas que nortearam o tema de nosso estudo. Também são comentados nesse capítulo fatos e curiosidades relevantes que surgiram no decorrer da pesquisa.

Nas considerações finais, registramos de forma sintética os principais pontos observados nos resultados da pesquisa e procuramos relacioná-los às teorias estudadas no decorrer da mesma. Constatou-se, dentre outras observações, que a presença da etnia italiana na região é fortemente marcada na toponímia.

2 A COLONIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE FARROUPILHA

Neste capítulo apresentaremos brevemente alguns aspectos históricos e culturais relativos à imigração italiana uma vez que no Rio Grande do Sul ela iniciou justamente onde é hoje o município de Farroupilha. As informações que seguem através desse capítulo seriam suficientes para explicar a escolha de vários nomes que compõem o quadro de topônimos do município.

Povoar o Brasil através de colonos europeus não portugueses era uma ideia muito antiga. Antes de 1750 o Conselho Ultramarino observou que o imenso território brasileiro precisava de outros povos para ocupar o vazio de sua colônia, especialmente entre São Paulo e a Colônia do Sacramento. Em 1808, com a chegada da corte portuguesa, surge a Carta Régia abrindo os portos brasileiros às nações amigas. Os objetivos do governo brasileiro eram múltiplos, desde cultivar e ocupar a terra até branquear a população. A partir de 1867 o governo brasileiro passa a divulgar as seguintes vantagens, na Europa, para interessados em imigrar: lote rural pago em dez anos, viagem gratuita dentro do país, ajuda nos primeiros tempos e assistência médica e religiosa. Esperava-se receber 350 mil colonos suíços, alemães e ingleses, porém os povos destes países mostraram-se arredios a tal propaganda. A partir de 1885, estando a escravidão com os dias contados, o governo brasileiro retoma o processo de colonização. (DE BONI; COSTA, 1984, p. 26-31).

Na Itália, apesar do esforço político da unificação, os recursos do país, saindo de uma luta armada, eram poucos e não melhoraram a política econômica. A economia continuava dependente de alguns industriais e vários latifundiários reproduzindo sistemas de feudalismo fundamentados na exploração da força operária e agrícola. No norte, as regiões estavam subdesenvolvidas e não havia perspectivas de melhora em curto prazo. A situação não apresentava perspectivas de futuro aos vênetsos, lombardos e trentinos. (FROSI; MIORANZA; 2009, p. 22-23). A burguesia industrial, na Itália, afastou-se das perspectivas revolucionárias, socialistas. Na verdade, os que esperavam ser beneficiados com a unificação (os pobres) mais uma vez são prejudicados. A pequena indústria artesanal que complementava a renda do agricultor não se manteve perante o capitalismo e o pouco espaço de terra que podiam ter não era o suficiente para manter a família. (DE BONI; COSTA, 1984, p. 51-53).

Enquanto a crise maltratava os italianos, a Província do Rio Grande do Sul se preparava para recebê-los. De acordo com Adami (1971, p. 27-32), em 1869, João Sertório, então presidente da província, pediu ao amigo Feijó Junior, que já conhecia o alto da Serra

Geral, que criasse um projeto para colonizá-la. Feijó Junior aceitou o desafio, organizou uma “bandeira”, contratou o conhecido explorador Antônio Machado de Sousa, conferindo-lhe o título de vice chefe da expedição, assim partiram com apoio oficial. A expedição reuniu amostras de solo e flora, após analisados por especialistas da corte, as terras foram declaradas boas para o cultivo do milho, trigo, parreiras e tudo mais. Enfim, por seu trabalho, Antônio Machado de Sousa recebeu uma sesmaria de duas léguas quadradas e Feijó Júnior foi contemplado com uma sesmaria de três léguas quadradas bem no centro da área demarcada para a colonização italiana. Por isso o titular da sesmaria em homenagem ao amigo, João Sertório, deu o nome à nova terra de “Colônia Sertorina”, uma vasta gleba de terras particulares encaixadas no centro da região reservada aos colonos italianos. Parte da região hoje se chama Farroupilha e é o foco de nosso estudo.

O governo brasileiro contratou as agências *Caetano Pinto e Irmão* e *Holtzweissig e Cia* com intuito de introduzir 2.000 colonos por ano. A Itália determinou o cadastramento de famílias pobres que quisessem emigrar para o Brasil. João Sertório organizou duas frentes de colonização: uma ao leste em direção ao então Campo dos Bugres e outra em direção oeste aos territórios denominados Conde D’Eu e D. Isabel. As comissões deveriam demarcar e lotear quatro léguas quadradas de solo e levantar barracões em lugares estratégicos para acolher os imigrantes até a distribuição dos lotes e construção das casas. A comissão que seguiu para o campo dos bugres acampou na primeira légua da demarcação, hoje Nova Milano. Em 1875 começou a corrente imigratória, as primeiras levas desembarcaram em São Sebastião do Caí. Em 20 de maio do mesmo ano chegaram os primeiros italianos ao acampamento da Comissão onde foram acolhidos no barracão destinado a eles. Em setembro o grupo havia aumentado para cento e dez pessoas. Sendo grande parte oriundos de Milão e arredores, o lugar recebe o nome de Nova Milano (ADAMI, 1971, p. 94)

Como vemos, a situação do Brasil vem ao encontro das necessidades dos italianos, sabemos que não foi por curiosidade ou aventura que a maioria dos imigrantes italianos deixou sua terra natal. As péssimas condições de vida e a falta de perspectivas de futuro, ou seja, a luta pela sobrevivência os obrigou a deixar a Itália e procurar novas formas de vida na América. Assim, após a unificação em 1870, inicia-se a emigração em massa. A região do Vêneto, onde a crise era maior por volta de 1875, foi a região que contribuiu com um número maior de imigrantes, provenientes de Vicenza, Treviso, Verona e da província de Beluno (FROSI; MIORANZA; 2009, p. 39).

O quadro a seguir, extraído dos estudos de Frosi e Mioranza (2009, p. 47) demonstra os índices imigratórios por região da Itália no Nordeste do Rio Grande do Sul:

Quadro 1 - Índices imigratórios por região da Itália

Imigrantes	Porcentagem
Vênetos	54%
Lombardos	33%
Trentinos	7%
Friulanos	4,5%
Outros	1,5%

Os índices evidenciam os focos de crise no norte da Itália, alguns povoados e mesmo municípios tiveram um decréscimo de até 50% de sua população, especialmente os localizados junto ao Monte Grappa. Apesar das regiões de planície apresentarem um movimento migratório menor, a influencia dos vênetos e o esquema de propaganda fizeram com que lombardos de Mântua e Cremona, cidades de planície, emigrassem em massa para o Nordeste do Rio Grande do Sul. A maioria dos emigrantes trentinos era proveniente do sul de Trento. É interessante observar que os trentinos entraram no Brasil com passaporte austríaco, pois na época a região do Trentino-Alto Ádige estava sob o domínio Austro-húngaro. Friulanos da província de Udine, região montanhosa e árida, também se fazem representar no Nordeste do Rio Grande do Sul. As correntes migratórias de maior representatividade são de vênetos e lombardos e em menor número, mas também representativo, estão trentinos e friulanos (FROSI; MIORANZA, 2009, p. 34-40).

A colonização do sul do Brasil sofreu um processo interessante. Apesar do país já ter uma língua oficial, uma parte do território do sul era desabitado e por mais de 30 anos, após a imigração, os dialetos das cidades de origem continuavam a ser falados, uma vez que nas colônias os grupos permaneciam isolados e os contatos com a língua e os costumes brasileiros eram poucos. O caso do imigrante do sul do Brasil foi um caso especial de imigração.

A partir de 1882, com o começo da emancipação dos núcleos coloniais como distritos e depois como municípios, os núcleos ampliam suas relações com o exterior, mas não perdem a caráter de unidades ainda bastante isoladas e, para muitos efeitos, autossuficientes. Dispondo do essencial à sua administração e sustentação econômica, pouco se relacionam nos primeiros tempos com as demais regiões da província, menos ainda com a Campanha, e com o país em geral. O exame perfunctório do noticiário dos jornais da colônia – escritos em língua italiana, o que mais contribui para a segregação dos seus leitores – mostra que os colonos, a princípio, vivem no seu mundo, no seu nicho ecológico característico, tendo apenas vagas e esparsas informações de fora. Mesmo o Brasil para além do Rio Grande lhes fica bastante remoto. (AZEVEDO, 1975, p. 215).

Se compararmos com os grupos que se colocaram nos Estados Unidos ou em São

Paulo, por exemplo, as principais diferenças são marcadas, primeiramente, pela questão econômica, pois em São Paulo, assim como nos EUA, a maioria dos imigrantes trabalhava como empregados, em sociedades já estabelecidas, precisando se aculturar imediatamente. De acordo com Frosi e Mioranza (2009, p. 49-50), no Nordeste do Rio Grande do Sul os colonos passaram a ser proprietários e os grupos se mantiveram isolados. O primeiro grupo se fixou nos fundos da Colônia de Nova Palmira, hoje Nova Milano. A terra foi dividida em Linhas e travessões e estes em lotes coloniais numerados.

No caso da Fazenda Sertorina, por se tratar de uma sesmaria, o processo de colonização foi diferente do restante da região. De acordo com documentos históricos do período de 1883-88 encontrados e arquivados por Spadari Adami (disponíveis no museu João Spadari Adami), enquanto as colônias Caxias, D.Isabel e Conde D'Eu eram loteadas e ocupadas imediatamente, a Colônia Sertorina, no meio da região, continuava intacta, coberta de pinheiros. A colonização que se instalava aos arredores da Sesmaria começava a revelar os limites da propriedade. A sede principal da colônia havia sido transferida para o Campo dos Bugres, por sugestão de Luiz Antônio Feijó Junior, por encontrar-se na extremidade e não no centro da colônia. Antônio Feijó passou a viver em sua estância em Bom Jesus e quando, em 1881, voltou à Caxias ficou admirado em ver o mato transformado em terras produtivas e a sede com casas enfileiradas, comércio, igreja, etc. Vendo todo aquele progresso, Feijó Junior transferiu-se para a sua sesmaria. Organizou uma mini estância, onde instalou seus empregados, montando serraria e olaria para dar suporte à povoação de sua propriedade. Os primeiros lotes foram vendidos aos colonos em troca da construção de estradas e pontes no interno da colônia. A maioria dos compradores já havia recebido terras em outras localidades, principalmente na Colônia Conde D'Eu, outros, por trazerem consigo algum dinheiro e pelas ótimas condições de pagamento oferecidas por Feijó, abriram mão de receber terras do governo e optaram por pagá-las para poder estar mais próximos da sede. Ao final de 1883 já havia cerca de trinta famílias de italianos assentadas em suas terras. Em 1885-1886, Feijó Junior fundou um núcleo de imigrantes trevisanos e vicentinos, que já estavam assentados na colônia Conde D'Eu, entre a Linha Palmeiro (Bento Gonçalves) e a 1ª e 2ª Léguas (Caxias). A localidade tomou o nome de Linha Vicenza e mais tarde Nova Vicenza. Um fato curioso é que apesar de Feijó Junior não possuir títulos nobiliárquicos, era chamado pelos colonos de "O Conde". Era admirado pelos colonos por seu espírito de trabalho e criatividade e costumava dar-lhes apoio e facilidades, recebia em troca, como reconhecimento, o título de "Conde", herança cultural do país de origem, onde era comum que um proprietário de vastas

extensões de terra possuísse um título de nobreza. (ADAMI¹). Enquanto Luis Antônio Feijó trabalhava e organizava o povoamento da parte leste de sua sesmária, outros, na parte oeste, haviam tomado suas propriedades. Provavelmente devido a um incêndio, não sabemos se criminoso ou não, no cartório de São Francisco de Paula, onde Feijó tinha todos os seus registros. Segundo documentos históricos, é provável que uma primeira invasão impune tenha despertado em outros elementos mais experientes a ideia de formar uma sociedade e conseguir os legítimos direitos sobre a terra. A empresa Azevedo & Companhia apresenta títulos de posse legítima, porém nos documentos não consta a origem das terras a serem loteadas, bastando a declaração de Lourenço de Alencastro Guimarães como legítimo proprietário para realizar transações. É provável que Azevedo & Guimarães, práticos de loteamentos em zona alemã, tivessem aprendido algumas falcatruas aproveitando-se da ignorância dos colonos e da falta de controle na época. O fato é que a Azevedo & Guimarães acaba fundando uma próspera comunidade com colonos oriundos das áreas vizinhas da Colônia Sertorina. O lugarejo se chamou Sertorina por estar assentado na colônia de mesmo nome (ADAMI¹). Em meados de 1900, Nova Vicenza também prosperava, já havia comércio, madeiras e uma comunidade religiosa bem organizada.

Para rezar, ergueram uma primeira igreja; depois outra maior e melhor. O padroeiro da igreja era São Vicente, claro, a ela atribuído pelos vicentinos de Nova Vicenza. Esses vicentinos, sempre com os olhos e a mente voltados para a pátria que deixaram longe, queriam em solo estrangeiro, fazer como tinham visto na Itália, novas vilas, novas povoações, enfim uma nova Itália (GASPERIN; 1989 p. 148).

O núcleo de Nova Vicenza tomava vulto, eram na maioria vicentinos bem intencionados e muito organizados, conseguiram um padre permanente e o estabelecimento das Irmãs Carlistas, que logo abriram uma escola. Viviam contentes por terem encontrado no Brasil um pedaço de terra para viver em liberdade. Enquanto Nova Vicenza se desenvolvia a olhos vistos, às margens do Rio Buritti se instalaram mais algumas famílias procedentes da Colônia Conde D'Eu. Estas instalaram em 1913 modernas serrarias na parte leste do Buritti, em lugar chamado Vicentina, por estar próximo a Nova Vicenza. Tais serrarias foram o suporte do progresso naquela região. Nova Milano, situada fora da Colônia Sertorina, na divisa sudeste, localizava-se a aproximadamente 8 quilômetros de Nova Vicenza. Os milaneses também tinham uma igreja de alvenaria com campanário, padre permanente, cartório, um subintendente, enfim, já eram na primeira década de 1900 o 3º Distrito de

¹ Dados históricos referentes à comuna de Farroupilha (Ex. antiga colônia Sertorina), 3ª folha, disponíveis no Museu João Spadari Adami, JSA 029 L.

Caxias. As duas comunidades viviam amigas e prósperas (ADAMI¹). Em 1910, com a inauguração da estrada de ferro Montenegro-Caxias surgem algumas discórdias. O trem passava por zonas que ninguém esperava, nem por Nova Trento nem por Nova Milano. Os milaneses reclamavam o direito de ter a estação em sua comunidade por ser Nova Milano o berço da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Porém, o prédio da estação foi construído entre os dois povoados e em sua fachada estampado o nome Estação Nova Vicenza. Apesar de ter sido muito desejada e de muita utilidade tanto para milaneses quanto vicentinos, a vinda do trem serviu de ponto de discórdia entre as duas comunidades. Logo em seguida foi construída a estrada de rodagem estadual, Júlio de Castilhos, saindo de São Sebastião do Caí, passando por Nova Milano, Estação Nova Vicenza, São Vicente e seguindo até Antônio Prado. O fato é que aos arredores da Estação Nova Vicenza começam a surgir pensões, oficinas e lojas. Muitos queriam estar perto da estação, surgindo, assim, uma nova vila. Como a nova vila não tinha nome, guiados pela sugestão do nome da estação, os italianos passaram a chamar o povoado de Nova Vicenza Nova. Assim na época havia a Nova Vicenza Velha e a Nova Vicenza Nova. Como a estação polinizava todo o movimento, Nova Milano, Nova Vicenza Velha e São Vicente esvaziaram-se formando um grande núcleo em torno da estação. O núcleo passou a ser a verdadeira Nova Vicenza (ADAMI¹). Em 1934, tornou-se município composto por dois distritos de Caxias, um de Bento Gonçalves e um de Montenegro. O movimento antifascista, promovido por Getúlio Vargas, levou as trocas do nome passando a chamar-se Farroupilha (DE BONI; COSTA, 1984, p.75).

Na cultura italiana um dos traços mais presentes foi e ainda é a fé católica. Tanto que normalmente uma das primeiras providências a serem tomadas, quando chegavam na região, era construir a capela.

A tradição religiosa italiana foi transportada e revivida aqui em plenitude, com seu rigorismo, com seus santos de devoção, com seus atos culturais típicos. E numa fase carente, com problemas assaz graves para o imigrante, especialmente do tipo psicossocial. A vivência religiosa ou as promessas da religião tiveram a força de transformar o habitante num ser resignado e submisso face às adversidades e corajoso ante os caminhos a trilhar. (FROSI e MIORANZA, 2009, p. 95).

“A atribuição do nome do padroeiro da igreja local à área abrangida em seus limites foi o fator mais relevante do período do século XV” (DAUZAT, 1947, apud DICK, 1990, p. 102). Podemos observar através dos topônimos que fazem parte do *corpus* deste trabalho que em Farroupilha, seus bairros e distritos, assim como outras regiões, o mesmo fenômeno citado por Dauzat ainda se repete.

O italiano não encontra dificuldades em continuar a fé católica no Brasil, exceto por divergências entre os próprios grupos no momento de eleger o santo padroeiro, pois cada pequena comunidade, na Itália, já tinha seu santo predileto. Um fato interessante a ser citado como exemplo foi o modo como foi resolvida a escolha da padroeira Nossa Senhora do Caravaggio na comunidade do mesmo nome. Os moradores que fundaram a comunidade eram procedentes de Beluno, Udine, Treviso e Mântova. Não se conheciam entre si. Chegada à hora da escolha do padroeiro ou padroeira, cada família optava pelos seus santos dos lugares de origem dos quais eram devotos. Não se chegava a nenhum acordo. Então o morador Natale Faoro, que havia recebido da família, na Itália, uma imagem muito antiga de Nossa Senhora do Caravaggio como amuleto de proteção para a nova vida na América, se dispôs a emprestar o quadro para a igreja até que se resolvesse a questão do padroeiro. Todos passaram a rezar fervorosamente para a santa. A confirmação da padroeira foi a forte chuva de várias horas que presenteou os imigrantes depois de seis meses de estiagem em 1899. Após a missa, no dia 2 de fevereiro, os imigrantes viram no céu límpido surgir uma nuvem e em seguida a torrencial chuva. A partir de então, foram muitos os milagres realizados pela santa, e os imigrantes de regiões vizinhas passaram a vir em romaria para suas rezas e pedidos. A romaria a Caravaggio, no dia 26 de maio, é até hoje uma tradição de Farroupilha e região e também uma prova de que a fé trazida pelos antepassados continua viva (GASPERIN, 1989, p. 261-263).

Em casos de imigração de massa observa-se que perdas culturais ocorrem apenas em alguns aspectos. No caso dos vicentinos, podemos entender que grande parte da cultura foi mantida ao menos nas primeiras décadas da imigração. Os grupos foram mantidos unidos e não havia outros no local, a língua, a religião, as formas de trabalho e a diversão se mantiveram e caracterizam parte do nordeste do estado do RS. Os lugares que passaram a ocupar foram nominados de acordo com o sistema italiano, na maioria das vezes, escolhendo nomes de santos dos quais eram devotos na Itália, outras, nomes de seus lugares de origem precedidos do adjetivo novo (a). A interferência do governo brasileiro na organização dos grupos durante as primeiras três décadas era restrita, tendo assim o povo italiano oportunidade de dar sequência a seu antigo sistema de vida. O colono, fascinado pela posse da nova terra tinha saído da Itália em busca de um lote colonial onde pudesse trabalhar apenas para si e sua família. Parecia-lhe um sonho receber 25 hectares de mata cujo solo correspondia aos seus esforços. Trabalhava de sol a sol e o resultado compensador de seu esforço fez com que o trabalho adquirisse um valor mítico entre os imigrantes (DE BONI; COSTA, 1984, p. 85).

Hoje grande parte da população do município já não é de origem italiana. Devido ao grande desenvolvimento industrial, a cidade tem atraído muitos migrantes do interior do

estado, com isso a cultura italiana não perde seu espaço nem prestígio, ao contrário, ao observarmos os mapas dos bairros percebemos que várias ruas recentes têm recebido nomes de imigrantes, antigos moradores da região.

3 PRINCÍPIOS TEÓRICOS

3.1 A LEXICOLOGIA

Neste capítulo procuramos apresentar os principais estudos realizados em toponímia no ocidente. Iniciamos localizando nossa pesquisa na área da linguística, especificamente na lexicologia. Uma das principais ramificações do estudo lexicográfico é a o estudo dos nomes próprios, que também se divide em nomes próprios de pessoas e de lugares.

De acordo com Biderman (2001b, p.13), ao nomear nos apropriamos das coisas e do mundo material retomando as antigas escrituras da Bíblia em que Deus incumbe o ser humano a nomear e dominar a criação. Organizando os elementos do mundo em grupos ou categorias, o mundo vai sendo estruturado e classificado pelo ser humano. Ato sucessivos de categorização da realidade se cristalizam em signos linguísticos. Tais signos se reportam ao universo referencial. Segundo Biderman (2001b, p.13), as categorias linguísticas não se equivalem, cabendo a cada diferente cultura categorizar o mundo em que se está inserido. Para a autora, as unidades lexicais são registros históricos das comunidades a que pertencem, ou seja, podem ser vistas como patrimônio vocabular das comunidades.

À lexicologia compreende o estudo científico do léxico e uma de suas principais funções é analisar as relações do léxico de determinada língua com a cultura e sociedade na qual está inserida. A palavra é vista como um instrumento de construção e percepção do sistema de valores refletindo recortes culturais. Seu elemento de base é o lexema e a palavra é assim interpretada como unidade lexical. Este apresenta informações referentes às unidades lexicais utilizadas na produção do discurso, caracteriza a estrutura interna do léxico no que se refere a conteúdo e forma. A criação de uma palavra envolve elementos léxico-gramaticais como a morfologia, a lexicologia e a semântica. Estudar os aspectos morfossintático, semântico, fonético-fonológico, discursivo-pragmático e etimológico das palavras é o objeto da lexicologia (ANDRADE, 2010, p. 99-120).

A presente pesquisa vem fundamentada principalmente pela Lexicologia na área da Linguística. Na Lexicologia temos uma grande divisão em estudo dos nomes próprios e estudo dos nomes comuns. A Onomástica é a ciência que estuda os nomes próprios. Ela ainda apresenta duas grandes divisões: a Antroponímia, que estuda os nomes próprios de pessoas e a Toponímia, que estuda os nomes próprios dos lugares. Como subdivisão da Toponímia, temos ainda a Hodonímia ou Microtoponímia, que analisa e classifica os nomes das ruas,

praças, largos, etc. Também nos servimos para a realização dessa pesquisa dos estudos etimológicos. A Etimologia trata dos estudos da evolução das palavras e suas relações com nomes antigos dos quais derivam.

3.2 A TOPONÍMIA

A Toponímia, como disciplina, é bastante recente no Brasil. Quase todos os países da Europa contam com obras de estudiosos no assunto. Na França, Auguste Longnon situa os primeiros trabalhos na área com a obra *Les Noms de Lieu de la France*, em torno de 1878. Ele se ocupou de estudos etimológicos dos nomes antigos da França procurando demonstrar a evolução desses nomes. Albert Dauzat (1946-1947) contribui para os estudos toponímicos publicando em 1938 *Chronique de toponymie* e organizando o I Congresso Internacional de Toponímia e Antroponímia. Leite Vasconcelos (1931) desenvolve em Portugal seus estudos dividindo a onomástica em toponímia, estudo de nomes geográficos, e antroponímia, estudo dos nomes de pessoas ou elementos relativos à cultura humana (VASCONCELOS; 1931 p. 460). A escola toponomástica italiana tem tido seus representantes desde 1800. Em sua obra *Toponomástica Italiana* o professor Pellegrini aponta Ascoli, Pieri, Serra, Bertoldi, Alessio, Olivieri e Battisti como nomes importantes na história da toponomástica do país. Segundo o autor do prefácio de *Toponomástica Italiana*, Fabio Padoa, o próprio autor, o professor Pellegrini, é um dos principais nomes contemporâneos da toponomástica italiana (PELLEGRINI, 1990, apud PADOA, 1964). Também surgiram estudos nos Estados Unidos, a revista *Names* tem se preocupado com o estudo etimológico, o significado e aplicação das categorias do nome. No Canadá desde 1966 há um grupo de estudos de Coronímia e terminologia geográfica (ANDRADE, 2010, p. 104-105). Na Europa Russa, Pospelov cita três modelos de orientação temática: o primeiro relacionado a problemas gerais da teoria toponímica, o segundo discorre sobre os nomes geográficos da URSS e no terceiro teoriza sobre nomes geográficos de países estrangeiros. A Rússia conta com comissões toponímicas que funcionam em instituições (DICK, 1990, p.3). O antropólogo venezuelano Adolfo Salazar Quijada registra seus estudos em *La Toponimia em Venezuela*, em 1985. Segundo ele, a toponímia é uma ramificação da onomástica que se ocupa do estudo integral, no espaço e no tempo, dos aspectos geo-históricos, socioeconômicos e antro-linguísticos, que permitem que um nome de lugar se origine e subsista (1985, p.18).

No Brasil, na Universidade de São Paulo, o professor Dr. Carlos Drumond, em sua

tese, em 1944, apresenta seus estudos referentes à frequência da partícula *tyb* na toponímia brasileira; em 1965, edita *Contribuição do Bororô à toponímia brasileira*. Levy Cardoso, em sua obra *Toponímia brasílica*, 1961, desenvolve estudos etimológicos sobre topônimos brasílicos da Amazônia. Em 1967, o Professor Dr. Plínio Ayrosa Galvão edita *Estudos Tupinológicos*, Galvão tem como foco principal de seus estudos os significados dos nomes do tupinambá antigo. Theodoro Sampaio, em 1987, apresenta estudos sobre a toponímia brasileira de origem tupi através da obra *O Tupi na Geografia Nacional* (ANDRADE, 2010, p. 105).

Ainda na Universidade de São Paulo, os estudos da professora e pesquisadora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, com suas obras *A Motivação Toponímica. Princípios Teóricos e Modelos Taxionômicos*, 1980, *Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*, 1990, *Toponímia e Antroponímia no Brasil*, 1990 têm servido como base de estudos para os atuais pesquisadores da área, pois através das obras citadas a autora propõe uma organização dos nomes, complementando e aprofundando os estudos de Dauzat. Ainda temos referência aos seguintes projetos, que constituem variantes do **projeto ATB** (Atlas Toponímico do Brasil), **Projeto ATESP** (Atlas Toponímico do Estado de São Paulo), USP; **Projeto ATEMIG** (Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais), UFMG; **Projeto ATEMT** (Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso), UFMT; **Projeto ATEMS** (Atlas Toponímico do Estado do Mato Grosso do Sul), UFMS; **Projeto ATEPAR** (Atlas Toponímico do Estado do Paraná), UEL; **Projeto ATA OB** (Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira), UFAC; **Projeto ATEC** (Atlas Toponímica do Estado do Ceará); **Projeto ATITO** com sua obra *Atlas Toponímico de Origem Indígena do Tocantins*, de 2010, seu foco de estudos são os nomes de lugares estaduais, destacando os topônimos de filiação indígena localizados ao norte do país. **Projeto ATT**, Atlas Toponímico do Tocantins (DICK, 2010, apud SANTOS, 2010).

No Rio Grande do Sul ainda não temos um projeto de atlas toponímico abrangendo todo o estado, nossa pesquisa revelou poucos estudos na área. Na região de colonização italiana temos atualmente o projeto **TOPAC1**, *Toponímia da Antiga Colônia I*, coordenado por Vitalina Maria Frosi, UCS, que está em desenvolvimento. Na região de colonização italiana, RCI, predominam antropônimos tendo grande destaque a presença de hierotopônimos, nomes sagrados. Tal característica revela a fé católica como forte traço da cultura italiana. Pudemos observar através das leituras e, principalmente, da participação no último Congresso Internacional de Letras realizado por nossa Universidade, que nossa região difere do restante do país, pois aqui são raros os nomes de procedência indígena ou africana. O Congresso, tendo a área da toponímia coordenada por Karilleila dos Santos Andrade e

Vitalina Maria Frosi, fez referência a trabalhos de pesquisa em início em diversas regiões do país. Atualmente, em nossa Universidade temos pesquisas sendo realizadas em Caxias do Sul, São Marcos, Galópolis, Antônio Prado e a presente dissertação com estudos em Farroupilha.

O nome tem origem grega *TOPOS* = *lugar* e *ONOMA* = *nome*. Na linguística, a **onomástica** estuda os nomes próprios e a **toponímia** como subdivisão da onomástica estuda os nomes dos lugares. Em todas as línguas existem palavras arbitrárias e opacas, sem conexão direta entre som e sentido, já outras são motivadas e de sentido transparente. (ULLMANN, 1964, apud DICK, 1990, p. 34) Segundo Marcato, onomástica também é o conjunto dos nomes próprios de uma língua ou característicos da língua de determinada sociedade, diferente da antroponímia que abrange os nomes de pessoas, a onomástica abrange todos os nomes próprios (MARCATO, 2009, p.9).

Stuart Mill, com seu sistema de lógica mostra a diferença entre nome próprio e nome comum: enquanto o nome próprio se define por aquilo que chamou de função de identificações ou designativa, os nomes comuns corporificam uma função significativa ou conotativa; quer isto dizer que o nome próprio (igual a topônimo e/ou antropônimo) não participa de um universo de significação porque é *opaco*, vazio de sentido, empregado sempre como referencial, sem relação com a primitiva etimológica, o que não acontece com o substantivo, cuja significância é transparente (DICK; 1990, p. 6).

Uma das principais características do topônimo é ser motivado, ou seja, a denominação no momento da escolha passa por um processo seletivo. Um nome pode ser transparente ou opaco e tais modalidades configuram perspectivas diacrônicas e sincrônicas. Embora o topônimo seja animado por substância de conteúdo, seu emprego adquire uma dimensão maior, ou seja, o que era arbitrário, a partir do momento em que se transforma em nome, passa a ser motivado. Os nomes exercitam funções desde que seus constituintes apresentem uma projeção do real tornando clara a natureza semântica do seu significado. Podemos citar como funções do topônimo, além de indicar acidentes físicos, indicar também aspectos antropoculturais. Segundo Dick (1990, p.19), a evidência dos significados não deve ser aceita com rigor pelas ciências onomásticas, pois tais significações nem sempre são possíveis devido à opacidade que alguns nomes adquirem.

A principal característica da toponímia é a elaboração da etimologia dos nomes próprios de lugares. O topônimo, seu principal objeto de estudo, está sujeito às consequências do tempo e pode ser considerado um produto cultural que revela a realidade material e espiritual do ser humano. Segundo Dick (1990, p.6), investigar o sentido dos denominativos deve ser o ponto de partida dos estudos toponímicos. Para Quijada (1985, p.33), o topônimo

testemunha a presença do ser humano em determinadas áreas, tornando-se assim aliado da história. Guiraud (apud DICK, 1990, p. 40) afirma que os nomes fazem parte da modalidade relativa ao ser com finalidade de comunicar um saber. Dauzat (1947, p. 9) percebe os topônimos como fósseis linguísticos. O fóssil pode ser *gramatical*, pode trazer consigo prefixos e sufixos de línguas mortas como o latim. Também pode ser *lexical* e trazer consigo antigos significados como no caso de ORVIETO (na Itália) de *urbs*, urbano. São fragmentos de línguas faladas nos lugares antigamente, como animais fossilizados. (DICK, 1990, p. 45)

A grande diversidade natural e cultural do Brasil pode ser percebida através da escolha dos nomes dos lugares. Em Dick (1990, p. 8), os estudos toponímicos “comportam considerações não só referentes aos nomes de origem portuguesa, como aos dos dois outros abstratos linguísticos existentes”, o indígena e o africano, além dos modernos nomes resultantes da colonização europeia. De acordo com Dick (1990), o homem como membro de um grupo representa por introjeção de costumes e hábitos parcela significativa do pensamento coletivo. Para Quijada (1985, p.29), através dos topônimos a nação adquire sua personalidade geográfica própria e se particulariza com relação aos outros territórios do mundo. Normalmente os nomes próprios são motivados e seus significados se tornam registros de épocas, fatos históricos e elementos da cultura humana. Dick chama de *arquetipos* ou *formas comuns motivadoras* os “padrões que traduzem ou enfocam o mesmo ângulo em relação à caracterização dos acidentes geográficos”.

A tipologia expressiva dos designativos pode expressar uma função icônica ou simbólica, ou seja, seus elementos constitutivos evidenciam a existência de um vínculo entre eles e seu referente – acidente geográfico físico: rio, lago, morro, montanha, etc., ou humano: vila, povoado, cidade, rodovia, ponte, etc. (DICK, 1990, p. 39)

Dessa forma, o topônimo apresenta uma forma aproximada do real, tornando clara a sua natureza semântica. É o caso de *Rio Grande*.

Segundo Mouly (apud DICK, 1990, p. 47), as condições internas, ou seja, padrões aprendidos de comportamento, tornam o indivíduo receptivo às condições externas, procurando satisfazer suas necessidades. Para a toponímia, é importante compreender os elementos que influenciam os grupos no ato de nominar os lugares. Segundo Dick (1990, p.48-50), a motivação pode ser encarada sob dois diferentes aspectos: o primeiro são as razões que levam dentro de um processo pragmático de possibilidades a selecionar aquela que corresponde às suas necessidades de opção. O segundo é a origem do produto de tal escolha, ou seja, a própria substância do topônimo realizado por seus componentes linguísticos. As

circunstâncias socioculturais nas quais o grupo está inserido podem facilitar o conhecimento dos motivos que o levaram à escolha.

Para Stewart (apud DICK, 1990, p. 50), o ideal seria que os estudiosos da área tivessem mais conhecimentos da psicologia humana para chegar aos verdadeiros motivos da motivação. Também afirma que é normal a existência de um motivo básico e um secundário no momento da escolha. Segundo ele, ao toponimista interessa a análise da natureza semântica dos nomes. O autor ainda nos oferece um sistema de classes de topônimos que mais adiante é retomado por Dick.

Dolfuss sintetiza as considerações de vários geógrafos acerca da definição de espaço geográfico:

Espaço geográfico é aquele espaço percebido e sentido pelos homens em função tanto de sistemas de pensamento como de suas necessidades. À percepção do espaço real, campo, aldeia ou cidade, vêm somar-se ou combinar-se a elementos irracionais, míticos ou religiosos. Assim, as grandes montanhas constituem a morada dos deuses, desde o Olimpo para os gregos da Antiguidade até o Annapurna para as populações do Nepal. A água está pejada de significação; há fontes e lagos sagrados, mas a ideia de coisa sagrada pode associar-se a utilização precisa de um elemento do espaço. Cada agrupamento humano possui uma percepção própria do espaço por ele ocupado e que desta ou daquela maneira lhe pertence... (DOLFUSS, 1978, apud DICK, 1990, p. 63).

A paisagem brasileira dificilmente poderia compor e sustentar o estilo de vida europeu. De acordo com Ivan Lind (1963), houve um esvaziamento do conteúdo semântico perdendo-se uma grande parte de palavras que não se adaptam a nova realidade, como *burgo*, *castelo*, *solar*. O europeu sente necessidade de conquistar a etnia que faz parte da paisagem brasileira e o faz através do aprendizado da língua podendo assim captar o verdadeiro significado das expressões linguísticas que traduzem a cosmovisão do indígena. (LIND, 1963, apud DICK, 1990, p. 64-65)

De acordo com Sapir (1968), o conceito de linguagem distingue o ambiente *físico* do *social*. São incluídas no físico as características geográficas como o relevo, o clima, as chuvas e o que se pode chamar de economia da vida humana, pode-se citar em particular a fauna, a flora e as reservas minerais da região. No ambiente social são as diversas forças da sociedade que compõem a vida e o pensamento de cada indivíduo. Sapir cita como principais forças sociais determinantes a religião, os valores étnicos, o sistema político e a arte (SAPIR, 1968, apud DICK, 1990, p.66).

Estudos de Carlos Drummond e Raimundo Moraes (1944, apud DICK, 1990, p.76-79) nos apresentam o capítulo das séries cromáticas, revelando a grandíssima influência das cores

da paisagem, especialmente da Amazônia e seus rios na formação de nomes; como melhores exemplos citam a formação de nomes como *Rio Branco* e *Rio Negro*, os quais foram nominados a partir da cor das águas, tanto pelos índios quanto pelos colonizadores. Citam, ainda, uma série de exemplos em que a cor é elemento comum entre índios e brancos no momento de nominar. Através de sua pesquisa, Drumond apresenta os seguintes dados: os denominativos *quadrado* e *curto* só aparecem em raros acidentes físicos na forma feminina, o que evidencia a preferência dos nominativos na forma masculina. Observou-se um equilíbrio quanto aos determinantes *comprido* e *comprida*, nesses termos, referiu-se apenas aos topônimos em posição sintagmática inicial.

Quanto à estrutura do signo toponímico, o que normalmente ocorre é a junção do nome próprio a um termo ou elemento genérico relativo ao acidente a ser nominado de forma justaposta ou aglutinada, dependendo da estrutura da língua em questão, ex.: *Rio das Amazonas*, *Paraúna* (Rio Negro). Segundo Dick (1990, p.10), nos casos de aglutinação é comum o termo genérico perder sua função própria tornando-se um complemento do termo específico, ex.: *Jaciparaná* (paraná da lua). Em outros casos, o termo genérico incorpora um qualitativo que não o anula, mas explica. Ex.: *Caburái* (espuma d'água). Não apenas as línguas indígenas, mas também a língua portuguesa está repleta de exemplos, é o caso de *Porto Seguro*. Segundo Dick (1990, p.13), o topônimo ou elemento **simples** é aquele que se define através de formação única, substantivo ou adjetivo, apresentando às vezes prefixos e sufixos. Ex: *Baixadão*, *Arrozal*. O topônimo **composto** apresenta mais de um formador, dois ou mais conteúdos. Ex: *Baixinha de Todos os Santos*. O topônimo **híbrido** recebe em sua formação elementos de diferentes procedências, as maiores ocorrências no Brasil são de hibridismos de português com línguas indígenas. Ex: *Mirante do Parapanema*. (DICK, 1990, p.14-15). A seguir, Dick (1990, p. 31) nos apresenta as principais taxonomias registradas ao longo de seus estudos em muitas regiões do Brasil.

3.3 TAXIONOMIAS DE NATUREZA FÍSICA

- 1 - **Astrotopônimos:** são os topônimos relativos aos corpos celestes em geral. Ex: *Estrela*, *Saturno*.
- 2 - **Cardinotopônimos:** são os topônimos que se referem às posições geográficas em geral. Ex: *Praia do Leste*, *Lagoa do Sul*.
- 3 - **Cromotopônimos:** são os topônimos relativos à escala cromática. Ex: *Rio*

Negro, Serra Azul.

- 4 - **Dimensiotopônimos:** referem-se às dimensões dos acidentes geográficos, profundo, largo, comprido. Ex: *Larga, Riacho Grosso, Morro Alto, Córrego Fundo.* (DICK; 1990 p.31)
- 5 - **Geomorfotopônimos:** são topônimos motivados a partir do relevo. Segundo Dauzat (1934, apud DICK, 1990, p.114) nada é mais natural que dar nome aos lugares a partir de suas particularidades topográficas mais evidentes. De acordo com Dick,

O estudo do relevo permite que se tenha uma panorâmica histórica das etapas sucessivas de povoamento, por outro lado a Toponímia está capacitada a demonstrar, do ponto de vista linguístico, os diversos estratos humanos que se escalonaram no território em questão (DICK, 1990, p. 118).

Temos como exemplos: *Morro Agudo, Morro Alegre, Monte Cristo, Monte Serra.*

- 6 - **Litotopônimos:** topônimos de índole mineral, a natureza constitutiva dos solos e dos terrenos. Areia, barro, lama, pedra. É grande o número de topônimos na zona de mineração com os vocábulos *ouro, prata, pedra, esmeralda, etc.*. Ex: *Terra Alta, Barro Branco, Terra Roxa, Pedras Brancas.*
- 7 - **Fitotopônimos:** a vegetação é a fonte motivadora, pela diversidade da flora também se podem delimitar espaços e conseqüentemente gerar nomes.

De maior valia para o estudo científico se torna, assim, o topônimo, quando a espécie por ele lembrada se encontra em conjunção à área geográfica de sua ocorrência, e mais ainda, quando se trata de um tipo florístico já extinto (DICK, 1990, p.196).

Ex: *Buriti Alto, Campina Grande, Campo Formoso, Caatinga, Gravatal.*

- 8 - **Hidrotopônimos:** são topônimos referentes aos cursos de água.

O aparecimento de topônimos nos mais diferentes ambientes, revestindo uma natureza hidronímica propriamente dita, vincula-se à importância dos cursos d'água para as condições humanas de vida. (...) Se a água consubstancia o alimento vital do ser humano, representa também, para ele, outro fator de significação, na medida em que lhe oferece meios e condições locomotoras. Lá se definiram os rios, por isso mesmo, de **os caminhos que andam**, permitindo ao indivíduo que dele se utiliza um processo dinâmico de intercâmbio cultural. Trocas materiais e espirituais se sucedem, assim, às margens de vias navegáveis, expandindo por essa forma, usos e costumes que, de outro modo, permaneceriam quem sabe, desconhecidos de quantos. (DICK, 1990, p.196-197)

Muitos desses nomes são de línguas indígenas outros são portugueses, mas partem dos mesmos motivos que os indígenas para nominar. A riqueza dos nomes indígenas está no fato de preservarem termos e expressões das primeiras línguas faladas no Brasil. Temos aqui belos fósseis linguísticos. Ex: *Paraná (o braço do rio)*, *Igarapé (caminho da canoa) do Açaí*, *Cachoeira de Pedra*, *Lago Verde*.

- 9 - **Zootopônimos:** nesta categoria, a natureza continua sendo a grande força motivadora de nomes antes da presença dos colonizadores. De acordo com Dick, dificilmente um desses nomes estaria desvinculado da existência real da espécie.

O animal, porém, não participa apenas utilitariamente de uma comunidade primitiva, na medida em que lhe serve de fonte alimentícia. Sua função quase sempre, vai mais longe, figurando em um eixo relacionante integrado por ele mesmo e pelo próprio homem que o personifica. (DICK, 1990, p. 261)

Ex: *Jabuti*, *Araras*, *Urutu*, *Cavalos*, *Vaqueiro*.

- 10 - **Meteorotopônimos:** são os topônimos que se referem aos fenômenos meteorológicos. Ex: *Serra do Vento*, *Riacho das Neves*, *Cachoeira da Chuva*, *Chuvisco*.
- 11 - **Morfotopônimos:** refere-se à forma geométrica dos topônimos. Ex: *Curva Grande*, *Ilha Quebrada*, *Lagoa Redonda*, *Triângulo*.

As taxionomias de natureza antropocultural:

Os topônimos antroponímicos revelam no povo que os escolhe: ou acanhado horizonte mental, ou oportunidade e autolatéria, ou modéstia e espiritualidade, ou acentuada intelectualidade e sentimento cívico consoante aos nomes escolhidos sejam respectivamente de pessoas anônimas ou de potentados, ou de santos ou de efemérides religiosas, ou de homens ilustres nas letras, artes e ciências ou de relevo histórico (regra de DAUZAT-BACKHEUSER, 1952, apud DICK, 1990, p 294).

3.4 TAXIONOMIAS DE NATUREZA ANTROPOCULTURAL

- 1 - **Antropotopônimos:** a diversidade da motivação na escolha dos nomes próprios denota um reflexo da natureza psicossocial do homem, das tendências e costumes dominantes em sua época e em seu meio. A identificação individual, através dos apelidos ainda é a melhor maneira de se designar os elementos de um grupo humano qualquer (ULLMANN, 1964, apud DICK, 1990, p. 293). O emprego dos nomes próprios na toponímia de uma determinada zona geográfica e a existência dos nomes históricos ou de projeção nacional são facilmente identificáveis

porque são conhecidos pela maioria (DICK, 1990, p. 296). Em Portugal, Leite Vasconcelos (1931, apud DICK, 1990, p. 290) procura precisar cada característica dos nomes próprios examinando conjuntos onomásticos individuais. Segundo ele, aquilo que no Brasil consubstancia o **apelido de família** deve ser entendido como **patronímico** nome de pessoa ou expressão religiosa que se junta imediatamente ao nome próprio, já a **alcunha** comportaria um epíteto, bom ou mau, aplicado pelos outros, relacionado a características físicas ou morais. No sistema denominativo individual português, o apelido de família traz a ideia de casta ou filiação hereditária, a mesma presente na substância da **gens** romana. Assim, por transmissão cultural, a fórmula brasileira de dar nomes baseia-se no direito romano, incorporando dois temas básicos, o **prenome** e o **apelido de família**. Dick cita nomes que indicam reverência a personalidades **políticas e históricas do país**: *Brás Cubas- Deodoro da Fonseca – Floriano Peixoto – Flores da Cunha – Pinheiro Machado*. Nomes que relembram personalidades do mundo **das letras e das ciências** em geral: *Casimiro de Abreu – Euclides da Cunha – Osvaldo Cruz – Rui Barbosa – Monteiro Lobato*. Os antropotopônimos também costumam aparecer modificados por algumas desinências e, mesmo, formas sufixais: **-lândia**: *Euclidelândia – Glaucilândia – Marilândia – Orlândia*; **- burgo**: *Felisburgo – Luisburgo – Cordisburgo*; **- polis**: *Florianópolis – Mirandópolis – Anápolis*. Algumas formas sufixais empregadas em antropotopônimos: *Almadina – Montalvânia – Florínea – Sandovalina*.

- 2 - **Hierotopônimos**: os hierotopônimos são vinculados aos nomes sagrados de diferentes crenças, de associações religiosas de seus membros, locais de culto, além de datas ou efemérides relativas a tais circunstâncias. De acordo com Dick (1990, p. 312), o Brasil nasceu sob o signo da fé e é nesse elemento que devemos buscar as raízes da toponímia religiosa nacional. Dick nos lembra que no período da colonização, Portugal devia obediência a Roma por ser o grande país católico, transformando em realidade a intenção evangelizadora do Papa Alexandre VII preconizada na *Bula Inter-Cetera*, de 4 de maio de 1493, retificada depois pelo tratado de *Tordesilhas*, com vistas às terras do Novo Mundo. Nomes de santos mais comuns no Brasil: **São José – Santo Antônio – São Francisco – São João – São Joãozinho – São Paulo – São Pedro – São Paulo de Oliveira – São Sebastião – São Miguel – São Domingos**. Já o emprego de nomes de santas é

menos frequente que nomes masculinos, recaindo a preferência popular em **Santa Ana**, sob a forma contracta **Santana**, desde que não se considere a posição ocupada pela Virgem Senhora, sob a especificidade de **Santa Maria**. Na sequência, Dick aponta **Santa Rita, Santa Rosa, Santa Bárbara, Santa Isabel e Santa Luzia**. Os nomes de santos formam como subdivisão dos hierotopônimos a classe dos **hagiotopônimos**. Também são registrados vários topônimos partindo de títulos de religiosos católicos: *Dom - Frade - Frei - Padre - Madre - Monge - Monsenhor - Bispo - Cardeal - Cônego*. Registros de templos religiosos são mais comuns na Europa, mas no Brasil foram encontrados alguns registros como: *Igreja - Capela de Santana - Capela Nova - Capelinha do Amparo* (DICK, 1990, p. 345). Os hierotopônimos comportam ainda a subclassificação dos chamados **mitotopônimos**, os nomes de lugares de natureza mitológica. Na realidade, as personagens míticas cultuadas no Brasil estão muito mais próximas do lendário indígena que da cultura europeia, razão pela qual os mitos dessa procedência foram consagrados, com maior variedade, na toponímia pátria. (DICK, 1990, p. 346). Alguns exemplos e seus significados: **Caipóra** – gênio anão de um pé só que trazia desgraça ou insucesso para quem o avistava; **Tupã** – cuja voz se fazia ouvir por ocasião das tempestades; **Uyaras** – dama das águas; **Tamandaré** – personagem mítica do dilúvio dos selvagens. (SAMPAIO, 1901, apud DICK, 1990, p. 348). De acordo com Arthur Ramos, como várias das práticas africanas se mesclaram aos cultos cristãos, foram registrados poucos nomes mitológicos de origem africana, dentre eles: **Exu** – os negros o assimilaram ao diabo dos cristãos; **Zumbi** – fantasma que vagueia altas horas da noite. (RAMOS, 1951, apud DICK, 1990, p. 349) Os hierotopônimos estão entre as classes mais expressivas da toponímia brasileira, os motivos religiosos sempre estiverem presentes em todas as etapas históricas do país.

- 3 - **Animotopônimos:** abrangem todos os produtos do psiquismo humano, sua matéria prima não pertence ao meio físico. *Afeto - Bondade - Harmonia - Ilusão - Esperança - Feliz - Encantado - Maravilha.*
- 4 - **Ergotopônimos:** são relativos à cultura material do homem: *Anel - Balsas - Arcos - Lança - Camisa - Baú - Faca - Leque.* Grande parte dos ergotopônimos é de origem indígena: *Caiçara - Cambuci - Jirau - Maracá - Paçoca - Pindá.*
- 5 - **Sociotopônimos:** tratam dos nomes de lugares relativos às atividades profissionais e aos locais de trabalho e pontos de encontro dos grupos

comunitários. Ex: *Oficina, Pracinha, Engenho Novo*.

- 6 - **Poliotopônimos:** referem-se a aglomerados humanos. Ex: *Vila, Povoado, Cidade*.
- 7 - **Ecotopônimos:** nomes relativos à habitação em geral: Ex: *Casa, Sobrado*, etc. Exemplos de nomes indígenas que se referem à habitação: *Maloca, Tapera*. Nomes africanos da mesma natureza: *Cubatão, Mocambo, Quilombo*.
- 8 - **Historiotopônimos:** são datas ou efemérides nacionais, desmembrados dos cronotopônimos; *Bandeirante, Canudos, Independência, Inconfidência*.
- 9 - **Cronotopônimos:** os topônimos que encerram indicadores cronológicos representados na toponímia pelo adjetivo *novo/nova*: *Nova Olinda, Nova Roma*.
- 10 - **Numerotopônimos:** são constituídos por adjetivos numerais: *Dois Buritis, Barras, Quatro Bocas*.
- 11 - **Etnotopônimos:** são relativos a agrupamentos étnicos: *Francês, Índia, Baiana, Uruguaiana*. Também foram registrados nomes de grupos indígenas: *Carajás, Guarani, Guarulhos, Tupi*.
- 12 - **Somatopônimos:** são nomes metafóricos referentes a partes do corpo humano ou do animal: *Pé de Boi, Pé de Galinha, Dedo Grosso, Mão Quebrada*.
- 13 - **Axiotopônimos:** são títulos que acompanham nomes próprios individuais: *Presidente Prudente, Doutor Pedrinho, Duque de Caxias*.
- 14 - **Corotopônimos:** relativos a nomes de cidades, países, regiões e continentes: *Brasil, Amazonas, Europa, Itália*.
- 15 - **Dirrematotopônimos:** são compostos por frases ou enunciados linguísticos: *Há Mais Tempo, Valha-me Deus, Vai Quem Quer, Deus Me Livre*.
- 16 - **Hodotopônimos ou odotopônimos:** Referem-se a vias de comunicação, meios de acesso: *Ladeira, Rua de Palha, Estradas*.

A diversificação da natureza do topônimo ligada a campos semânticos vários, como se pode notar, põe em evidência a própria conformação dos **motivos** que o animam. Desde que se constituem na tônica principal do aparecimento das designações geográficas, não será exagero dizer que se afirmam como verdadeiros adjetivos dos nomes de lugares, qualificando-os e permitindo que se estabeleça a função identificadora que trazem consigo.

Identificar acidentes geográficos, significando, é, sem dúvida, a primeira qualidade que se infere do *signo toponímico*. Cabe lembrar a *iconicidade toponímica*, ou seja, o topônimo é um ícone, na medida em que descreve o acidente, tornando objetiva a causa do próprio chamamento (DICK, 1990, p. 366).

4 METODOLOGIA

Buscamos nesse capítulo, apresentar o percurso feito para a realização da pesquisa documental e organização das informações levantadas. Depois de realizada a leitura do referencial teórico, optamos pelo preenchimento da ficha lexicográfico-toponímica, que deu direcionamento a pesquisa marcando as diferentes etapas. Várias vezes durante a pesquisa recorremos a autores italianos, todas as traduções literais e parciais foram realizadas pelo autor desse texto. Nosso trabalho teve o seguinte desdobramento:

- 1) Primeiramente, fizemos o levantamento dos nomes dos bairros e distritos do município de Farroupilha. Para isso utilizamos mapas existentes nos arquivos da Prefeitura de Farroupilha, mapas fornecidos pelo correio, guias turísticos, e, principalmente, mapas obtidos junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE-RS.
- 2) A segunda etapa compreendeu a pesquisa documental junto à prefeitura, museus, correios e demais entidades que puderam oferecer informações sobre os motivos que levaram aos nomes dos bairros e distritos. Foram lidas várias atas das assembleias da Câmara de Vereadores em que se decidiu pelo uso dos topônimos estudados, optamos por não anexá-las ao trabalho porém os devidos números de atas e leis estão citados no campo *histórico* das fichas lexicográficas e podem ser acessados pelo site da prefeitura de Farroupilha citado na bibliografia. Também foram lidas matérias produzidas por jornais locais referentes aos bairros e distritos, leu-se também entrevistas realizadas com moradores antigos e publicadas pelos jornais locais e finalmente foram lidos documentos antigos e materiais de divulgação do turismo local.
- 3) Na terceira etapa, foi feito o estudo etimológico de todos os nomes. Consultados os principais dicionários etimológicos, confrontados os dizeres específicos, selecionados e transcritos os que julgamos pertinentes. No caso de dicionários etimológicos italianos, realizaram-se traduções dos verbetes para o português.
- 4) Na etapa seguinte, com o apoio de dicionários, foi feita a descrição morfológica de todos os topônimos apurados.
- 5) Uma vez concluída a pesquisa etimológica e morfológica, foram apuradas as informações enciclopédicas. Para isso valemo-nos de leituras várias, disponíveis em obras publicadas, impressas e eletrônicas.

- 6) A etapa seguinte consistiu na elaboração de um histórico para cada bairro e distrito. Procuramos além citar informações relevantes ainda não apresentadas sobre os lugares, citar os motivos que levam aos atuais nomes.
- 7) Uma vez levantadas todas as informações possíveis, foi preenchida uma ficha lexicográfico-toponímica para cada topônimo, contendo as informações apuradas sobre os nomes estudados no processo de pesquisa, de acordo com o modelo apresentado por Dick. Optamos pelo modelo de Dick, pois as fichas já foram testadas em projetos em outras regiões apresentando uma forma sistematizada e clara de direcionar a pesquisa e de registrar e organizar as informações registradas. Optamos por excluir alguns campos do modelo original, pois observamos, no caso de nossa pesquisa, que algumas informações se repetem. No primeiro campo da ficha, temos a localização geográfica do lugar em relação ao centro do município de Farroupilha, o número marcado nesse campo indica a localização no mapa em anexo. No segundo campo, citamos o topônimo do local identificado. No campo seguinte, a abreviação A. H. indica o tipo de acidente humano analisado, município, distrito, bairro, rua, etc. No campo da etimologia, registramos informações de diferentes autores sobre a origem do topônimo. No próximo campo, o histórico, registramos informações sobre a lei que determinou o topônimo, os possíveis motivos para a escolha do mesmo, informações atuais e possíveis curiosidades sobre o local. No campo das informações enciclopédicas procuramos reunir informações sobre lugares, pessoas ou fatos que possam ter difundido o uso do nome. Também registramos nesse campo possíveis fatos históricos referentes ao local. Tendo preenchidos os diferentes campos, podemos ter uma leitura bem detalhada do topônimo, observando suas origens, sua formação morfológica, as transformações do nome ao longo do tempo, os possíveis motivos que levaram à escolha do mesmo. Também se pode ter referência a pessoas, lugares e fatos que possam ter difundido o uso do topônimo.
- 8) Na etapa seguinte foram montados gráficos mostrando os diferentes tipos de topônimos e foram configuradas as motivações com as respectivas frequências.
- 9) Finalmente procedeu-se a elaboração do texto com as devidas reelaborações e adequações que se mostraram necessárias. A pesquisa foi baseada em dados documentais.

No capítulo seguinte estão apresentadas as fichas lexicográfico-toponímicas separadas por categorias.

5 TOPÔNIMOS DE FARROUPILHA

Temos, nesse capítulo, o levantamento e a classificação dos nomes dos 26 bairros e 4 distritos de Farroupilha registrados na prefeitura até o final de 2011. São apresentadas as fichas lexicográfico-toponímicas dos nomes de acordo com o modelo estabelecido por Dick. Nelas constam informações como localização do topônimo, tipo de acidente humano, taxionomia, etimologia, estrutura morfológica, histórico e informações enciclopédicas. As fichas foram organizadas em ordem alfabética. Em Farroupilha foram registradas as seguintes categorias de topônimos: Animotopônimos, astrotopônimo, cardinotopônimo, corotopônimos, cronotopônimos, dimensiotopônimo, etnotopônimo, fitotopônimo, geomorfotopônimos, hagiotopônimos, historiotopônimos, poliotopônimo e sociotopônimo.

A primeira categoria é a dos animotopônimos, com 2 ocorrências em Farroupilha.

5.1 ANIMOTOPÔNIMOS

Os animotopônimos são também classificados por Dick como nootopônimos, abrangem todos os produtos do psiquismo humano. Seu aspecto mais importante não é a natureza física. São registradas duas ocorrências representando 6,6% dos 30 nomes em análise.

Quadro 2 - Animotopônimo 01

Localização geográfica	Noroeste do 1º Distrito, Farroupilha. Ver mapa 3 em anexo, bairro nº 6.
Topônimo	Bela Vista
AH	Bairro
Taxionomia	Animotopônimo ou corotopônimo
Etimologia	Segundo Nascentes (1943, 4º tomo, p. 403) é o"ato ou efeito de ver. Sentido da visão. Órgão visual. O que se vê, panorama, estampa.(...) (De um part. pass. <i>visitu</i> , do latim <i>visere</i> , que substitui <i>visu</i> , de <i>videre</i> , ver).Do lat. bellus , diminutivo especial de bonus e vem de uma forma *dwenolos ; tb. Tem o sentido de valeroso . *dwenos de um lexema *dw , *du ; no sentido de 'valor' pode se aproximar do gót. Taujan , tewa , ordem; conjunto de qualidades que despertam sentimento de agrado". (NASCENTES, 1943, 1º tomo, p. 287). Houaiss (2009, p. 275) nos apresenta as seguintes formas latinas: " <i>Bellus, a, um</i> 'belo e bela, bonito e bonita". Capacidade visiva do olho.
Estrutura morfológica	Topônimo composto, também chamado elemento específico composto. Lexema 1, adjetivo, radical <i>bel-</i> + morfema flexional de gênero <i>-a</i> . Lexema 2, substantivo, radical <i>vist-</i> + vogal temática <i>-a</i> .
Histórico	O Bela Vista não foi dividido e sim incorporado a um loteamento particular formando uma extensa área entre o Belvedere e a RST 453.Tornou-se bairro a partir de 13 de junho de 1984 através da lei 1.359. Por falta de registros não chegamos à fonte que inspirou o nome. Seriam hipóteses: No Brasil existem locais importantes chamados Bela Vista. O topônimo se repete em cidades menores e outros bairros do país. O Brasil quando começou a ser colonizado proporcionou paisagens belas aos colonizadores que já conheciam a expressão bela vista em forma de topônimo, pois o nome é bem difundido por toda a Europa. Devido à dupla possibilidade da origem do nome optamos por

	classifica-lo primeiramente como animotopônimo, pois a presença do belvedere no local e a paisagem evidenciam essa possibilidade, porém não encontramos registros que evidenciem que o nome não tenha sido inspirado pelo distrito de São Paulo ou pelo bairro de Porto Alegre, assim optamos, como segunda possibilidade por classifica-lo como corotopônimo.
Informações enciclopédicas	Bela Vista, distrito de São Paulo, compreende o famoso Bairro do Bixiga e o Morro dos Ingleses. No Brasil também temos o município Bela Vista, no Mato Grosso do Sul com 23.290 habitantes, faz fronteira com o Paraguai e é banhado pelo rio Apá. Em Porto Alegre temos um bairro nobre com o mesmo nome, pois está localizado no alto do morro de onde se pode ver toda a cidade (http://pt.wikipédia.org/wiki/Bela-Vista).

Quadro 3 - Animotopônimo 02

Localização geográfica	Noroeste do 1º Distrito, Farroupilha. Ver mapa 3, em anexo, bairro nº 5.
Topônimo	Belvedere
AH	Bairro
Taxionomia	Animotopônimo
Etimologia	Topônimo originário do italiano, <i>Belveder</i> , de onde se pode apreciar uma bela vista. Pavilhão do vaticano construído durante os pontificados de Inocêncio VIII (1432-1492) e de Júlio II (1443-1513), onde há uma rica coleção de esculturas antigas, dentre as quais a famosa estátua de Apolo (MACHADO, 2003, p. 238).
Estrutura morfológica	Topônimo composto ou elemento específico composto. Lexema 1, radical <i>bel-</i> + vogal temática – <i>-Ø</i> . Lexema 2, radical <i>ved-</i> + vogal temática – <i>e</i> da segunda conjugação + sufixo verbal, modo temporal do infinitivo impessoal da segunda conjugação – <i>re</i> .
Histórico	O bairro e o nome surgem por reivindicação dos moradores, que votaram pelo desmembramento dos bairros vizinhos, especialmente o Bela Vista, assim, através da lei 2.819 de 02 de dezembro de 2003 ficou instituído o Bairro Belvedere. A região de colonização italiana do alto da serra gaúcha tem muitos pontos assim chamados. Normalmente estão no alto da colina ou monte à margem de uma das estradas principais. É provável que a presença de um belvedere no local tenha sido a motivação dos moradores no momento da escolha do nome (www.jornalfarroupilha.com.br/notícia . 03-06-2012 último acesso 04-06-12).
Informações enciclopédicas	De acordo com Houaiss (2001, p. 429), tem o significado de “pequena construção isolada num jardim ou parque de onde se desfruta de um panorama, miradouro”. Outros sentidos constantes para esse mesmo verbete são: “terraço elevado, pequeno mirante ou pavilhão do qual se avista um vasto panorama; (...) lugar elevado do qual se descortina amplo panorama”. Em Devoto e Oli (1990, p. 210), consta a explicação “lugar do qual se pode gozar um vasto panorama, via de regra disposto para tal fim, para uso público e privado.”

5.2 ASTROTOPÔNIMO

Os astrotopônimos são de natureza física e são relativos aos corpos celestes em geral. Apenas um nome dentre os estudados ocorre em Farroupilha nessa categoria, representando 3,3% do total.

Quadro 4 - Astrotopônimo 01

Localização geográfica	A norte do 1º Distrito, Farroupilha. Ver mapa 3, em anexo, bairro nº 9.
Topônimo	Bairro Cruzeiro
AH	Bairro
Taxionomia	Astrotopônimo
Etimologia	“Derivado de cruz. CRUZ: Forma semiculta do lat. <i>cruce</i> , 'cruz'. A permanência do <i>u</i> atribui-se à infl. eclesiásticas, pelas frequentes citações latinas nos sermões, em que se verifica o lat. <i>crux</i> sob as variadas f. desinenciais. Conclui-se daí que o port. <i>cruz</i> não é vocábulo inteiramente pop., mas semiculto. (...) O vocábulo é talvez de origem punica. (...) Parece que o segundo - <i>c</i> - do lat. <i>crux</i> (= <i>cruc-s</i>) é reduplicação do <i>c</i> - inicial” (GUÉRIOS, 1979, p.66). De acordo com Houaiss (2009, p.579) o nome <i>cruzeiro</i> pode ser "Adj. (sXV) que possui forma de cruz, marcado por uma cruz. S.m. grande cruz erguida em certos adros de igreja estradas praças, cemitérios etc. (...) ETIM <i>cruz</i> + <i>eiro</i> . Derivado de <i>cruz</i> , <i>crux</i> ou <i>crūcis</i> no latim ”.

Estrutura morfológica	Elemento específico simples. Substantivo, radical <i>Cruz-</i> + sufixo derivacional <i>l</i> com sentido de relação <i>-eir</i> + vogal temática nominal <i>-o</i> (HECKER, BACH, MASSING, 1984, p. 1411).
Histórico	O nome surge da vontade dos moradores da região entre os bairros São Roque e Santa Catarina que através de abaixo assinado reivindicaram a institucionalização do mesmo. Assim, através da lei 2.639 de 13 de novembro de 2001 o local passa a chamar-se Bairro Cruzeiro. A população do bairro é formada em sua maioria por migrantes de diversas regiões do estado.
Informações enciclopédicas	De acordo com Ferreira (1986, p. 505) o nome <i>cruzeiro</i> refere-se a algo ou lugar que tem uma cruz. Provavelmente refere-se às cinco estrelas dispostas em forma de cruz. <i>Cruzeiro</i> é sinônimo de <i>cruz do sul</i> .

5.3 CARDINOTOPÔNIMO

Os cardinotopônimos são motivados por pontos cardinais, indicando a localização do topônimo no espaço. O único representante da categoria é o Centro, representando 3,3% de ocorrência.

Quadro 5 - Cardinotopônimo 01

Localização geográfica	Ao centro do 1º Distrito, Farroupilha. Ver mapa 3, em anexo, bairro nº 21.
Topônimo	Centro
AH	Bairro
Taxionomia	Cardinotopônimo
Etimologia	Do lat. <i>centrum</i> (<i>m</i>), do gr. <i>kéntron</i> ‘pino’, depois ‘ponto central’ (ZINGARELLI, 1983, p. 340). “Ponto para onde convergem as coisas. Do lat. <i>centrum-i</i> ; deriv. do gr. <i>Kéntron</i> ”, centro (CUNHA, 2001, p. 172).
Estrutura morfológica	Elemento específico simples. Radical <i>centr-</i> + vogal temática <i>-o</i> (HECKER; BACK; MASSING, 1984, p. 1081).
Histórico	O centro teve início com a chegada do trem. Em torno da estação Nova Vicenza começam a surgir casas de comércio e várias famílias já instaladas em Nova Milano e Nova Vicenza (velha) se mudam para perto da estação formando a Nova Vicenza Nova. A construção da rodovia estadual Júlio de Castilhos, que iniciava em São Sebastião do Caí, passava por Nova Milano, pelo centro da cidade (por isso ainda hoje mantém traçado irregular e sinuoso se diferenciando das demais vias do centro), terminando em Antônio Prado, ajudou a transformar o local na principal via de expansão comercial da região (Guia Turístico <i>Bem Vindo a Farroupilha</i> , 2012, p. 6).
Informações enciclopédicas	Conforme Cortelazzo e Zolli, (1984, p. 224), a palavra tem vários significados, dentre eles, o de “parte mais animada de uma cidade”.

5.4 COROTOPÔNIMOS

Os corotopônimos se referem a nomes de cidades, estados, países e continentes, nessa categoria registramos dois ocorrências que representam 6,6% dos nomes analisados.

Quadro 6 - Corotopônimo 01

Localização geográfica	Sudeste do 1º Distrito, Farroupilha, às margens da RS- 122. Ver mapa 3, em anexo, bairro nº 25.
Topônimo	América
AH	Bairro
Taxionomia	Corotopônimo
Etimologia	“AMÉRICO, do it Amerigo , mas por influência de América , passou a Américo . O it. provém do

	germ. Correspondente ao al. Emmerich , propriamente Heimerich : “chefe, ou que governa (rik) a casa, o lar, a pátria (haims)”. Derivados: fr. Émeri , Émery , Amery ; provençal Aymeric ; catalão-lat. (séc. XIV) Eymericus ; ingl. Emery , Emmery , Emory ; outras f. it. Amerigo , Emerico . Propuseram também o étimo germ. Amalrich , v. Amairico ” (GUÉRIOS, 1973, p. 54).
Estrutura morfológica	Elemento específico simples. Radical <i>Amer-</i> + sufixo derivacional <i>-ic</i> + vogal temática <i>-a</i> .
Histórico	O bairro surge do aglomerado de casas que vão se colocando aos arredores de empresas instaladas no local. A partir 03 de dezembro de 1996, através da lei 2.303, com o objetivo de evitar que o Bairro Industrial se torne muito abrangente, também preocupado em preservar a identidade da comunidade local, o poder público elege o nome América, nome retoma a saga dos imigrantes que procuravam na América melhores condições de vida. Uma expressão ainda comum entre os descendentes é o <i>far l'America</i> , no sentido de fazer fortuna. O nome pode estar representando a América já construída, como sonho realizado dos antepassados. O bairro sedia uma usina de separação e reciclagem de lixo. Possui um núcleo industrial, vários pequenos negócios como malharias, mercados e pequenas lojas de prestação de serviços. Com ruas bem planejadas o bairro promete ser um dos melhores locais para se residir ou ter um negócio (Disponível em www.jornalfarroupilha.com.br/noticias último acesso em 03-06-12).
Informações enciclopédicas	Amerigo Vesputio, nascido no vilarejo de Ognissanti, próximo a Florença, foi celebrizado por ter afirmado que o continente descoberto em 1492 não era uma extensão da Índia, mas um novo continente, um Novo Mundo. Por isso, o cosmógrafo Martin Waldeseemuller (1507), sugeriu que o novo mundo fosse denominado América. Pertenceu a uma família de elite próxima a casa dos Médici. Teve uma excelente formação intelectual. Juanoto Berardi, sócio de Lorenzo dei Médici, foi um dos principais financiadores da primeira viagem de Colombo em 1492. Em 1499, ele partiu para o que chamaria mais tarde de Novo Mundo. Em 1500, foi contratado por D. Manuel e passaria a navegar pelos lusitanos, acompanhando Gonçalo Coelho ao Brasil. (VAINFAS, Ronaldo, 2000, p. 37/38).

Quadro 7 - Corotopônimo 02

Localização geográfica	Ao nordeste do 1º Distrito, Farroupilha. Ver mapa 3, em anexo, bairro nº 12.
Topônimo	Ipanema
AH	Bairro
Taxionomia	Corotopônimo
Etimologia	De <i>y-panema</i> : a água ruim, o rio ruim sem peixes. Bairro do Rio de Janeiro. Rio em São Paulo. De acordo com Bueno <i>y = s</i> . "Água, rio, líquido e depois do contato com os europeus, vinho" e <i>panemo</i> = de balde, em vão. Origem tupi. (BUENO, 1986, p.152, 361, 465).
Estrutura morfológica	Elemento específico composto. Lexema 1, substantivo. Radical com sentido de água, fluído <i>I-</i> . Lexema 2, adjetivo, radical com sentido de imprestável, que não dá peixe, <i>panem-</i> + vogal temática <i>-a</i> (HECKER; BACK; MASSING, 1984, p. 4761).
Histórico	O bairro surgiu a partir de chácaras que foram sendo vendidas e transformadas em lotes urbanos. Uma das primeiras obras do local foi o Condomínio Ipanema, que originou o nome do loteamento e, mais tarde, através da lei 2.316, de 30 de dezembro de 1996, o nome do bairro. Uma das particularidades do bairro é o fato de algumas ruas e terrenos não medirem o tamanho padrão determinado pela prefeitura uma vez que foi iniciado de forma autônoma e na época da legalização do mesmo, várias casas de alvenaria já haviam sido construídas. Desta forma decidiu-se abrir uma exceção abrindo terrenos e vias de medida não padrão. Disponível em (www.jornalfarroupilha.com.br/noticia último acesso em 04-05-2012).
Informações enciclopédicas	Bairro nobre e famoso do Rio de Janeiro começou após a fundação da Villa Ipanema em 1894 pelo Conde de Ipanema. Sinônimo de vanguarda nos anos 1960/70 ainda é um ícone do tropicalismo e da bossa nova. Uma das principais fontes de difusão do nome é a música Garota de Ipanema composta em 1962 por Vinícius de Moraes e Ton Jobin. O famoso bairro carioca inspirou outras localidades do país, surgiram então parques, praias, praças, bairros e municípios em todo o Brasil. (//pt.m.wikipedia.org/wiki/Ipanema_(Rio_de_Janeiro)).

5.5 CRONOTOPÔNIMOS

A próxima categoria é a dos cronotopônimos, com três ocorrências representando, 10% dos nomes estudados. Essa é a categoria dos nomes que apresentam indicadores cronológicos, geralmente representados na toponímia pelos adjetivos novo e nova.

Quadro 8 - Cronotopônimo 01

Localização geográfica	A leste do 1º Distrito. Ver mapa 2, em anexo, distrito nº 2.
Topônimo	Nova Milano
AH	Distrito
Taxionomia	Cronotopônimo
Etimologia	O nome <i>Milano</i> tem como denominação primeira <i>Mediolanum</i> . Era assim chamada pelos romanos desde o século III a. C. O seu aparecimento tem registro no século IV a.C., por obra dos gauleses insúbios'. “O nome antigo <i>Mediolanum</i> ” encontra registro em várias fontes escritas. É uma formação céltica composta por <i>médio</i> ‘(in) mezzo’ (cf. Latino <i>medius</i>) e <i>lanum</i> que equivale ao latim ‘piano; pianura’ com perda de <i>p-</i> característica do céltico. (QUEIRAZZA et al. 2006, p. 466). Desde tempos antigos, o nome <i>Mediolanum</i> recebeu interpretações fantásticas. De acordo com “uma lenda” o nome teria sido originado de dois fundadores ipônimos, ‘Medio e Lano’. Uma outra lenda, teria sido encontrado no lugar ‘um corpo com metade do corpo coberto de lã (<i>médio lana</i>), a outra metade sedosa’. Acrescente-se ainda que, dentre “estranhas conjecturas”, Olivieri (1961 ^a , p. 345) cita a origem acalística: “as próprias letras que compõem seu nome aludem a uma celebridade”. É observado que o nome <i>Mediolanum</i> começa com a letra ‘m’ indicando o número mil; “ na parte interna, encerra as letras ‘o’ e ‘l’, uma símbolo de arredondalidade e, por isso de perfeição, a outra símbolo de nobreza e de glória. E no próprio nome ‘Mediolanum’ aparecem as cinco vogais, onde nada falta à cidade. (QUEIRAZZA et al. 2006, p. 466).
Estrutura morfológica	Topônimo híbrido composto. Lexema 1, adjetivo português, radical <i>nov-</i> + morfema flexional de gênero feminino <i>-a</i> + topônimo italiano, lexema 2, substantivo, radical <i>Milan-</i> + vogal temática nominal <i>-o</i> (HECKER; BACH; MASSING, 1984, p. 2895-4817).
Histórico	Em 1876 no local onde hoje é Nova Milano foi construído um barracão para receber os imigrantes que estavam por chegar. Assim o primeiro nome do local foi Barracão e mais tarde passou a chamar-se Nova Milano, pois grande parte de seus moradores eram oriundos de Milão e arredores. O distrito foi criado pelo Ato municipal nº 38, de 25 de setembro de 1902, no Município de Caxias com o nome de Nova Milano. Quando da transferência de sua sede para a povoação de Nova Vicenza, determinada pelo Ato municipal nº 84 de 21 de dezembro de 1917, Nova Vicenza passou a ser o distrito, continuando como integrante do município de Caxias. O decreto estadual nº 7.842, de 30 de junho de 1939, por motivo de forças políticas, alterou o nome de Nova Milano para Emboaba. Apesar de ter sido mudado oficialmente, os moradores continuaram a chamar o local a Nova Milano. Assim, por força da lei municipal nº 36, de 04 de junho de 1949, Emboaba retorna ao nome antigo, Nova Milano (www.ibge.gov.br/cidadesast/historicos_cidades_conteúdo.Php?codmun=430790 último acesso em 07-06-2012). Hoje, com população de aproximadamente 3.500 pessoas, Nova Milano mantém sua economia baseada na agricultura, principalmente a viticultura embora algumas indústrias, especialmente da malha, já atuem no local, a maioria da população é rural. Uma das principais atrações do lugar é o Encontro das Tradições Italianas realizado a cada dois anos recebendo uma média de 40.000 visitantes de todo o estado. O distrito sedia a Praça da Imigração italiana e o Parque da Imigração Italiana (Guia Turístico <i>Bem –Vindo a Farrroupilha</i> , 2012, p. 38-9).
Informações enciclopédicas	Milano, Itália: Milão é a capital da região da Lombardia, no norte da Itália. Situada em favorável posição geográfica num ponto onde convergem as vias de comunicação nacional e internacional. Fundada no início do IV século a.C. pelos gauleses insúbios e conquistada pelos romanos em 222 a.C. foi um importante centro no tempo do império romano mas no século V foi destruída pelos bárbaros. Séculos depois foi governada por espanhóis e austríacos e foi dominada por Napoleão em 1796. No final de 1800 estava com 320.000 habitantes quando se encontrou inserida primeiro no sistema político da França revolucionária, exercitando sucessivamente as funções de capital da República <i>Cisalpina</i> e da República Italiana. Devido à sequência de invasões e mudanças administrativas o povo milanês desenvolve forte consciência cívica e política. Localizada no centro da planície lombarda entre os rios <i>Ticino</i> , <i>Adda</i> , e <i>Pó</i> , entre o lago de <i>Como</i> e a fronteira com a Suíça, assume grande importância comercial e também se torna um grande centro de cultura. É a principal cidade italiana em atividade industrial, comercial e financeira e a segunda em população. Desde a antiguidade destaca-se pela manufatura da lã e da seda assim como dos metais. Hoje é conhecida como a cidade do <i>design</i> e conta com variados e desenvolvidos complexos de atividades como: siderurgia, metalurgia, mecânica, química, farmácia, produção da moda e vestuário, produção de alimentos, exploração do petróleo, do vidro, da madeira, da cerâmica, das peles e da borracha. Também é tradicional na produção radiotécnica, editorial e gráfica. Foi também importante sede episcopal, principalmente quando <i>Sant’Ambrogio</i> foi titular (374-397). A ópera ocupou e ocupa um lugar especial entre as variadas manifestações culturais de Milão. O teatro Scala teve e tem um importante papel na propagação desse gênero musical. Além de diversas universidades e bibliotecas importantes como a <i>Accademia di Brera</i> a cidade também possui vários museus, um dos mais visitados é o <i>Castello Sforzesco</i> , que foi residência da família Sforza que governou a cidade no século XV. O famoso <i>Duomo</i> , a catedral de Milão, iniciada em 1386 é uma das construções em modelo gótico, mais famosas do mundo. A Santa Ceia de Leonardo da Vinci, junto ao convento de <i>Santa Maria Delle Grazie</i> , também pode ser apreciada pelos turistas em Milão. Ainda na Piazza del Duomo encontra-se o primeiro shopping do mundo, a Galeria Vittorio Emmanuele, 1865, em homenagem ao primeiro rei

	<p>do Reino Unido da Itália.</p> <p>A cidade conta com excelente sistema de transportes composto por dois aeroportos internacionais, linhas de trem e metrô, canais construídos nas extremidades da cidade, rodovias de alta qualidade. Milão ainda mantém o antigo <i>tram</i> em funcionamento no centro da cidade. Também é sede de dois importantes times de futebol de representação mundial, o <i>Milan</i> e a <i>Esquadra Azzurra</i>. (CAVALLI, 1966, v.13, p. 32-6).</p> <p>Nova Milano:</p> <p>Conhecido como o berço da imigração italiana, quarto distrito do município de Farroupilha, no estado do Rio Grande do Sul. Com área urbana de 3,18 km. A história de Nova Milano teve início em maio de 1875, quando, vindos da região de Milão, Itália, chegaram as três primeiras famílias de colonizadores. Os patriarcas das três primeiras famílias eram Luigi Sperafico, Tomaso Radaelli e Estevão Crippa. Comprando colônias de 24 hectares, cada um foi parar em uma localidade e prosperou de maneira diferente. Radaelli ficou plantando em Nova Milano, Crippa foi para o Travessão Milanês (localidade hoje conhecida como "Amizade") e Sperafico instalou-se em São Miguel. (http://famigliasetti.blogspot.com/ último acesso 21-0512 às 11:47)</p>
--	---

Quadro 9 - Cronotopônimo 02

Localização geográfica	Ao sul do 1º Distrito. Ver mapa 2, em anexo, distrito nº 3.
Topônimo	Nova Sardenha
AH	Distrito
Taxionomia	Cronotopônimo
Etimologia	O nome <i>Sardi</i> é encontrado em registros pré-indoeuropeus e confronta-se com topônimos como no ibérico <i>Sardasa</i> na Mísia e outros. Uma explicação interessante para o nome se deve a Hubchmid (1953, 105) que relaciona <i>Sarda</i> a mato baixo. Por isso a designação da famosa ilha do sul da Itália poderia significar <i>bosque do monte</i> . (QUEIRAZZA et al. 1990, p. 713). De acordo com Zingarelli (2001, p. 1239) o topônimo é de origem latina, <i>Sardinia</i> , indicava a terra dos Sardos, nome de populações mistas de Líbios, Fenícios e Sardos. O nome surge na planície meridional da ilha depois da importação de escravos líbios.
Estrutura morfológica	Topônimo híbrido composto por <i>nova</i> , do português, e o topônimo italiano <i>Sardenha</i> . Lexema 1, adjetivo, radical <i>nov-</i> + morfema flexional de gênero feminino <i>-a</i> ; lexema 2, substantivo, radical <i>sard-</i> + sufixo derivacional <i>enh-</i> + vogal temática nominal <i>-a</i> (HECKER; BACH; MASSING, 1984, p. 2895-3704).
Histórico	Terceiro distrito de Farroupilha faz limites com Bento Gonçalves e Carlos Barbosa, é basicamente formado por linhas e capelas, que são pequenas comunidades rurais. Através do decreto nº 7.199 de 31 de março de 1938, Nova Sardenha tornou-se distrito. O decreto estadual 7.842, de 30 de junho de 1939, alterou o topônimo de Nova Sardenha para Cajuru, que em tupi-guarani, segundo Silveira Bueno, 1982, significa <i>boca da mata</i> . Através do Decreto-lei estadual nº 720, de 29 de dezembro de 1949, o distrito sofreu nova mudança toponímica, passando de Cajuru para Caruara que de acordo com Bueno, 1982 quer dizer <i>sarna, comichão</i> . Assim como em Nova Milano, em Nova Sardenha os nomes de origem indígena não tiveram a aceitação dos moradores, provavelmente por não lhes trazer nenhum tipo de significado ou referência, e principalmente pelo fato de os habitantes não se referirem ao lugar através dos nomes impostos, e sim do nome antigo. Então, através da lei municipal nº 578 de 10 de agosto de 1962, o distrito voltou à denominação antiga, Nova Sardenha. (www.ibge.gov.br/cidades/painel/painel.php?codmun=430790 último acesso em 07-06-2012). Prevalcem em Nova Sardenha as atividades agroindustriais.
Informações enciclopédicas	<p>Nova Sardenha.</p> <p>“As intrigas entre os primeiros moradores levaram a comparação da localidade com a ilha da Sardenha (Itália) que, segundo a tradição popular local, os bandidos ou litigantes, na Itália, ou eram da Sardenha ou eram expedidos para lá. (FRÓSI e MIORANZA, 1983, p. 19)”.</p> <p>Sardenha.</p> <p>Ilha do mediterrâneo ocidental constitui uma região autônoma da Itália. É diferente das demais regiões. Os habitantes da ilha, desde a antiguidade sempre resistiram às tentativas de invasões. Apenas os romanos conseguiram dominar grande parte da ilha deixando como influência a forte presença do latim na língua local. Grande parte do território sardo é formada por colinas e montanhas, o clima árido, caracterizado por verões longos e secos, não favorece a plantação sendo possível apenas a criação de ovelhas. É o primeiro lugar em criação de ovelhas na Itália, o sistema de criação mudou pouco desde a época dos romanos. Também é produtora de minerais como carvão, chumbo e zinco. A região é subdividida em 359 municípios distribuídos por quatro províncias: Cagliari (capital), Nuoro, Oristano e Sassari.</p> <p>Em toda a Sardenha existem restos de aproximadamente sete mil <i>nuraghi</i>, que são edifícios redondos, que lembram torres, construídos com pedras sobrepostas. Nesses lugares foram encontradas estatuetas de bronze representando homens e animais, porém sem inscrições, estudiosos acreditam que sejam restos de uma civilização que tenha vivido XV séculos antes de Cristo.</p> <p>As praias da Sardenha são muito bonitas, a água limpíssima e verde, as grandes rochas que emergem do mar e as maravilhosas ilhas, especialmente as do arquipélago <i>della Madallena</i>, atraem turistas do</p>

	<p>mundo inteiro. Não apenas pelas belezas naturais, mas também pelo banditismo, os sardos são famosos em toda a Itália. Não se chega a ter uma organização como a máfia napolitana, mas as montanhas desertas, o oceano, e a falta de oportunidades de trabalho podem ser geradores de ideias criminosas. O sequestro de pessoas tem sido um dos crimes mais praticados pelos sardos (PECCIANI, 1998, 113-8).</p>
--	--

Quadro 10 - Cronotopônimo 03

Localização geográfica	Ao norte do 1º Distrito. Ver mapa 3, em anexo, bairro nº 8.
Topônimo	Nova Vicenza
AH	Bairro
Taxionomia	Cronotopônimo
Etimologia	De acordo com Pellegrini (1990, p. 136) parece segura a definição de <i>Vicenza</i> da antiga <i>Vice(n)tia</i> na forma venética. Afim latino <i>vicus</i> , casa, no sentido de ensediamento. Segundo Queirazza, Marcato, Pellegrini, Sicardi e Rossebastiano (2010, p.823) <i>Vicentia</i> surge pela analogia com a série dos nomes antigos em <i>-entia</i> . Certificado primeiramente na forma étnica <i>Veicetinos</i> em inscrição de 135 A.C. Segundo os autores o topônimo deriva do indo-europeu <i>weik-</i> (em latin <i>vicus</i>). A forma latina reflete grupo de casas próximo à cidade.
Estrutura morfológica	Topônimo híbrido composto por <i>nova</i> do português e o topônimo italiano <i>Vicenza</i> . Lexema 1, adjetivo, radical <i>nov-</i> + morfema flexional de gênero <i>-a</i> + lexema 2 , substantivo, radical <i>Vic-</i> + sufixo derivacional <i>-enz-</i> + vogal temática <i>-a</i> (HECKER, BACH, MASSING, 1984, p. 2895-4423).
Histórico	<p>O bairro começa junto à rodovia RST-453, que liga Farroupilha a Bento Gonçalves. É um local pacato, com poucas ruas. Aos poucos está adquirindo novas iniciativas comerciais e de prestação de serviços. A rua principal é a Vêneto, que serpenteia pelo vale até o Parque Santa Rita. Essencialmente residencial, o Nova Vicenza tem recebido casas modernas e confortáveis (//www.jornalfarroupilha.com.br/noticia.php?noticia=1720 último acesso em 10-06-20120).</p> <p>O nome, que foi o antigo nome da cidade, surge como forma de homenagem ao município devido às comemorações dos cem anos da imigração italiana a partir de 20 de junho de 1975. Através da lei 1.027. Transcrevemos abaixo o ofício 193/75 deixando claros os motivos da escolha do nome. Farroupilha, 15 de abril de 1975.</p> <p>Senhor Presidente:</p> <p>Levo ao conhecimento dos nobres vereadores, que o bairro hoje chamado Santa Rita, não é a denominação oficial, passou assim ser chamado em função do Clube Santa Rita. O nome era e ainda deve ser Nova Vicenza.</p> <p>Posteriormente com a passagem da via férrea a um quilômetro mais para o sul, o comércio existente naquele tempo se transferiu para as proximidades da Estação da via Férrea, que ligava Porto Alegre a Caxias do Sul. Inclusive a paróquia ai existente transferiu também para o local onde ainda hoje se localiza, e o novo núcleo populacional passou a chamar-se oficialmente Nova Vicenza e o anterior de Vicenza Velha.</p> <p>Em homenagem ao Centenário da Colonização Italiana, acho que devemos restituir oficialmente aquele nome aquele bairro.</p> <p>Com esta finalidade estou enviando à esta Colenda Câmara de Vereadores, um projeto de lei.</p> <p>Contando com a habitual atenção de V.S.^a envio minhas cordiais saudações.</p> <p>Cont. Clóvis Tartarotti.</p> <p>Prefeito municipal.</p>
Informações enciclopédicas	<p>Nova Vicenza</p> <p>Primeiramente o local se chamou linha Vicenza e mais tarde Nova Vicenza, Paróquia São Vicente. Os primeiros moradores foram imigrantes italianos já assentados na Colônia Conde D'Eu. Percebendo as possibilidades do lugar, os imigrantes venderam suas terras na Conde D'Eu e se mudaram para Nova Vicenza. Como a nova comunidade estava longe de Caxias e da Colônia Dona Isabel (Bento Gonçalves), surgiram os primeiros artesãos, a casa de comércio, a igreja, o ferreiro. (http://www.farroupilha.rs.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=1&Itemid=3 último acesso em 08-05-12) Ver o capítulo A colonização do Município de Farroupilha.</p> <p>Vicenza- Itália:</p> <p>Localizada no norte da Itália, na região do Vêneto entre os Pré-Alpes e Os Montes Béricos, fazendo fronteira o oeste com Verona, ao sul com Padova, a leste com Treviso e ao nordeste com Beluno, banhada pelas águas dos rios Retrone e do Bacchiglione, se estende por uma vasta área da planície Padana com média de 120.000 habitantes, a cidade está entre o eixo Milão-Veneza, além de importante centro rodoviário e ferroviário tem um centro comercial ativo. Também é sede de indústrias metalúrgica e mecânica, têxtil, química, farmacêutica, do papel, da cerâmica e do ouro. Destacam-se também na produção de uvas, amoras, queijos e lã.</p> <p>A antiga <i>Vicentia</i>, fundada provavelmente por vênets, tornou-se município romano em 49 A.C., foi sede de ducado sob a administração dos longobardos e comitê sob o domínio dos francos. No século XII conquistou a autonomia de município. Foi dominada por Veneza até 1797 quando passou para o domínio austríaco e finalmente em 1866 anexou-se à Itália. Foi sede de um comando alemão durante a II guerra mundial e sofreu vários bombardeamentos.</p> <p>O monumento mais antigo, do período medieval, é a igreja de San Felice do XII século.</p>

	Nela também estão várias igrejas testemunhando o estilo gótico, que permanece durante todo o XIV século como mostra a catedral com particulares influxos da arte veneziana. Palladino foi o grande arquiteto de Vicenza marcando a arquitetura do século XV na cidade. A tradição paladina continua durante os séculos XVI e XVII. Destacam-se como pontos turísticos a <i>Villa Valmarana</i> assim como a basílica do Monte Bérico, gótica, transformada no período barroco (CAVALLI; COSENTINO; ZANCHETTA, 1966, v. 20, p. 189-90).
--	--

5.6 DIMENSIOTOPÔNIMO

O Volta Grande poderia também ser classificado como um corotopônimo, pois temos no Brasil um município antigo em Minas Gerais que difundiu o nome em todo o país. Porém ao analisarmos o histórico do topônimo, percebemos que a verdadeira motivação foi a grande curva da Av. Júlio de Castilhos.

Quadro 11 - Dimensiotopônimo 01

Localização geográfica	Ao sul do 1º Distrito. Ver mapa 3, em anexo, bairro nº 27.
Topônimo	Volta Grande
AH	Bairro
Taxionomia	Dimensiotopônimo
Etimologia	VOLTA: De volver. Do lat. <i>volvere</i> (CUNHA, 2001, p. 827). Nascentes apresenta como "ato ou efeito de voltar, mudança, giro, circuito (Do lat. volta por <i>voluta</i> , de <i>volvere</i> , voltar)" (1943, 4º tomo, p. 408)". Nome derivado do latim <i>volvitare</i> , voltar. No caso do topônimo em foco, refere-se a geografia do lugar no sentido de curva, sinuosidade. (FERREIRA, 1986, p.1788). GRANDE: "Adj. Com dimensões maiores que as ordinárias", vasto, comprido, desmedido, numeroso' XIII. do lat. <i>grande</i> " (NASCENTES, 1943, p.432-3). Houaiss (2009, p. 985) complementa: ETIM lat. <i>grandis, e</i> .
Estrutura morfológica	Topônimo composto; pode ser chamado de descritivo puro uma vez que se refere unicamente às formas topográficas e geométricas do lugar (ANDRADE, 2010, p. 108). Lexema 1, substantivo. Radical <i>vol-</i> + consoante de ligação <i>-t-</i> + vogal temática <i>-a</i> + lexema 2, adjetivo. Radical <i>grand-</i> + vogal temática <i>-e</i> . (HECKER; BACK; MASSING, 1984, p.4452 - 2049).
Histórico	O bairro Volta Grande é assim chamado devido à histórica e sinuosa Estrada Júlio de Castilhos. A mesma, antes de chegar ao centro, fazia uma grande volta. Ali existe uma depressão natural e era necessário, na época, este contorno. Antigamente todos se referiam ao lugar como "Volta Grande". Uma das principais instalações do bairro é o conglomerado de prédios da Grendene, uma potência nacional e Internacional. (www.jornalfarroupilha.com.br/noticias.php?noticia=1785).
Informações enciclopédicas	Em Minas Gerais há um município denominado Volta Grande que pode ter sido relacionado a curva acentuada da Av. Júlio de Castilhos em Farroupilha. A cidade de Minas gerais foi fundada no século XVIII por agricultores vindos do centro de Minas. O município inicia-se de uma sesmaria já na época chamada Sesmaria Volta Grande. Em meados de 1887 a cidade recebe imigrantes estrangeiros vindos de Portugal, Espanha e Itália. Disponível em (http://www.voltagrandonline.com.br/) último acesso em 05-07-12)

5.7 ETNOTOPÔNIMO

Essa classe refere-se a elementos étnicos como motivadores. O Vicentina se enquadra nessa categoria, pois seu significado nos remete aos vicentinos, o povo, os nativos e descendentes de Vicenza.

Quadro 12 - Etnotopônimo 01

Localização geográfica	A oeste do 1º Distrito. Ver mapa 3, em anexo, bairro nº 15.
Topônimo	Vicentina
AH	Bairro
Taxionomia	Etnotopônimo.
Etimologia	De acordo com Caffarelli e Marcato (2008, p.1754-5) corresponde ao adjetivo étnico <i>vicentino</i> , proveniente ou relacionado à cidade de Vicenza. Sobrenome comum no norte da Itália. Foi registrado o nome <i>Thomas Vicentinus</i> em Piacenza em 1568.
Estrutura morfológica	Elemento específico simples. Lexema, adjetivo. Radical <i>Vic-</i> + sufixo derivacional 1 <i>-ent-</i> + sufixo derivacional 2 <i>-in</i> + morfema flexional de gênero feminino <i>-a</i> (HECKER; BACK; MASSING, 1984, p. 4423).
Histórico	O Bairro Vicentina é um bairro bem organizado e urbanizado, com comércio desenvolvido, escolas especializadas e malharias. Abriga um dos mais antigos capitéis de Farroupilha, foi construído em 1891 pelos primeiros imigrantes chegados ao local, em devoção a Santo Antônio. Está localizado na Rua Júlio de Castilhos e está muito bem conservado. Disponível em (http://www.jornalfarroupilha.com.br/noticia.ph?noticia=1553 último acesso em 20-06-2012).
Informações enciclopédicas	O registro mais antigo do topônimo ocorre em 1478 em Venezia Giulia na Itália. Para enfrentar os cavaleiros turcos no período das invasões bárbaras se instalaram na região os Senhores Gorgo e trouxeram consigo suas famílias e colonos formando uma pequena comunidade. Como os Gorgo e os seus eram provenientes de Vicenza a vila foi denominada Villa Vicentina. Disponível em (www.comune.villavicentina.ud.it/lastoria4636 último acesso em 21-06-12) Compreendemos assim que o nome Vicentina se refere à comunidade de vicentinos. O bairro em Farroupilha não é formado apenas por vicentinos, mas a força da influência cultural no local parece ser o principal motivo da escolha do nome.

5.8 GEOMORFOTOPÔNIMOS

Os geomorfotopônimos são relativos às formas topográficas dos lugares. Entre os bairros de Farroupilha, encontramos dois exemplos dessa categoria, representando 6,6% do total dos topônimos analisados.

Quadro 13 - Geomorfotopônimo 01

Localização geográfica	Ao nordeste do 1º Distrito. Ver mapa 3, em anexo, bairro nº 30.
Topônimo	Monte Verde
AH	Bairro
Taxionomia	Geomorfotopônimo (poderia também ser cromotopônimo ou corotopônimo).
Etimologia	MONTE: "S.m. Massa grande de terra ou de rocha, elevada acima do terreno que a rodeia, em declive mais ou menos rápido, sempre bastante sensível. (...) Do lat. <i>monte</i> " (NASCENTES, 1943, 3º tomo, p.195). Houaiss (2009, p. 1315) complementa: "ETIM lat. <i>mons, ntis</i> ". VERDE: lat., <i>viridis</i> . Adj. "Cor mais comum nas ervas e folhas das árvores" (CUNHA, 2001, p. 816).
Estrutura morfológica	Topônimo composto por termo genérico e específico. Sintagma nominal 1, genérico; lexema 1, substantivo, radical <i>Mont-</i> + vogal temática nominal <i>-e</i> + lexema 2, substantivo, radical <i>Verd-</i> + vogal temática nominal <i>-e</i> (HECKER, BACK, MASSING, 1984, p. 4401).
Histórico	O bairro é formado por terrenos nas áreas das cooperativas habitacionais Novos Caminhos, Bom Sucesso, Novo Horizonte e Bem Viver. O bairro ainda não tem suas ruas asfaltadas, porém o projeto de pavimentação já foi aprovado para 2012. A comunidade católica vive em torno da Paróquia João Paulo II. (www.farroupilha.rs.gov.br/content/view/3033 último acesso em 08-06-12)
Informações enciclopédicas	Temos no Brasil um local turístico que pode ter estimulado o uso do topônimo em outros lugares do país, é provável que a formação geográfica, assim como o conhecimento de outros lugares com o

	mesmo nome tenham servido de inspiração àqueles que determinaram o nome para o bairro em Farroupilha. No estado de Minas Gerais, a 1554 metros de altitude temos uma cidade turística nacionalmente conhecida por sua beleza e seu clima, temperado, abaixo da média da região que chega a atingir valores negativos no inverno. Monte Verde Ganhou em 2008 o título de melhor destino de inverno no Brasil, e em 2009 o título de cidade mais romântica. Sua paisagem é diferenciada também pela mescla da vegetação, com árvores da mata Atlântica entre pinheiros- do Paraná ou cedros (/site/monteverdetur.com.br/ua/site, último acesso em 08-06-12). Percebemos que a paisagem descrita é muito semelhante à serra gaúcha podendo ter sido esse o motivo do uso do mesmo topônimo para designar o bairro em Farroupilha.
--	--

Quadro 14 - Geomorfotopônimo 02

Localização geográfica	Ao centro do 1º Distrito. Ver mapa 3, em anexo, bairro nº 16.
Topônimo	Planalto
AH	Bairro
Taxionomia	Geomorfotopônimo
Etimologia	S.m. Região alta e mais ou menos plana, sem grandes variações bruscas de altitude. (De <i>plano</i> e <i>alto</i> , q.v.) (NASCENTES, 1943, 3º tomo p.396). PLANO: "Adj. sm. 'liso', 'sem dificuldades' XIV. Do lat. <i>planus -a -um</i> " (CUNHA, 2001, p. 612).
Estrutura morfológica	Topônimo composto. De plano e alto. Lexema 1, substantivo. Radical <i>plan-</i> + lexema 2, adjetivo. Radical 2 <i>alt-</i> + morfema flexional de gênero masculino -o (HECKER, BACK, MASSING, 1984, p. 1120). Formado por composição e aglutinação de substantivo e adjetivo (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 105)
Histórico	Nominado bairro em 13 de junho de 1984 através da lei 1.359. Formado por apenas 12 ruas o Bairro Planalto tem uma localização privilegiada, entre o bairro Centro, o Parque dos Pinheiros, o Vicentina e a RS 122. Totalmente urbanizado, com comércio bem desenvolvido, no bairro está a sede do jornal Informante e também duas malharias. No bairro também se localiza uma Igreja Batista. (Mapa Oficial de Farroupilha, 2012)
Informações enciclopédicas	Substantivo masculino. Rubrica: geomorfologia. Superfície elevada e plana, ou com poucas ondulações, entalhada por vales encaixados, o que supõe certa altitude acima do nível do mar. Derivação: por metonímia. Rubrica: política. Uso: sentido absoluto. O governo do Brasil, o poder [A sede do poder executivo brasileiro fica em Brasília, no planalto Central, especificamente no Palácio do Planalto].

5.9 HAGIOTOPÔNIMOS

Os hagiotopônimos são nomes de santos que fazem parte do hagiário católico. Esta é a categoria mais bem representada em Farroupilha, com oito ocorrências.

Quadro 15 - Hagiotopônimo 01

Localização geográfica	Ao nordeste do 1º Distrito. Ver mapa 3, em anexo, bairro nº 13.
Topônimo	Medianeira
AH	Bairro
Taxionomia	Hagiotopônimo
Etimologia	Palavra derivada de médio, de origem latina, <i>mēdius</i> . Que está entre dois pontos. Do substantivo <i>mediação</i> , da forma latina <i>mediator-onis</i> se origina medianeiro(a) (CUNHA, 2001, p. 509). De acordo com Nascentes (1943, 3º tomo, p.136): "Que interpõem sua autoridade entre duas pessoas para promover sua reconciliação. Pessoa medianeira. S.f. Alcoviteira. (De <i>mediano</i> , q.v., e suf. <i>eiro</i>)". MEDIANO: "Adj. Que está entre dois extremos". Na versão de Bueno (1964, p. 2359): "adj. Intercessor, intermediário, interposta pessoa. De <i>mediano</i> e suf. <i>-eiro</i> . Fem. <i>medianeira</i> , <i>intercessora</i> ".
Estrutura morfológica	Elemento específico simples. Adjetivo, radical <i>med-</i> + vogal de ligação <i>i-</i> + sufixo derivacional 1 com sentido de sectário ou partidário <i>-an-</i> + sufixo derivacional 2 com sentido de ocupação, ofício, profissão <i>-eir-</i> + morfema flexional de gênero feminino <i>-a</i> (HECKER; BACK; MASSING, 1984, p. 577).
Histórico	Lei 1.359 de 13 de junho de 1984. O nome do bairro é um título litúrgico. Nossa Senhora Medianeira de Todas as graças. Bairro de classe média alta de Farroupilha, as margens da RS 122, o bairro possui infraestrutura completa; escola, salão comunitário, posto de saúde e a Paróquia Nossa Senhora Medianeira

	que mantém viva e ativa a igreja e a comunidade religiosa.
Informações enciclopédicas	A devoção à Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças chegou ao Rio Grande do Sul no ano de 1928 pelo Jesuíta Frei Inácio Valle e foi introduzida no seminário São José, em Santa Maria. Em 1930, a cidade foi ameaçada por uma luta armada e se pôs a rezar para a Medianeira. Como logo a paz voltou a reinar, grupos cada vez maiores de romeiros passaram a frequentar o seminário para orar e fazer seus pedidos. O Papa Leão XIII através da frase de São Bernardino de Siena encerra sua encíclica: “Toda a graça que se concede a este mundo tem uma tríplice procedência: pois numa belíssima ordem, do Pai é passado ao Filho, do Filho à Santíssima Virgem e dela, por fim, para nós”. (//marcioreiser.blogspot.com.br/2011/05/nossa-senhora-medianeira-de-todas-as.html?m=1)

Quadro 16 - Hagiopônimo 02

Localização geográfica	Ao centro sul do 1º Distrito. Ver mapa 3, em anexo, bairro nº 26.
Topônimo	Pio X
AH	Bairro
Taxionomia	Hagiopônimo
Etimologia	Segundo Cortelazzo e Zolli (1998, v.4, p. 931), o adjetivo <i>pio</i> refere-se a sujeito profundamente devoto à religião ou à pátria ou ainda à família. Piedoso, misericordioso, pode referir-se a santuários e instituições. De etimologia incerta; lat. <i>piu(m)</i> . Com o numeral romano X refere-se ao 257º papa, canonizado em 1914.
Estrutura morfológica	Elemento específico composto. Adjetivo. Lexema 1, radical <i>pi-</i> + morfema flexional de gênero <i>-o</i> + lexema 2, numeral romano X (<i>décimo</i>). (HECKER, BACH; MASSING, 1984, p. 3232).
Histórico	Tornou-se bairro através da lei municipal 1.359, de 13 de junho de 1984. A história do bairro Pio X começa com a história da estação férrea. A maioria dos comerciantes e prestadores de serviço procurava se colocar o mais próximo dela. O núcleo inicial do bairro se formou nas proximidades. Com o aumento da população da cidade, especialmente ao longo da Av. Júlio de Castilhos, muitos moradores optaram por mudar e viver em lugar mais tranquilo. A tranquilidade e a localização atraíram para o bairro dezenas de famílias a partir dos anos 60. A motivação do topônimo é incerta, porém sabe-se que a escola já se chamava São Pio X. O bairro é essencialmente residencial, mas oferece serviços importantes, não só para a comunidade, mas para toda a cidade. Possui empresas de confecções, algumas malharias, oficinas, algumas lojas, pequenas indústrias, alguns mercados e os prestadores de serviço. A proximidade com o centro é uma grande vantagem para os moradores. (www.jornalfarroupilha.com.br/noticia.php?noticia=1738# , último acesso em 07-06-2012)
Informações enciclopédicas	Pio X, nascido em 1835, de família de humildes agricultores foi pároco em várias cidades da Itália. Em 1884, tornou-se bispo de Mantova e em 1893 patriarca e cardeal em Veneza. Devido à sua fama de ser piedoso e bondoso e também moderado politicamente foi eleito para suceder o papa Leone XIII em 1903. Durante seu pontificado teve que enfrentar a grave situação produzida na França pela lei anticlerical, a crise da ordem católica intransigente na Itália é o problema do modernismo. Primeiramente, reagiu durante as leis de separação apoiando o clero francês adverso às novas normas, até a ruptura de relações diplomáticas com a França após a denúncia do acordo napoleônico. Como segundo aspecto sancionou o fim da Obra dos congressos (1905), abrindo espaço para acordos eleitorais entre católicos e liberais que acabou por criar o acordo <i>Gentiloni</i> em 1913 inovando o movimento católico pelo senso democrático. Diretamente ligado à vida interna da igreja dedicou-se ao catecismo, à liturgia e à reforma do código canônico. Após condenar princípios do modernismo promove a disciplina em relação aos estudos eclesiais (CAVALLI, 1966, p. 163).

Quadro 17 - Hagiopônimo 03

Localização geográfica	Ao norte do 1º Distrito. Ver mapa 3, em anexo, bairro nº 10.
Topônimo	Santa Catarina
AH	Bairro
Taxionomia	Hagiopônimo
Etimologia	Nome muito antigo, <i>Catarina</i> , ressurgiu no bizantino como <i>Hekate-</i> , de dupla derivação, que poderia se referir a deusa dos infernos, <i>Hekate</i> ou <i>Hékatus</i> , Febo Apolo, o deus do sol. Passando de oriente a ocidente o nome foi latinizado de forma equivocada em <i>Catharina</i> , resultado da cruzada com o grego <i>Katharós</i> , puro. O nome se manteve no tempo por Santa Catarina de Alexandria, mártir do IV século. Na época das cruzadas, surge outra santa famosa, <i>Caterina Benincasa</i> de Siena (1347-1380), padroeira da Itália, juntamente com São Francisco de Assis. (PAPA; ROSSEBASTIANO, 2005, p. 225).
Estrutura morfológica	Elemento específico composto. Lexema 1, substantivo, formado por: radical <i>Sant-</i> + morfema flexional de gênero feminino <i>-a</i> + lexema 2 formado por radical <i>Catarin-</i> + morfema flexional de gênero feminino <i>-a</i> (HECKER, BACH, MASSING, 1984, p.1031-3676).
Histórico	O local onde hoje é o Bairro Santa Catarina já foi conhecido como Linha Julieta, que fazia parte da colônia Sertorina. Uma floresta de pinheiros cobria o lugar, havia fontes de água que formavam um

	<p>pequeno riacho que cortava as terras e terminava em um açude. Primeiramente as terras pertenceram a família de Luigi Benvenuto Tonin, imigrante italiano que chegou à região por volta de 1895. Conforme a família foi crescendo, as terras foram sendo distribuídas e até hoje, vários descendentes ainda vivem no bairro. De acordo com J.F. do Jornal <i>O Farroupilha</i> “A instalação de indústrias próximas aos dois bairros, o Medianeira e o Santa Catarina, no início dos anos 80, possibilitou o desenvolvimento do núcleo em volta. Quando o bairro Santa Catarina se prolongou até as rodovias RS-122 e RS-453, formando também o Medianeira”. O loteamento, que também se chamou Santa Catarina, passou a ser considerado bairro a partir de 03 de dezembro de 1976, através da lei 1.098. Por se tratar de um bairro muito pequeno, durante muito tempo se manteve diretamente ligado ao Medianeira, seu bairro vizinho desde a associação de moradores até a igreja são compartilhados pelos moradores dos dois bairros (http://www.jornalfarroupilha.com.br/noticia.php?noticia=2128 último acesso em 09-06-2012)</p>
<p>Informações enciclopédicas</p>	<p>Santa Catarina de Alexandria:</p> <p>“De família nobre, nasceu em Alexandria no final do século III. Desde pequena começou a instruir-se nas verdades do cristianismo e na ciência teológica. Aos 18 anos sua beleza e inteligência eram tão impressionantes que Maximino Daia, o Cesar do Império Romano no Egito, se apaixonou por ela. Diante de sua recusa, por ser cristã, ele contratou cinquenta filósofos pagãos para convencê-la de que Cristo não era Deus. Os sábios ficaram tão aturcidos com a precisão de raciocínio da jovem que acabaram se convertendo ao cristianismo. Maximino tentou conquista-la com presentes, mas exigiu que ela adorasse os ídolos romanos. Catarina, porém, rejeitou todas as propostas do soberano, dizendo que só desejava por esposo o Divino Salvador. (LEHMANN, 1959). O imperador, furioso deu ordens para que ela fosse presa e flagelada, mas não conseguiu demover a moça de suas convicções religiosas. Ordenou então que a martirizassem presa a uma roda com lâminas pontiagudas. Ao tocar o corpo da jovem a roda se rompeu e o tirano então mandou decapitá-la. Quando deceparam sua cabeça, de seu pescoço começou a jorrar leite em vez de sangue. Por esse motivo é evocada pelas mães que, tendo pouco leite, precisam amamentar seus filhos. Morreu aproximadamente no ano 305 e seu corpo foi transportado pelos anjos ao Monte Sinai, mesmo local em que Moisés recebeu de Deus as tábuas da lei, e onde mais tarde surgiu o mosteiro dedicado à sua memória. Ela é cultuada tanto pela igreja Oriental, como pela Ocidental. Festejada a 25 de novembro.</p> <p>Considerada uma santa auxiliar, é invocada pelos estudantes, filósofos cristãos, oradores e advogados. Foi padroeira da faculdade de teologia de Paris e também das moças em geral. É representada como uma jovem, de pé, segurando uma roda quebrada.</p> <p>Seu culto foi muito intenso no período colonial brasileiro e existem várias imagens da santa na arte popular, assim como em primitivas igrejas de nosso país”.</p> <p>Santa Catarina de Siena: (Caterina Benincasa).</p> <p>“Penúltima entre 24 filhos, nasceu na cidade de Siena, na Itália, em 1347. Seu pai era tintureiro e sua mãe, filha de um poeta popular. Cristãos fervorosos, eles frequentavam com os filhos a igreja dos dominicanos, situada próxima à tinturaria. Inteligente e precoce, aos sete anos Catarina teve uma visão, que mudou sua vida. Sobre o telhado do convento dos dominicanos, viu Jesus sentado num trono, vestido com trajes pontificais e uma tiara papal. Ao lado de Cristo estavam São Pedro, São Paulo e São João Evangelista. A menina parou, petrificada, enquanto Jesus lhe sorria, demonstrando grande amor. Depois ele ergueu a mão direita e a abençoou (SCIADINI, 2000).</p> <p>Daí em diante ela resolveu consagrar-se a Deus, fazendo voto de virgindade. Apesar da oposição dos pais, que queriam vê-la casada, entrou para a ordem Terceira de São Domingos, levando uma vida reclusa na própria casa e suportando a oposição dos familiares, que a obrigaram a enfrentar sozinha todos os trabalhos domésticos. Mesmo esgotada pela lida diária, à noite rezava longas horas, à luz de uma vela, diante do Cristo crucificado. Dedicou-se durante vários anos ao cuidado dos enfermos, entregando-se depois ao trabalho de pacificação entre as famílias e povoados inimigos. Exerceu grande influência na reforma da Igreja, intimidando os pontífices Gregório XI e Urbano VI a reprimir os graves abusos que haviam introduzido no clero. Empenhou-se com inabalável constância para o retorno dos papas a Roma, após os longos anos de exílio em Avignon, no sul da França, pois os Estados da Igreja na Itália eram administrados muitas vezes por legados estrangeiros que, não sabendo lidar com o povo italiano, provocavam revoltas contra a Santa Sé. O retorno solene de Gregório XI a Roma, em 1377, causou enorme júbilo em toda a cristandade.</p> <p>Inspirada escritora, seu Livro da Doutrina Divina e suas cartas são contados entre as grandes obras da literatura italiana. Faleceu a 29 de abril de 1380 e foi enterrada na igreja de “Santa Maria sopra Minerva”, em Roma. Canonizada em 1461, é festejada a 30 de abril. Na iconografia religiosa, aparece muitas vezes junto a São Domingos, recebendo o rosário das mãos de Nossa Senhora ou do Menino Jesus, ou então de pé, vestida de freira dominicana, tendo na mão esquerda um livro e na direita um martelo, símbolo de sua enérgica atuação na consolidação da Igreja, trazendo os papas de volta a Roma (MEGALE, 2003 p.80-83)”.</p> <p>Rossebastiano e Papa (2005, p. 255-56) informam da existência de várias santas com o mesmo nome. Dentre elas estão: S. Caterina de Bolonha (1413- 1463), S. Caterina Fieschi (1447-1510), padroeira de Gênova e a Beata Caterina de Racconigi (1486-1547). Todas contribuíram para a difusão do nome, porém as que mais se destacaram foram as de Alexandria e Siena.</p>

Quadro 18 - Hagiopônimo 04

Localização geográfica	Ao sul do 1º Distrito. Ver mapa 3, em anexo, bairro nº 28.
Topônimo	Santo Antônio
AH	Bairro
Taxionomia	Hagiopônimo
Etimologia	Ao nome cuja base é <i>Anto</i> , não devidamente comprovado, permanece um mistério que o Renascimento procurou desvendar sugerindo uma ligação fictícia com o grego <i>ánthos</i> , flor. Na realidade a origem poderia ser etrusca, na sociedade romana foi nome nobre, passando assim o período medieval e a idade moderna. No latim <i>Antonius</i> é muito conhecido e documentado. A presença do nome é abundante no Veneto em Padova e Veneza, nasce aqui a hipótese que a difusão do nome no norte da Itália tenha contribuído sensivelmente para a o culto de <i>Santo Antônio de Padova</i> reconhecido pela igreja em 1232, pouco depois de sua morte (PAPA; ROSSEBASTIANO, 2005, p. 122). lat. <i>Antonius</i> , gr. <i>Antónios</i> “Étimo controverso. A <i>gens</i> Antônia, uma família muito antiga em Roma, era de origem helênica”. De fato, Plutarco afirma que os Antônios formavam uma família dos Heraclidas, descendentes de <i>Anton</i> , filho de Hércules. E o gr. <i>Anton</i> deriv. prov. de <i>antéo</i> , f. jônica, em vez de <i>antáo</i> : “opor-se, fazer frente a (Fumagalli). Há quem veja em <i>Antonius</i> abreviação (?) do n. <i>Antistius</i> , que parece prender-se ao lat. <i>antistes</i> : “chefe, principal, preeminente”. Outros, como Wasserzieher, prendem-no ao lat. <i>Antius</i> : “o que está na vanguarda, vanguardeiro”. E por fim há quem o faça provir do etrusco, ou pelo menos (M.-Lübke) o sufixo <i>onius</i> , usual em nomes itálicos, como <i>Antonius</i> , etc. Deve-se a Sto. Antônio de Lisboa (de Pádua) a ampla difusão que tem. (GUÉRIOS, 1973, p.55)
Estrutura morfológica	Topônimo composto. Lexema 1, substantivo. Radical 1 <i>Sant-</i> + morfema flexional de gênero masculino <i>-o</i> + lexema 2, substantivo. Radical 2 <i>ant-</i> + sufixo derivacional <i>-ôn</i> + vogal de ligação acompanhada de morfema flexional de gênero masculino <i>-io</i> (HECKER, BACK, MASSING, 1984, p. 3676).
Histórico	A história do bairro Santo Antônio começa com a história da igreja. Através de uma conversa informal, Luiz José Radaelli e Tarciso Piccoli chegou-se a conclusão que deveria ser erguida uma igreja. A partir de então as famílias começaram a se reunir para conseguir os materiais e os recursos necessários. Foi o padre da época, Rui Lorenzi, foi quem sugeriu o nome. O próprio Radaelli doou a estátua do Santo e ajudou na construção da igreja, com intensa participação nos eventos comunitários. Disponível em (http://www.jornalfarroupilha.com.br/noticiaPhp?noticia=1833 último acesso em 09-06-2012) O nome do bairro surge a partir da igreja que há mais de 15 anos antes da denominação oficial já existia com o nome de Santo Antônio. Com o surgimento do Bairro 1º de Maio, parte da antiga comunidade de Santo Antônio passou a pertencer ao 1º de Maio. Os moradores dessa parte do bairro queriam que sua comunidade continuasse a ser chamada pelo nome de seu padroeiro. Assim, através de abaixo assinado, em 08 de outubro de 1985, pela lei 1.426, os limites antigos do bairro retomaram a velha denominação escolhida pelos moradores. A câmara de vereadores preocupou-se em respeitar a denominação espontânea criada pela manifestação popular.
Informações enciclopédicas	Nascido a 15 de agosto de 1195, os pais de Antônio, Martinho de Bulhões e Maria de Taveira, pertencentes à mais alta nobreza lusitana, deram-lhe o nome de Fernando. Conforme as convicções religiosas da família, o menino foi criado numa atmosfera de fé, pureza e dedicado amor a Jesus Cristo. Destinado à carreira militar, após muitas dúvidas o jovem cavaleiro abandonou os chamados do mundo e refugiou-se no convento dos Cônegos Regulares de Santo Agostinho, em Coimbra, onde foi ordenado sacerdote, em 1920. Naquele ano resolveu tornar-se missionário na África. Entrou para a Ordem Franciscana e mudou seu nome para Antônio. Atacado de malária foi obrigado a voltar para Portugal, mas a nau em que viajava, ao retornar de Marrocos, foi desviada de sua rota por terrível tempestade e Fernando, junto com outro frade foi recolhido por pescadores da Sicília. No clima ameno da ilha, o missionário português pôde restabelecer-se rapidamente (MEGALE, 2003, p. 57) Papa e Rossebastiano (2005, p. 122) informam que o santo mudou de nome em homenagem a Santo Antônio Abade, de origem egípcia, que viveu durante o III e IV século e passou grande parte de sua vida no deserto em penitência. Popularizou-se no tempo das cruzadas. Contemporâneo de São Francisco de Assis foi um dos maiores pregadores de seu tempo. Segundo antiga tradição, tinha o dom de pregar e ser entendido até por estrangeiros. O seu sermão aos peixes de Rimini, quando os homens não queriam ouvi-lo, ficou célebre. Faleceu aos 36 anos, a 13 de junho de 1231, na aldeia de Arcela, perto de Pádua, onde foi construído magnífico templo em sua homenagem e que, entre as diversas relíquias do santo, conserva sua língua, como lembrança de suas prédicas inesquecíveis. Santo Antônio foi proclamado Doutor da Igreja em 1946, pelo papa Pio XII (MEGALE, 2003, p. 57). Papa e Rossebastiano (2005, p. 122) informam que, além de Pádua, o santo também é padroeiro de Portugal. O maior de seus milagres foi, sem dúvida, o que se deu quando, já famoso orador, pregava em Pádua. Avisado durante o sermão que seu pai, injustamente condenado, caminhava para a forca, pousou por momentos a mão sobre a frente e milagrosamente deslocou-se, foi a Lisboa e salvou-o, fazendo o cadáver do assassinado negar, por um aceno de mão e de cabeça, a culpabilidade de Martinho de

	<p>Bulhões. Os ouvintes não perceberam que, durante aquela rápida parada, quando parecia coordenar as ideias, em pensamento havia realizado o discutido prodígio de deslocamento da personalidade.</p> <p>A devoção a Santo Antônio chegou ao Brasil trazida pelos colonizadores, assim como pelos franciscanos. A primeira capela a ele dedicada em solo brasileiro foi construída em Olinda, no ano de 1550, dando origem ao convento de Santo Antônio do Carmo. Ele é venerado pelos soldados, que lhe dedicam honras militares, e é orago de mais de 230 povoações brasileiras, mas para o povo em geral é o santo familiar, que acha os objetos perdidos e o protetor dos casamentos. (MEGALE, 2003, p. 58) Papa e Rossebastiano (2005, p.122) informam que o santo também é protetor dos naufragos, dos órfãos e prisioneiros.</p> <p>Quanto à proteção do santo nos combates contra os holandeses, em Pernambuco; contra os franceses no Rio de Janeiro; nas lutas armadas da Bahia em 1705; ou na Colônia do Sacramento, Uruguai, sua eficiência granjeou-lhe as patentes de capitão e coronel do Exército brasileiro, recebendo soldo depositado em favor dos conventos franciscanos no país, até a proclamação da República.</p> <p>Ele é representado geralmente vestindo hábito Franciscano, segurando uma cruz na mão direita e tendo na esquerda um livro, sobre o qual aparece o Menino Jesus de pé, ou sentado. A razão disso é a tradição segundo a qual, estando Santo Antônio em sua cela, um frade viu intensa luz, que parecia um incêndio. Preocupado, foi ver o que estava acontecendo. Ficou pasmo ao notar o santo, ajoelhado no genuflexório, abraçado ternamente pelo menino Jesus, sentado sobre o livro de orações.</p> <p>O primeiro mosteiro franciscano do Rio de Janeiro, o de Santo Antônio, teve sua pedra fundamental lançada em 1608, no outeiro que atualmente possui o seu nome e que posteriormente foi ligado ao morro Santa Teresa pelos famosos Arcos da Lapa. Como Casa Principal, tornou-se, durante muito tempo, o centro de onde se irradiava a ação da ordem de São Francisco pelas Capitanias do Sul do Brasil (MEGALE, 2003, p. 59).</p>
--	--

Quadro 19 - Hagiotopônimo 05

Localização geográfica	A oeste do 1º Distrito. Ver mapa 3, em anexo, bairro nº 18.
Topônimo	São Francisco
AH	Bairro
Taxionomia	Hagiotopônimo
Etimologia	Nome de origem germânica <i>frankisk</i> , o adjetivo étnico significava, ou seja, pertencente aos Francos, que eram tribos germânicas que viviam ao longo do Reno. Passou para o latim como <i>franciscus</i> e torna-se sinônimo de <i>francês</i> , era vocábulo do léxico comum. Segundo os autores há uma frequente utilização do sufixo <i>-escus</i> na formação de adjetivos étnicos do latim. A introdução de <i>Francesco</i> na onomástica ocorre no século XI, mas ainda conserva seu valor étnico utilizado em sobrenomes para indicar a proveniência de quem os leva. Com o surgimento e a fama de São Francisco de Assis o nome se difunde por toda a península italiana. Além de Francisco de Assis a igreja reconheceu muitos outros santos com mesmo nome, dentre eles <i>Francesco di Paola</i> , <i>Francesco Saverio</i> , <i>Francesco di Sales</i> e <i>Francesco Caracciolo</i> (ROSSEBASTIANO; PAPA, 2005, p. 510).
Estrutura morfológica	Elemento específico composto. Lexema 1, substantivo. Radical 1 <i>São</i> + lexema 2, substantivo. Radical 2 <i>Franc-</i> + sufixo derivacional com sentido de referência ou semelhança <i>-isc-</i> + morfema flexional de gênero masculino <i>-o</i> (HECKER; BACK; MASSING, 1984, p.1031-1839) (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 98).
Histórico	O surgimento do São Francisco foi através de um loteamento familiar. O local era aproveitado para o cultivo de uvas. O bairro surge em torno da igreja, salão comunitário e praça de esportes. O loteamento, que já se chamava São Francisco foi assim denominado por ideia de Ada Dazóchio, que é devota do santo italiano e que sempre fez parte da ordem franciscana, passou a ser bairro a partir de 15 de junho de 1993, através da lei nº 2068. A fé no santo de Assis é o principal motivo da escolha do nome. Os primeiros moradores realizavam suas missas e festas ao padroeiro, São Francisco, no Galpão Piccoli, como era conhecido por eles. Somente em agosto de 2007 foi construída a igreja do bairro. O bairro que até poucos anos era essencialmente residencial conta hoje com alguns estabelecimentos familiares como fábricas de calçados, malharias, fábrica de móveis, metalúrgicas, mercados e outros pequenos negócios. Um dos problemas do São Francisco é estar situado na encosta e sofrer com inundações. (www.jornalfarroupilha.com.br/notícia – último acesso em 03-06-12).
Informações enciclopédicas	Transcrevemos o texto de Megale, pois apresenta um conjunto de informações relevantes sobre a vida de São Francisco de Assis, observadas também em outros autores. Priorizamos o santo de Assis, pois é o mais difundido entre os grupos de colonos que ocupou a região em estudo: “Francesco Bernardone, nascido em 1186, pertencia a uma família rica de comerciantes de Assis. Segundo frei Patrício Sciadini, foi batizado com o nome de Giovanni di Pietro de Bernardone. Como, porém seu pai vendia tecidos preciosos, trazidos da França, nação que muito admirava, a seu pedido trocaram-lhe o nome para Francesco, isto é, “o francês”. Diz a lenda que quando sua mãe estava para dar à luz, apareceu-lhe um misterioso cavaleiro, envolto em grande capa, dizendo-lhe que ela não conseguiria ter um parto feliz se não o realizasse na estrebaria de seu palácio. Assim, o santo desde o nascimento se assemelhou a Jesus Cristo. Naquele local foi construída posteriormente uma capela denominada “Francesco Piccolino” (Sciadini, 2000). Carinhosamente educado pela mãe, passou sua juventude na companhia de jovens alegres e festivos, aproveitando os prazeres proporcionados pelo dinheiro. Iniciada uma guerra política entre Perúgia e

Assis, Francisco alistou-se como combatente, mas foi aprisionado, permanecendo vários meses atrás das grades. Libertado pelo pai, por motivo de doença, passou mais de um ano com longa enfermidade.

Em outubro de 1205, enquanto rezava nas ruínas da Capela de São Damião, ouviu uma voz, que parecia sair do crucifixo, dizendo: *Vai e prepara minha casa que está ruindo*. Essa casa era a Igreja Romana, mas Francisco entendeu como sendo a capela de São Damião e começou a reconstruí-la com a ajuda de alguns moradores do local, que a ele dedicaram seu tempo e suas forças. Amigo dos pobres procurava sempre ajuda-los, chegando mesmo a trocar suas ricas vestes com um mendigo e a vender, na ausência do pai, os melhores tecidos da loja, distribuindo o dinheiro aos pobres.

Pouca a pouco se formou em Francisco o desejo de largar tudo para dedicar-se somente à oração. Comunicou sua decisão ao reitor de São Damião e pediu que o aceitasse como companheiro. Pedro Bernardone, inconformado com a resolução do filho, levou-o ao bispo da cidade e exigiu que ele renunciasse a todos os bens. Francisco não só se prontificou a isto, como se despiu e entregou suas roupas ao progenitor, dizendo: *Até hoje vos chamei de pai, mas de agora em diante meu único pai é o Pai-Nosso que está no céu*.

A partir daí ele abraçou a vida religiosa, e ao mesmo tempo em que promovia pregações e viagens missionárias, não deixava de dedicar-se aos miseráveis e aos doentes, principalmente os leprosos, cuidando de suas feridas. Dizia que a pobreza é o caminho da salvação, o fundamento da humildade e a raiz da perfeição. Amava também os animais que tratava com respeito, chamando-os de “irmãos”.

Viveu a princípio como eremita, mas rodeou-se depois de discípulos, decididos a compartilhar com ele a pobreza evangélica, a assim fundou a Ordem dos Franciscanos, aprovada pelo papa Inocêncio III em 1210. Eles se instalaram inicialmente no local denominado Porciúncula, e de lá se espalharam pela Itália. Em 1212 fundou com santa Clara a Ordem das Claristas e posteriormente a Ordem Terceira.

Devido à devoção que possuía pela Paixão de Jesus Cristo, dois anos antes de sua morte, quando de um retiro no monte Alverne, Nosso Senhor lhe apareceu como um serafim alado e lhe transmitiu os estigmas, isto é, as chagas nas mãos, nos pés e no lado do peito.

O tal desapego às coisas materiais resultou no enfraquecimento de seu corpo, sempre doente. Morreu aos 44 anos, em 1226, deixando a todos um grande exemplo de humildade e generosidade. O papa Gregório IX canonizou-o em 1228 e suas relíquias foram transladadas para a basílica de Assis, em construção naquela época.

São Francisco é um santo muito popular no Brasil e sua oração é uma das mais divulgadas atualmente. (...) São muito admirados seus escritos, principalmente o Cântico do Irmão Sol e a Saudação à mãe de Deus (Sciadini, 2000).

Em nosso país existem belíssimas igrejas dedicadas ao Poverello de Assis, destacando-se entre elas a de São João del Rey, a de Ouro Preto, projetada por Alejandrinho, e a de Salvador, admirável pela sua nave recoberta de talha dourada. O primeiro convento edificado em seu louvor no Brasil foi o de Vitória, no Espírito Santo, em 1591. Contudo, o mais famoso santuário é o de São Francisco das Chagas, em Canindé, no Ceará, centro de romarias de todo o norte brasileiro, que ali venera seu orago, desde 1775.

Nas imagens mais antigas, como aquela trazida em 1503 na expedição de Gonçalo Coelho, São Francisco era representado em pé, descalço, vestido com hábito franciscano, tonsura nos cabelos, tendo as mãos cruzadas sobre o peito. Atualmente colocam pássaros no seu ombro, na sua mão e sobre a sua cabeça. As representações de São Francisco das Chagas mostram Nosso Senhor como um serafim de seis asas, abraçando o Taumaturgo de Assis e transmitindo-lhes os estigmas” (MEGALE, 2003, p.104-5-6-7)

O livro *Um Santo Per Ogni Giorno* (SOLDATO, 2009, p.347, 33,102) nos apresenta ainda três santos com o mesmo nome: San Francisco Saverio, São Francisco de Sales e São Francisco de Paola. São Francisco Saverio nasceu em Navarra em 1506. Viveu no convento de santa Bárbara onde conheceu Santo Inácio de Loyola. Com outros cinco companheiros fundou a Companhia de Jesus. Em Veneza, foi ordenado sacerdote em 1537. Trabalhou para os irmãos cristãos na Índia e por dez anos se dedicou às crianças abandonadas, e aos doentes. Esteve na China e no Japão e morreu em retorno na ilha de Sancian em 1552.

São Francisco de Sales nasceu no castelo de Sales, em Savoia, em 1567 de uma família de nobres rurais de grande fé católica. Formou-se em jurisprudência e ainda muito jovem entregou-se a vida eclesial. Iniciou sua tarefa tendo que pregar a fé católica entre calvinistas em Genebra. Utilizou panfletos fixados em muros ao longo das vias ou em baixo das portas para propagar a fé, métodos incomuns na época. Por isso ele é o patrono dos jornalistas e de quem opera meios de comunicação de massa. Nominado bispo de Genebra em 1603, deixou escritos que justificam seu título de Doutor da Igreja.

São Francisco de Paola entrou muito cedo para o convento dos frades menores. Nasceu em Paola na Calábria em 1416. Depois de três anos no convento decidiu retirar-se como eremita entregando-se à prece e a contemplação. Graças à fama de sua santidade e de seus milagres, fundou a ordem dos Eremitas de São Francisco, mais conhecida como dos Mínimos. Sua fama foi tanta que o rei da França, Luís XI (1461-1483), muito doente, mandou chama-lo para que o curasse. Permaneceu por 25 anos na França onde sua congregação se internalizou. Morreu em Tours em 1507.

Quadro 20 - Hagiotopônimo 06

Localização geográfica	A sudoeste do 1º Distrito. Ver mapa 3, em anexo, bairro nº 18.
Topônimo	São José
AH	Bairro
Taxionomia	Hagiotopônimo
Etimologia	A origem do nome é bíblica, partindo do personagem hebraico <i>Yoseph</i> , que no Antigo Testamento foi vendido por ciúmes dos irmãos e levado ao Egito onde soube conquistar a estima do faraó. A evolução do nome através dos escritos sagrados é aceita pelos estudiosos: <i>Yoseph</i> surgiria a partir do verbo <i>yasaf</i> , juntar. A forma Giuseppe teria significado equivalente a <i>que Deus reúne</i> (ROSSEBASTIANO; PAPA, 2005, p.599).
Estrutura morfológica	Elemento específico composto. Lexema 1, substantivo. Radical 1 <i>São</i> + lexema 2, substantivo. Radical 2 <i>Jose</i> (HECKER; BACK; MASSING, 1984, p.1031-4373).
Histórico	Foi nomeado bairro através da lei 1.359 de 13 de junho de 1984. Localiza-se no extremo Sudoeste da cidade, entre o Bairro Imigrante e o São Francisco. Um dos maiores problemas do bairro atualmente é a falta de saneamento básico. Uma característica do bairro é a forte presença de igrejas evangélicas. O bairro tem uma escola estadual de ensino fundamental e salão comunitário. Disponível em (http://www.farroupilha.rs.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=14&Itemid=17 último acesso em 02-07-2012)
Informações enciclopédicas	Esposo de Maria Santíssima, pai adotivo de Jesus é um dos santos mais venerados no ocidente. Segundo os evangelhos o carpinteiro ou marceneiro era descendente da família de Davi. José era noivo de Maria quando esta foi escolhida para ser a mãe de Cristo. Sabendo da gravidez José passou a repudiar Maria, porém um anjo lhe apareceu e explicou que o filho de Maria salvaria os homens dos pecados. A partir de então José passara a cuidar de Maria e do menino. Lutou para sobreviver em terra estrangeira, só regressando quando Jesus não corresse mais perigo de vida. Além das histórias narradas na Bíblia existem histórias narradas em evangelhos apócrifos, como a da escolha do esposo para a virgem: Doze velhos conduziram doze bastões até o templo e ali o bastão de José cobriu-se de lírios, por isso em muitas imagens ele vem representado com o bastão ornado de flores brancas. Foi proclamado patrono da Igreja universal por Pio IX em 1870. Seu dia é comemorado em 19 de março e ele é o padroeiro dos carpinteiros e marceneiros, protetor dos lares católicos e dos enfermos. Segundo as tradições católicas o santo pode proporcionar morte serena a seus devotos. (MEGALE, 2003, p. 144-45).

Quadro 21 - Hagiotopônimo 07

Localização geográfica	A oeste do 1º Distrito. Ver mapa 3, em anexo, bairro nº 17.
Topônimo	São Luiz
AH	Bairro
Taxionomia	Hagiotopônimo
Etimologia	<i>Luis</i> é a forma ibérica. Nome de origem germânica, variante de <i>Lodovico</i> . No francês, <i>Louis</i> ; no italiano, <i>Luigi</i> . O nome se firmou como típico da dinastia real francesa. Foram 18 reis assim chamados e através de seu prestígio o nome foi e é muito difundido. <i>Luis IX</i> , o santo, (1214- 1270), foi de grande importância na difusão do nome, pois reuniu a importância aristocrática à religião (ROSSEBASTIANO; PAPA, 2005, p. 816)
Estrutura morfológica	Elemento específico composto. Lexema 1, substantivo. Radical 1 <i>São</i> + lexema 2, substantivo. Radical 2 <i>Luís</i> (HECKER, BACK, MASSING, 1984, p.1031-2491).
Histórico	O Bairro São Luiz foi um bairro residencial até o início dos anos 70. A partir de então duas importantes empresas se estabeleceram no bairro iniciando um novo ciclo de desenvolvimento. A Malharia Acardi e a empresa de terraplanagem de Buscaino. A própria empresa realizou melhorias no bairro. Hoje o bairro conta com empresas de diversos ramos como mealharias, mercados, bares, lojas de confecções e calçados, prestadores de serviços, escolas, órgãos públicos, Igrejas e locais de lazer. Com a inauguração do prédio do Fórum, em setembro 1994, o bairro passou a contar com diversos órgãos e serviços. Inicialmente diversas salas do fórum foram ocupadas por tais órgãos e ao longo do tempo cada qual teve seu prédio. Hoje o complexo conta com Cartório Eleitoral, Ministério Público, Justiça do trabalho, além do Cartório de notas, Inspecar, CRVA e subseção da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil). O bairro conta ainda com Posto de Saúde, escola infantil, escola da APAE, grupo cultural, escola de natação e grupo de escoteiros. O bairro ainda teve a satisfação de ter uma <i>Miss Itália nel Mondo</i> , Rudialva Vigolo que começou representando seu bairro na Fenakiwi. (www.jornalfarroupilha.com.br/noticias.php?noticia=1732 último acesso em 07-06-2012)
Informações enciclopédicas	Nascido em 1568, no castelo de Castiglioni, nas imediações de Solferino, na Itália, era filho primogênito do marquês Fernando Gonzaga e sua esposa, Marta Santena. Seu pai, comandante do exército, queria que ele seguisse a carreira militar; por isso, deu-lhe ainda criança, armadura, elmo, espada e arcabuz, e levou-o para o acampamento de Casal-Major, onde o menino ficou escandalizado com as liberdades dos soldados. De acordo com sua categoria de príncipe, sua educação constou de estudos humanísticos, línguas clássicas, etiqueta e cortesia. Passou alguns anos nas mais brilhantes cortes da Itália e da Espanha, onde foi pajem de honra do príncipe Diego, filho de Felipe II.

	<p>Desde a infância manifestara inclinação para a vida religiosa, principalmente depois que recebeu a primeira comunhão das mãos de São Carlos Borromeu, e aos 10 anos, mas teve de lutar contra o pai, rico e poderoso, que não queria aceitar sua vocação para a vida eclesiástica. Em meio ao luxo das cortes, levava uma vida de oração e penitência, preservando-se assim contra as tentações mundanas. Aos 17 anos, abriu mão de sua herança de filho primogênito, entrando como noviço na Companhia de Jesus, onde se destacou pela imensa fé e ardente caridade. Durante a epidemia que grassou no ano 1590, em Roma, onde estudava teologia, apesar da doença que minava seu organismo, tanto trabalhou cuidando dos enfermos que acabou morrendo pouco depois, aos 23 anos. Em 21 de junho de 1591, entregou sua alma a Deus, sem completar os estudos para a ordem sacerdotal. Inúmeros milagres atestaram sua santidade, sendo beatificado treze anos após sua morte. Em 1726 o papa Benedito XIII colocou-o no Catálogo dos Santos. É considerado o protetor da mocidade e modelo da juventude que deseja seguir o caminho da perfeição.</p> <p>O famoso colégio São Luís de Itu, no Estado de São Paulo, foi instalado em 1867 pelos padres da companhia de Jesus, num antigo convento franciscano, onde funcionou no século XVIII, sob a proteção deste jovem santo, uma das primeiras escolas daquela cidade. Os jesuítas ali permaneceram até o início do século XX, pois em 1918 o colégio foi transferido para a Avenida Paulista, sendo considerado atualmente um dos melhores educandários da capital bandeirante. A imagem do santo, em tamanho natural, vestido de noviço, segurando uma cruz na mão esquerda e um ramo de lírios, símbolo da castidade, com a direita, ornamenta o altar-mor da igreja paroquial de São Luís Gonzaga, em São Paulo (MEGALE, 2003, p.154-5).</p> <p>SOLDATO (2009, p. 81) nos apresenta, além de São Luís Gonzaga, São Luís Orione nascido em Tortona, na Itália em 1872, Luís Orione foi admitido no convento dos frades menores de Voghera com apenas 13 anos. Teve que abandonar o convento por problemas de saúde passando a trabalhar como pedreiro com o pai. De 1886 a 1889 viveu no oratório de Dom Bosco, pelo qual foi influenciado. Trabalhou pelos meninos pobres e abandonados para os quais fundou a Pequena Obra da Divina Providência. Em Roma tornou-se amigo do papa Pio X e ao voltar para o Piemonte se dedicou a construção de um asilo com os fundos da herança de uma condessa. Morreu em São Remo em 1940.</p>
--	---

Quadro 22 - Hagiotopônimo 08

Localização geográfica	A centro oeste do 1º Distrito. Ver mapa 3, em anexo, bairro nº 14.
Topônimo	São Roque
AH	Bairro
Taxionomia	Hagiotopônimo
Etimologia	Em italiano, <i>Rocco</i> , de origem germânica, derivaria de nomes formados por raiz onomatopeica <i>brōka-</i> , corvo, animal venerado como sacro pelas antigas populações germânicas. Ocorre raramente entre os epígrafos latinos como sobrenome servil em Roma na forma <i>Rochus</i> . Os registros da época medieval apresentam diferentes formas do nome em latim, a forma <i>Rocco</i> foi registrada na Itália central no ano 838. A popularidade do nome contribuiu para o culto a <i>San Rocco</i> venerado no mundo católico a partir do século XV (ROSSEBASTIANO; PAPA, 2005, p. 1085).
Estrutura morfológica	Elemento específico composto. Lexema 1, substantivo. Radical <i>São</i> + lexema 2, substantivo. Radical <i>Roqu-</i> + vogal temática <i>-e</i> (HECKER; BACK; MASSING, 1984, p. 1031-4901).
Histórico	O bairro, que se chamou anteriormente Cohab, passou a chamar-se São Roque a partir de 04 de agosto de 1982 através da lei 1942 com unanimidade dos votos. Manifestando-se assim através da denominação, o desejo popular. Localizado às margens da RS 122, entre os Bairros Nova Vicenza, Cruzeiro e Medianeira. Uma característica interessante do São Roque é que das 15 ruas que compõem o bairro, 5 retomam nomes de lugares da Itália. O bairro sedia a Casa da Criança, que tem por objetivo dar abrigo e apoio educacional a crianças desamparadas sedia também uma loja Maçonica. (Mapa oficial de Farroupilha 2012), (http://www.farroupilha.rs.gov.br/content/view/3033/) último acesso em 02-07-2012.
Informações enciclopédicas	Segundo Rossebastiano e Papa (2005, p. 1085) os primeiros sinais de devoção ao santo acontecem na Itália durante o XV século e tornando-se numerosos. Tornou-se popular como o Protetor da Peste, especialmente em Veneza durante a epidemia da peste em 1477. Ali foi fundada a confraria de caridade dedicada ao santo que mais tarde foi deslocada para a Escola de São Roque. De acordo com Soldato, (2009 p. 238) em Roma o santo curou um cardeal o qual lhe apresentou ao papa. Seguindo viagem e acabou contraíndo a peste que se manifestou através de uma ferida na perna, assim, Roque se recolheu na floresta, para não propagar a peste, onde somente um cão lhe visitava todos os dias trazendo-lhe um pedaço de pão. Graças a uma fonte milagrosa é curado. Segundo o autor o santo morre em Agera em 1237. De acordo com Megale o dono do cão que visitou ao santo encontrou o mesmo em uma gruta e ajudou-o a curar-se e a morte do santo se daria em Montpellier em 1327. Por estar de acordo com outros autores na maioria das informações transcrevemos abaixo a versão de Megale: Santo do século XIV nasceu e morreu em Montpellier, na França. Aos 20 anos de idade perdeu os pais e distribuiu sua fortuna entre os pobres. Viajou para a Itália em peregrinação, atendendo aos doentes da peste que assolava a região. Adoecendo, ocultou-se numa gruta, onde um cão o descobriu. O dono do cachorro, o cavaleiro Gotardo, tratou de Roque e curou-o. Continuou sua missão de

	<p>caridade aos doentes, e quando voltou a Montpellier foi confundido com um criminoso e atirado numa prisão, onde faleceu cinco anos depois, sem identificar-se, em 16 de agosto de 1327, aos 32 anos. (LEHMANN, 1959). Segundo a lenda, após sua morte foi reconhecido por sua avó, pela mancha em forma de cruz que trazia no peito.</p> <p>Invocado nas horas de epidemia, principalmente cólera-morbo ou varíola, é muito popular nas tradições da Europa e da América. Os sertanejos, como os portugueses velhos, chamavam-no Senhor São Roque. Os devotos do santo não morrem de colapso, de úlcera ou de peste. Usam no dia 16 de agosto uma fita roxa.</p> <p>Nas cidades brasileiras ligadas à vida pastoril, ele é o protetor dos cães e de outros animais, como cavalos, bois e pássaros. Segundo Alceu Maynard de Araújo, na região cafeeicultora paulista, para que as galinhas não adoçam, oferece-se a São Roque um galeto, que se torna o dono do terreiro e que jamais irá para a panela. Morrerá de velho e será enterrado, para que os cães ou urubus não venham a comê-lo.</p> <p>Nas representações iconográficas, encontra-se de pé, com a túnica levantada à altura dos joelhos, mostrando uma ferida. Usa sobre os ombros uma capa de viajante, e em algumas imagens segura a palma do martírio ou empunha o cajado de peregrino, vendo-se aos seus pés um chapéu. Está quase sempre acompanhado de um cão, por isso é confundido com São Lázaro em algumas imagens.</p> <p>No século XIX, São Roque era um dos santos mais venerados no Rio de Janeiro, e sua capela, na ilha de Paquetá, recebia no dia de sua festa (16 de agosto) o culto da mais alta sociedade carioca. O próprio d. João VI foi ali pagar a promessa pela cura de uma ferida, que muito o incomodava, causada por um carrapato imprudentemente arrancado pelo príncipe. A ulceração havia resistido à ciência dos médicos e cirurgiões, não somente brasileiros como do exterior. Apesar de terem dito que a cura fora obtida por um curandeiro de reputação, os antigos habitantes da ilha asseguravam que foi graças à intervenção de São Roque.</p> <p>As paredes da sacristia do templo, posteriormente demolido, estavam cobertas de placas com a história dos nomes dos naufragos e doentes salvos pela intercessão de São Roque. As chamadas “promessas” de cera eram tantas que todos os anos era necessário transformar as mais velhas em tochas e velas para o serviço religioso do santo, a fim de dar lugar às novas que chegavam. Hoje em dia, devido ao progresso da medicina e da farmacologia, a devoção a São Roque foi esquecida pela população, permanecendo apenas nas lembranças do passado e na memória folclórica do povo interiorano (MEGALE, 2003, p. 189-91).</p>
--	---

5.10 HISTORIOTOPÔNIMOS

Historiotopônimos são nomes que se referem a fatos, datas ou pessoas de importância histórica e que são lembrados através dos topônimos.

Nessa categoria temos seis ocorrências, representando 20% do total.

Quadro 23 - Historiotopônimo 01

Localização geográfica	A nordeste do 1º Distrito, às margens da rodovia RST-453. Ver mapa 3, em anexo, bairro nº 11.
Topônimo	Centenário
AH	Bairro
Taxionomia	Historiotopônimo ou numerotopônimo.
Etimologia	De acordo com Cunha (2001, p. 172) e Bueno (1964, p. 670) o nome deriva do número cem, no lat. <i>Centum</i> . "Adj. Que encerra o número cem, relativo à centena. S.m. Aniversário que ocorre cem anos ou todos os cem anos depois de um acontecimento. Do lat. <i>centenariu</i> (NASCENTES, 1943, 1º tomo, p. 445)". Houaiss (2009, p. 436) complementa: “O que tem exata ou aproximadamente cem anos, ou mais, até 199”. Lat. <i>centenarius, a, um</i> . Devoto e Oli (1990, p. 350) apresenta a derivação do latim “ <i>centinarius</i> , der. De <i>centenus</i> ‘in numero di cento’”.
Estrutura morfológica	Topônimo simples ou elemento específico simples. Radical <i>Centen-</i> + sufixo derivacional provido de morfema flexional de gênero <i>-ario</i> :. Na divisão do vocábulo proposta por Heckler; Back; Massing (1984, p. 1071), temos radical <i>cent-</i> + sufixo derivacional 1 – <i>en</i> + sufixo derivacional 2 – <i>ar</i> + sufixo derivacional 3 – <i>io</i> , provido de morfema flexional de gênero.
Histórico	Os moradores começaram a ocupar o local, atraídos pelas ofertas de emprego das fábricas do distrito industrial. O bairro era uma área rural conhecida como Linha Julieta, dezesseis hectares do mesmo eram de parreiras (www.jornalfarroupilha.com.br/notícia_30-05-2008 último acesso em 04-06-12). As obras que deram início ao loteamento Centenário, hoje bairro, foram embargadas pela CORSAN em 1977 sob a alegação de o local ser parte da bacia de captação da mesma. Em 1986,

	através da lei 2.157 de 25 de outubro de 1994, sob a alegação de que outros bairros já estavam instalados em área também de captação, a obra foi liberada dando início ao bairro. O nome é uma homenagem aos cem anos da imigração italiana.
Informações enciclopédicas	Para comemorar os cem anos da imigração italiana no RS, o prefeito de Farroupilha, Clóvis Tartarotti recebeu o então presidente da república Ernesto Geisel em 13 de dezembro de 1975. Na ocasião foi inaugurado o Parque Monumento ao Italiano em Nova Milano. O monumento, criação do escultor Carlos Gustavo Tenius, representa as três primeiras famílias que colonizaram Nova Milano. O parque também recebeu uma réplica do leão alado de São Marcos, que é símbolo do Vêneto na Itália. Foram enviadas várias placas comemorativas de diversas regiões da Itália e também uma gôndola, presente do então presidente do Vêneto Dr. Tumeleri. Além das comemorações em Nova Milano foram erguidos monumentos e lançadas obras literárias, foram abertos museus e exposições por todas as cidades fundadas por italianos no RS. A partir de então o nome Centenário passou a ser usado em lembrança e homenagem aos cem anos da imigração italiana (http://www.farroupilha.rs.gov.br/content/view/1162 , último acesso 04-06-12).

Quadro 24 - Historiotopônimo 02

Localização geográfica	A norte do 1º Distrito. Ver mapa 3, em anexo, bairro nº 07.
Topônimo	Cinquentenário
AH	Bairro
Taxionomia	Historiotopônimo.
Etimologia	Do lat. <i>cinquaginta</i> . (GUÉRIOS, 1979, p. 58). "S.m. Quinquagésimo aniversário. (De um <i>cinquentena</i> , calcado em cinquenta, q.v., e suf. -ário, pelo modelo de centenário)". Derivado de <i>cinquenta</i> . No lat. <i>Cinquaginta</i> por <i>quinquaginta</i> (NASCENTES, 1943, 1º tomo, p.457)". Segundo Gaston Paris, apud Guérios, (1979, p.58), a forma latina <i>cinque</i> é deduzida de <i>cinquaginta</i> , cinquenta. Houaiss (2009, p.468) acrescenta: <i>cinquenta</i> + - <i>enário</i> .
Estrutura morfológica	Elemento específico simples. Radical <i>cinqu-</i> + sufixo derivacional 1 - <i>ent</i> + sufixo derivacional 2 - <i>em</i> + sufixo derivacional 3 - <i>ar</i> + vogal de ligação com vogal temática - <i>io</i> (HECKER; BACH; MASSING, 1984, p. 1177). De acordo com Cunha e Cintra (1985, p. 98) o sufixo - <i>ário</i> se apresenta como forma única com sentido de relação.
Histórico	O bairro tem início com o projeto de urbanização de 433 terrenos oferecidos aos moradores de baixa renda. Foi instalado ao lado do Parque Cinquentenário, considerado uma área nobre, o projeto demorou a ser aprovado, e o foi justamente no período das comemorações dos 50 anos de emancipação do município através da lei nº 1.359 de 14 de junho de 1984. A motivação do nome tem duplo referencial, a proximidade do Parque Cinquentenário e o cinquentenário da emancipação do município. Hoje, o bairro conta com três escolas e uma universidade nas proximidades e todas as ruas são pavimentadas. No Cinquentenário também estão dois núcleos industriais bem desenvolvidos. Disponível em (www.jornalfarroupilha.com.br/notícia/09-05-2008 - último acesso em 04-05-2012).
Informações enciclopédicas	A ocasião dos cinquenta anos da imigração italiana no RS foi comemorada através de festas, instalação de monumentos e produção de um álbum. As festas envolveram a Itália Fascista, governada por Mussolini. Foi lançado na época um álbum comemorativo contando a história e ilustrando os cinquenta anos de desenvolvimento da região de colonização italiana. Em Nova Milano, na praça da imigração italiana foi instalado na época o monumento Réplica dos Passaportes dos Primeiros Imigrantes (http://históriadaqui.blogspot.com.br último acesso em 04-06-2012).

Quadro 25 - Historiotopônimo 03

Localização geográfica	Região nordeste do estado do Rio Grande do sul. Ver mapa 1, em anexo.
Topônimo	Farroupilha
AH	Distrito sede, município.
Taxionomia	Historiotopônimo
Etimologia	"Adj. Mal vestido, farrapento, andrajoso, miserável. Pessoa que tomou parte na revolução sul-riograndense de 1835. (Corr. de <i>farrapilha</i> , der. de <i>farrapo</i>). FARRAPO: S.m. Trapo cortado, pedaço de pano já usado e gasto, esfiapando-se. Qualquer peça de vestuário velha e róta" (NASCENTES, 1943, 2º tomo, 322). Através do Dicionário Etimológico Resumido, Nascentes apresenta as seguintes relações e formas: "Adolfo Coelho prendeu a forma <i>farrapo</i> . Figueiredo entende que está por <i>farroupilha</i> , de <i>farrapo</i> . É um diminutivo de <i>farroupa</i> . Corominas viu um cruzamento com <i>roupa</i> , para explicar o ditongo. FARRAPO: Deverbal de farrapar, por <i>farapar</i> , q.v. Cf. esp <i>harapo</i> ". (NASCENTES, 1966, p.318). Houaiss (2009, p. 875) acrescenta: ETIM <i>farroupa</i> (por farrapo) + <i>ilha</i> .
Estrutura morfológica	Elemento específico simples. Substantivo, radical <i>Farr-</i> + sufixo derivacional 1 <i>oup-</i> + sufixo derivacional 2, com sentido de diminutivo <i>ilh-</i> + vogal temática - <i>a</i> (HECKER; BACH; MASSING, 1984, p. 1691).
Histórico	Foi emancipada em 11 de dezembro de 1934. Chamada de "Berço da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul" Farroupilha é uma cidade muito desenvolvida, principalmente na indústria. Com o

	passar dos anos, a cidade se consolidou em várias frentes, primeiro com a agricultura, depois com a indústria. No setor primário, sedia a Festa Nacional do Kiwi (Fenakiwi), sendo o maior produtor nacional da fruta. Também conta com a maior produção brasileira de uvas moscatéis, possui uma diversificada cadeia produtiva de hortifrutigranjeiros. No setor Secundário, dispõe de uma matriz produtiva altamente variada do setor couro-calçadista ao metal-mecânico, do moveleiro ao plástico, com destaque especial para o malheiro, uma vez que também é conhecida como a Capital Brasileira da Malha. É hoje a 20ª cidade do Rio Grande do Sul em economia (Guia Turístico <i>Bem-Vindo a Farroupilha</i> , 2012, p. 6-7). O nome Farroupilha teve origem política, com a finalidade de agradar ao interventor e ao mesmo tempo eliminar qualquer resquício que pudesse provocar divergência entre Nova Vicenza e Nova Milano. Mas também foi uma homenagem ao centenário da Revolução Farroupilha (1835-1935) (www.jornalfarroupilha.com.br/noticia . 18-01-2008, último acesso em 04-06-2012).
Informações enciclopédicas	Nome dado à revolução rio-grandense liderada por republicanos. Foi “um movimento armado de caráter separatista, verificado naquele estado e em Santa Catarina no período regencial (1835/1845). As origens desse movimento vinculam-se à rebeldia manifestada pelos rio-grandenses contra a centralização política e administrativa emanada do Rio de Janeiro, embora existissem outros motivos, bastante fortes, normalmente no que diz respeito à política econômica do governo. A denominação “farroupilhas”, ou “farrapos”, tinha evidente sentido pejorativo, partindo dos adversários que caçoavam das roupas por eles usadas. (...) A rebelião farroupilha, iniciada sob inspiração separatista, caminhou para a solução republicana, com o estabelecimento da República Rio-Grandense e de uma outra, efêmera, em Santa Catarina, a chamada República Juliana. Após dez anos de luta, os conflitos que surgiam no sul com os países platinos e a necessidade do apoio militar que os gaúchos poderiam assegurar ao governo apressaram uma “paz honrosa”, oferecida pela monarquia (Poncho Verde, no dia 28 de fevereiro de 1845) (AZEVEDO, 1999, p. 194).

Quadro 26 - Historiotopônimo 04

Localização geográfica	A sudoeste do 1º Distrito. Ver mapa 3, em anexo, bairro nº 20.
Topônimo	Imigrante
AH	Bairro
Taxionomia	Historiotopônimo
Etimologia	Derivado do lat. <i>immigrare</i> , de <i>migrare</i> . "mudar, passar de um lugar para o outro" (CUNHA, 2001, p. 520). Houaiss (2009, p. 1050) complementa: "adj. (1816) que ou pessoa que imigra ou imigrou; que ou quem se estabeleceu em país estrangeiro (...) ETIM lat. <i>immigrans, antis</i> ".
Estrutura morfológica	Elemento específico simples. Substantivo, prefixo derivacional de origem latina com sentido de movimento para dentro <i>i-</i> + radical <i>-migr-</i> + sufixo derivacional com sentido de agente + <i>ant-</i> + vogal temática nominal <i>-e</i> (HECKER, BACK, MASSING, 1984, p. 2728).
Histórico	Tornou-se bairro a partir de 13 de junho de 1984, através da lei nº 1.359. Próximo ao centro, recebeu o nome em função do grande número de migrantes que vivem no bairro. Talvez inspirado na imigração italiana, mas a principal motivação no caso do Bairro Imigrante esta relacionada ao movimento migratório no interior do estado. É constituído por metalúrgicas, malharias, posto de combustível, padaria, fábrica de móveis e calçados. Tem um bom conceito entre os moradores por ser um bairro de pouca violência (COLOMBO; SANTOS; RIGONI, 2008, p.7).
Informações enciclopédicas	A maciça imigração vêneta-lombarda para o Rio Grande do Sul situa-se dentro da grande onda imigratória do século XIX e início do XX. Dezenas de milhões de europeus migraram para outros continentes, especialmente para a América. Cerca de seis milhões de europeus instalaram-se no Brasil, 1,5 milhões eram italianos dos quais 100 mil dirigiram-se para o Rio Grande do Sul (DE BONI e COSTA, 2000, p. III). De acordo com Koucher (2006, p. 10) as migrações internas têm um importante papel na distribuição espacial da população e na constituição de mercados de trabalho urbanos. Um dos aspectos do processo de migrações internas é o mecanismo de migração por etapas: a primeira etapa em geral é de origem rural e destino urbano. A outra etapa é de longa distância e intermunicipal, é a migração de destino urbano e origem urbana, ocorre em direção a um núcleo populacional ou cidade central. As migrações internas se relacionam com as transformações socioeconômicas. Não apenas o Imigrante, mas outros bairros são formados por migrantes atraídos por ofertas de emprego nas indústrias locais. (KOUCHER; 2006, dissertação disponível em www.lume.ufrgs.br último acesso em 02-07-12)

Quadro 27 - Historiotopônimo 05

Localização geográfica	A leste do 1º Distrito. Ver mapa 3, em anexo, bairro nº 24.
Topônimo	Monte Pascoal
AH	Bairro
Taxionomia	Antropotopônimo ou historiotopônimo
Etimologia	MONTE: "S.m. Massa grande de terra ou de rocha, elevada acima do terreno que a rodeia, em declive mais ou menos rápido, sempre bastante sensível. (...) o lat. <i>monte</i> " (NASCENTES, 1943, 3º

	<p>tomo, p. 195). Segundo Houaiss (2009, p. 1315): "ETIM lat. <i>mons, ntis</i>".</p> <p>PASCOAL: Os primeiros registros do nome são bíblicos, referindo-se à festa anual dos hebreus que mais tarde foi adotada pelos cristãos para comemorar a ressurreição de Cristo. "Do lat. pop. <i>pasqua</i>, alteração do latim eclesiástico, <i>pascha</i>. No aramaico, <i>pashā</i>, no hebraico, <i>pesah</i>, (pascal), no latim <i>paschālis</i>, pascoal (CUNHA, 2001, p. 584)". Segundo Nascentes, <i>pascoal</i> e <i>pascal</i> são variações do mesmo vocábulo (1943, p. 327). "PASCAL: Adj. relativo à páscoa. (Do lat. <i>paschale</i>)". "PASCOA: S.f. Festa solene que os judeus celebram anualmente no décimo quarto dia da lua depois do equinócio de primavera, em memória da saída do Egito. Festa cristã da Ressurreição de Jesus Cristo, celebrada no domingo seguinte à Páscoa dos judeus. (Do hebr. <i>pesakh</i>, passagem, <i>scilicet</i> do anjo exterminador, através do lat. <i>pascha</i>)" (NASCENTES, 1943, 3º tomo, p. 327). Bueno (1974, p. 2901) informa que alguns autores sugerem que o vocábulo tenha origem grega <i>Phasék</i> "no período em que o <i>ph</i> era transcrito por <i>P</i> e não por <i>Ph</i> ou <i>F</i>. Segundo ele a forma páscoa "supõe um lat. vulg. <i>Pasqua</i>".</p>
Estrutura morfológica	<p>Topônimo composto por termo genérico e específico. Sintagma nominal Genérico; lexema 1, substantivo, radical <i>Mont-</i> + vogal temática nominal <i>-e</i>. Específico, lexema 2, adjetivo, Radical <i>Pasc-</i> + vogal de ligação <i>-o</i> + sufixo derivacional com sentido de relação <i>al</i> (HECKER; BACK; MASSING, 1984, p. 2792, 3119).</p>
Histórico	<p>O Bairro Monte Pascoal passou a ser assim denominado a partir de 30 de junho de 1977 através da lei 1.129. O nome tem como principal motivação o sobrenome da família Pascoal, a quem pertenciam as terras onde se localiza hoje o bairro. A presença de um monte no lugar levou os moradores a associarem o antigo nome histórico ao nome da família e ao monte ali existente.</p>
Informações enciclopédicas	<p>O nome que retoma a descoberta do Brasil foi o primeiro nome mencionado para designar a terra vista ao longe.</p> <p>"No dia 9 de março de 1500, a armada comandada pelo fidalgo Pedro Alvares Cabral (com 13 embarcações e cerca de 1300 homens) deixou Lisboa e rumou em direção ao Cabo Verde. Depois de lá passar, dirigiu-se ao oceano para, um mês depois, avistar alguns sinais de terra. Na manhã do dia 22 de abril, avistaram um monte redondo, a que chamaram de Pascoal por estarem na semana da Páscoa. A descrição detalhada do sucedido nos dias seguintes, até quando, no dia 2 de maio partem para a Índia, nos é apresentada pelo escrivão Pero Vaz de Caminha em sua importante e tão conhecida carta" (BITTENCOURT, 2007, p. 111).</p>

Quadro 28 - Historiotopônimo 06

Localização geográfica	Ao sul do 1º distrito, Farroupilha. Ver mapa 3, em anexo, bairro nº 29.
Topônimo	Primeiro de Maio
AH	Bairro
Taxionomia	Historiotopônimo
Etimologia	<p>PRIMEIRO: "Numeral que indica o que numa ordem está antes de todos os outros no espaço e no tempo. (...). (Do latim <i>primariu</i>)" (NASCENTES, 1943, 3º tomo, p. 445). Houaiss (2009, p. 1551) acrescenta as declinações latinas: <i>primarius, a, um</i>.</p> <p>MAIO: "S. m. Quinto mês do ano no calendário gregoriano. Adj. "Que aparece, que floresce no mês de maio". No lat. <i>maju</i> (NASCENTES, 1943, 3º tomo, p. 95). Bueno (1974, p. 2271) complementa: "Lat. <i>Maius</i> do mesmo tema de <i>Maia</i> a deusa do crescimento". Segundo Houaiss (2009, p. 1218), maio é o quinto mês dos calendários juliano e gregoriano e é composto por 31 dias. ETIM lat. <i>maius</i> ou <i>majus</i>. Nome de origem latina <i>Maius (mensis)</i> (mês) de <i>Maia</i>, mãe de mercúrio (ZINGARELLI, 2001, p. 598). De acordo com Cunha [<i>XIII, mayo XIII</i>], o mês é consagrado a Apolo, quinto mês do calendário romano depois da reforma feita por Júlio César (2001, p.490).</p>
Estrutura morfológica	<p>Topônimo composto. Sintagma nominal (ANDRADE, 2010, p, 108): <i>Prim-</i> (lexema 1) + <i>eir-</i> (<i>sufixo nominal com noção de coletivo</i>) + <i>o</i> (desinência nominal). <i>Mai-</i> (lexema 2) + <i>o</i> (vogal temática nominal) (HECKER; BACH; MASSING, 1984, p. 3371-2550).</p>
Histórico	<p>A maioria dos moradores do 1º de Maio nasceu na estância e mudou-se para o bairro em busca de trabalho. Dessa forma surge no bairro um Centro de Tradições gaúchas Aldeia Farroupilha. Localizado na encosta de um morro, as casas parecem estar "penduradas, devido à posição íngreme que foram construídas. Uma rua asfaltada liga o centro ao bairro através de um vale. O bairro conta com Igreja, salão comunitário, escola e posto de saúde. Iniciou com um grupo de funcionários de uma indústria local. Uma paisagem interessante do 1º de Maio é a casa do dono da primeira empresa no local estar localizada no centro do bairro, em local de destaque (KANAAN, 2008). Tornou-se oficialmente bairro através da lei 1.359 de 13 de junho de 1984. Provavelmente o nome tenha sido atribuído ao bairro por se tratar de um bairro de trabalhadores da indústria.</p>
Informações enciclopédicas	<p>A data é uma homenagem ao trabalhador. De acordo com Avila no dia 1-05-1886, em Chicago, grevistas entraram em choque com a polícia. Explodiu uma bomba e morreram quatro operários e sete policiais. (...) Em junho de 1889, os socialistas reunidos em Paris, para fundar a II Internacional, aprovaram a resolução de consagrar o dia do trabalho. (...) No Brasil, a primeira tentativa de celebrar o 1º de Maio data do ano de 1893. Encontrou violenta repressão do governo, mas já em 1895 a data era celebrada sem maiores alterações. O Dia do trabalho, porém, só foi institucionalizado com o Estado Novo, em 1938, e declarado feriado nacional pelo governo de marechal Eurico Gaspar Dutra, com a lei nº 662, de 6-04-1949. A Igreja Católica instituindo, em 1955, a festa litúrgica de S. José operário, a</p>

	ser celebrada em 1º de maio, procurou dar, para os operários cristãos um sentido também religioso do Dia do Trabalho (Ávila, 1972:231) apud Oliveira (2000 p. 1-5).
--	---

5.11 POLIOTOPÔNIMO

Segundo Dick, são os nomes constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial. Em Farroupilha temos apenas um nome pertencente a essa categoria representando 3,3% dos nomes analisados.

Quadro 29 - Poliotopônimo

Localização geográfica	Ao norte do 1º Distrito. Ver mapa 2, em anexo, distrito nº 4.
Topônimo	Vila Jansen
AH	Distrito
Taxionomia	Poliotopônimo
Etimologia	De origem flamenga, <i>Jan(s)em</i> , filho de João. É provável que o principal foco de propagação do nome tenha sido o teólogo e bispo de <i>Ypres</i> , <i>Cornélius Jansen</i> (1585 – 1635). Organizou um resumo com as idéias de Santo Agostinho a partir do qual inicia a doutrina Jansenista ou Jansenismo (CUNHA, 1986, p.490).
Entrada lexical	Vila Jansen
Estrutura morfológica	Elemento híbrido composto. Lexema 1, substantivo <i>vila</i> da língua portuguesa. Radical 1 <i>vil-</i> + vogal temática <i>-a</i> + lexema 2 <i>Jansen</i> . Radical 2 germânica <i>Jans-</i> + sufixo derivacional <i>-en</i> (HECKER; BACK; MASSING, 1984, p. 4424 - 2269).
Histórico	O distrito foi fundado por descendentes de imigrantes italianos. O nome Jansen, teve origem com a demarcação das terras da encosta superior do Nordeste, onde um militar alemão mercenário de nome Jansen Brumer se destacou dando origem ao nome da linha e conseqüentemente da Vila. Vila Jansen tem ótimas condições climáticas e solo fértil, o que possibilita o cultivo de variedades nobres de uvas. Nela também está o balneário Parque das Águas. Em 1937 foi criada a escola da Vila Jansen, na época era chamada de Grupo Escolar Linha Jansen, hoje Escola Júlio Mangoni, que recebeu esse nome, pois Júlio Mangoni foi um dos principais investidores da região. O padroeiro da comunidade é São João Batista e todos os anos, no mês de Junho, é homenageado com a tradicional festa de São João. (GÜILDEN, TRICHES, DAGNESE e GIRELLI; 2000).
Informações enciclopédicas	O segundo distrito de Farroupilha, Jansen, tem sede na Vila de mesmo nome. É o distrito situado no extremo norte do município, fazendo limites ao Norte com os municípios de Nova Roma do Sul e Flores da Cunha, ao sul com o 1º distrito de Farroupilha, a leste com o município de Caxias do Sul e a Oeste com o município de Bento Gonçalves. Antes da emancipação política de Farroupilha, Vila Jansen era o 3º distrito da colônia Dona Isabel (atual Bento Gonçalves). A principal atividade econômica é a viticultura. A Cooperativa Vinícola São João é um dos estabelecimentos mais antigos da região. A primeira igreja foi construída em 1909, na sequência surgiram botequins, casas de secos e molhados, alambiques e serrarias. A primeira estrada de acesso às comunidades mais desenvolvidas foi construída pelos próprios colonos. A abertura da Estrada Júlio de Castilhos, iniciada em 1910, propiciou o desenvolvimento de atividades econômicas acelerando o desenvolvimento da região (GÜILDEN, TRICHES, DAGNESE e GIRELLI; 2000).

5.12 SOCIOTOPÔNIMOS

De acordo com Dick os sociotopônimos se referem aos locais de trabalho, às atividades profissionais e locais de encontro. É o caso do Bairro Industrial, que surgiu a partir de um aglomerado de indústrias e o Bairro Do Parque, que está localizado junto ao Parque dos Pinheiros que é um local de encontro e lazer. Representam 6,6% do total dos nomes

estudados.

Quadro 30 - Sociotopônimo 1

Localização geográfica	A centro oeste do 1º Distrito. Ver mapa 3, em anexo, bairro nº 22.
Topônimo	Do Parque
AH	Bairro
Taxionomia	Sociotopônimo
Etimologia	Substantivo derivado do latim, <i>parricum</i> , no francês, <i>parc</i> , que originalmente significava bosque fechado onde há caça, terreno arborizado que circunda uma propriedade, jardim público XVI (CUNHA, 2001, p. 583). Segundo Zingarelli (2001, p. 731) é possível que o nome seja de origem pré-latina.
Estrutura morfológica	Elemento específico composto. Lexema 1, preposição, radical <i>De</i> + morfema flexional de gênero – o. Lexema 2, substantivo, radical <i>Parqu-</i> + vogal temática nominal <i>-e</i> . (HECKER; BACH; MASSING, 1984, p. 3114).
Histórico	O bairro recebeu esse nome, pois é nele que se encontra o Parque dos Pinheiros, no centro de Farroupilha. Através da lei 1.359 de 13 de junho de 1984 o mesmo foi oficializado.
Informações enciclopédicas	O Parque dos Pinheiros está localizado no coração de Farroupilha, ele conta com 22 hectares de área com lago, pista para caminhadas e corridas, parque infantil, academia de ginástica ao ar livre, pista para prática de skate, quadras de futebol e vôlei de areia, piscina pública e restaurante, mas a principal atração é a mata nativa que circunda o parque. É considerado o pulmão de Farroupilha e nele são desenvolvidos vários projetos educacionais. Durante todo o ano ele é frequentado pela população que adora o seu parque (Guia Turístico <i>Bem-Vindo a Farroupilha</i> , 2012, p. 28-9).

Quadro 31 - Sociotopônimo 02

Localização geográfica	A centro leste do 1º Distrito. Ver mapa 3, em anexo, bairro nº 23.
Topônimo	Industrial
AH	Bairro
Taxionomia	Sociotopônimo
Etimologia	O nome deriva do substantivo <i>indústria</i> , arte, destreza, engenho, [<i>jn-XIV, industria XV</i>]. Conjunto de operações que transformam matéria prima em produtos para o consumo. Forma latina <i>industriā</i> (Cunha, 2001, p. 434). “Houaiss (2009, p.1076) complementa:” S.f. (s XIV) habilidade ou aptidão para realizar algo, esp. trabalho manual, arte, destreza, perícia. (...) capacidade de criar, de produzir com arte, habilidade, sensibilidade, artifício, criatividade, engenho. (...) ETIM lat. <i>industria, ae</i> . Para industrial apresenta: ETIM <i>indústria + al</i> .
Estrutura morfológica	Elemento específico simples. Substantivo, prefixo derivacional latino <i>ind-</i> + vogal de ligação <i>-u</i> + radical com sentido de disposição e organização <i>-str-</i> + vogal de ligação <i>-i-</i> + sufixo derivacional com sentido de coletivo <i>-al</i> (HECKELER; BACK; MASSING, 1984, p. 3971).
Informações enciclopédicas	A revolução industrial teve início na Inglaterra no final do século XVII. Com o surgimento da máquina a vapor, do tear mecânico e a máquina de fiar surge a indústria fabril revolucionando o modo de vida no século XVIII. A revolução intensificou o processo de migração do campo para a cidade formando grandes núcleos urbanos. Durante a primeira fase, 1760 a 1850, a indústria têxtil foi a que mais se desenvolveu. A segunda fase é marcada pelo surgimento do aço, de novas fontes de energia, como o petróleo e a eletricidade, também se desenvolveram os sistemas de comunicação. A unificação da Itália realizada em 1870 impulsionou a industrialização no país mesmo que tardiamente. É interessante observar que apenas o norte se desenvolveu o restante da Itália continuou agrário (mundogeográfico.sites.com.br, último acesso em 07-06-2012). O distrito industrial de Farroupilha teve início nos anos 70 marcado pela instalação de grandes empresas na região. Esse foi o início do desenvolvimento industrial de Farroupilha. Em torno das grandes empresas surgiram empresas menores Para dar apoio a essas pequenas empresas e para isso foram instalados cinco núcleos industriais. A prefeitura doou terreno com toda a infraestrutura para que se desenvolvessem. Disponível em (www.farroupilha.rs.gov.br/content/view/3174/ último acesso em 20-06-2012)

Assim, encerramos a apresentação das fixas lexicográfico-toponímicas dos 30 nomes que nos propomos a estudar. No próximo capítulo procuramos sistematizar as informações recolhidas e apresenta-las através de gráficos assim como comentá-las e relacioná-las aos aspectos culturais dos moradores de Farroupilha.

6 ASPECTOS PERCEBIDOS ATRAVÉS DO ESTUDO DA TOPONÍMIA DOS BAIRROS E DISTRITOS DE FARROUPILHA

Após a análise dos trinta topônimos que nomeiam os bairros e distritos de Farroupilha, apresentamos a seguir as principais evidências levantadas através desse estudo. Procurou-se, sempre que possível, relacionar tais observações a aspectos culturais dos habitantes do local.

A lista com maior número dentre os topônimos estudados é a dos hagiotopônimos, nomes de santos: São Francisco, São José, São Roque, Santa Catarina, Santo Antônio, Medianeira e Pio X são nomes de santos dos quais os imigrantes eram e os descendentes ainda são devotos; coincidentemente, também são nomes de pequenas cidades da Itália. Apesar das belezas naturais dos lugares, que poderiam ter servido de motivação para a escolha de outros nomes, frequentemente foram escolhidos nomes sacros.

Observou-se, através da montagem e organização das fichas lexicográficas, que a categoria mais expressiva, a dos hagiotopônimos, revela um dos traços culturais mais marcantes dos habitantes do local e de seus antepassados, a sua fé católica. Além das oito ocorrências, categoria com maior número, outros fatos nos mostram que a fé dos antepassados continua viva através de seus descendentes. Um exemplo que corrobora tal afirmação é o fato de que o Bairro Santo Antônio, ao ter sido redimensionado pela prefeitura, acabou tendo parte de sua população pertencendo ao Bairro 1º de Maio. Esses moradores não aceitaram a determinação da prefeitura e organizaram um abaixo-assinado exigindo que o local onde viviam voltasse a ser chamado de Santo Antônio, afinal esse era o nome de seu padroeiro. A prefeitura municipal não hesitou em atender a tal solicitação. No Bairro Pio X, o fato de o nome da antiga escola ter sido mantido e eleito nome do bairro, podendo ele ter sido trocado no momento da oficialização, revela o respeito e a fé nos santos católicos. No Bairro São Francisco, foi a proprietária das terras, antes de serem transformadas em loteamento, que determinou o nome do mesmo. Pertencente à Ordem Franciscana, e muito devota do santo, só concordou em transformar o local em loteamento se esse fosse chamado de São Francisco. O loteamento foi transformado em bairro e o nome não foi alterado nem pelos moradores e nem pelas autoridades. O Bairro São Roque teve seu nome votado em assembleia geral de moradores e foi escolhido com unanimidade dos votos, mostrando assim o interesse dos moradores em manter o nome do santo. De acordo com Bourdieu, tendo sido moldados a partir do mesmo modelo, os indivíduos estão pré-dispostos a manter, com seus semelhantes,

relações de cumplicidade e comunicação imediatas (1992, p. 206). O hagiotopônimo São José surge outras vezes em Farroupilha, não apenas no bairro, mas em capelas e comunidades do interior. O nome que já era do loteamento nunca foi alterado.

Os nomes históricos nos permitem criar um traçado ilustrando a evolução do município. O nome Farroupilha surge como homenagem aos rio-grandenses que lutaram contra a centralização política no Rio de Janeiro. Os fundadores do lugar, na maioria vicentinos, pouco ou nada sabiam de tal revolução, uma vez que chegaram ao Brasil trinta anos mais tarde. O então presidente da época, Getúlio Vargas, ao decretar o Estado Novo, adotou políticas nacionalistas radicais. A onda patriótica inibia qualquer manifestação étnica estrangeira como a língua, as músicas, as danças. A entrada do Brasil na guerra contra a Itália torna ainda mais intensa a política de Vargas, levando alguns imigrantes a se naturalizarem brasileiros. Em um ambiente que “demonizava” comunistas, nazistas e fascistas, era preciso esconder sentimentos de amor à outra pátria que não fosse o Brasil. As autoridades da época exigiram que os municípios, ruas, praças e demais locais públicos com nomes estrangeiros tivessem seus nomes trocados por nomes de heróis e movimentos históricos nacionais. Desta forma o distrito de Caxias que se chamava Nova Vicenza passou a ser município e recebeu o nome de Farroupilha (FROSI; FAGGION; DALCORNO, 2008, p. 405-421). O Monte Pascoal registra o momento em que as famílias de colonos passam a vender suas terras e transformá-las em loteamentos. Os nomes Cinquentenário e Centenário são marcos históricos que são registrados na toponímia local, representando o sucesso da imigração na região. O primeiro, além de marcar os 50 anos da imigração italiana, a fase da exploração e cultivo do solo, também representa os 50 anos de emancipação do município. O segundo homenageia os 100 anos da imigração e representa a fase da industrialização. Assim como os monumentos e álbuns lançados nas comemorações tanto dos cinquenta quanto dos cem anos de imigração, os topônimos são registros históricos, representando o sucesso da imigração na região. O Bairro 1º de Maio registra uma fase ainda mais recente em que o município recebe trabalhadores de outras cidades para trabalhar na indústria local.

Os cronotopônimos registrados nos permitem perceber os motivos que levaram os imigrantes a escolhê-los. Segundo Durkheim (apud BOURDIEU, 1992, p. 17), há um tipo de representação inversa, ou seja, são as coisas mais distantes que acabam tendo maior importância no momento da escolha de um símbolo. No presente caso, são os nomes dos lugares ou de elementos culturais e religiosos da pátria distante que os imigrantes homenageiam na terra de adoção. De acordo com Bourdieu (1992, p. 297), um dos instrumentos para tornar legítima a posse da nova terra seria criar símbolos usando a própria

língua como instrumento, ou seja, nominar a nova terra usando sistemas e nomes que já faziam parte da língua por eles falada. Um fato curioso a ser citado referente ao nome Nova Sardenha foi a motivação que levou ao nome. De acordo com Frosi e Mioranza (1975, p. 19), não existe em Nova Sardenha nenhum descendente da região. O nome foi motivado por uma briga na praça. Os moradores recém-chegados exclamavam que *o lugar parecia com a Sardegna*, pois os Sardos eram considerados rudes, e eram habituados a brigar nas ruas. Como vemos, apesar de não se referirem ao seu local de nascimento, os imigrantes optaram por um nome diferente, mas ainda relacionado à antiga pátria, pois era nela que estavam suas referências culturais. É possível que os imigrantes vicentinos tenham começado sua posse pelos símbolos justamente para não deixar se perder a memória de tais lugares, ou seja, seus vínculos com seus lugares de origem, criando através dos nomes âncoras no passado. No período de Vargas, os nomes Nova Milano e Nova Sardenha foram alterados, passando a se chamar, respectivamente, Emboaba e Cajuru. Os nomes indígenas não foram aceitos pelas comunidades, que, por sua coesão étnica, recuperaram os nomes italianos. Segundo Bourdieu (1992, p.53), o processo de imposição de uma cultura permite sempre, de alguma forma que se manifestem sistemas simbólicos por parte dos grupos dominados desde que não se tornem ameaças ao sistema de dominação política simbólica. Dessa forma é permitido ao grupo de habitantes que sejam recuperados os nomes Nova Milano e Nova Sardenha, porém o nome Nova Vicenza, que era o nome mais importante do local na época, não pode ser recuperado e permanece como prova do poder político nacional. Compreendemos o movimento de Getúlio Vargas de trocar os nomes de origem estrangeira, como uma tentativa de preservar o país, de criar uma identidade nacional valorizando a pátria como um todo. Certamente o governo brasileiro não desejava uma nova Itália no Brasil. Permitir que a língua fosse falada, que os nomes da Itália se repetissem e que os costumes fossem praticados poderia, segundo a visão do governo na época, comprometer a identidade nacional. Não é difícil compreender a atitude de Vargas, uma vez que o governo italiano de Mussolini já tinha grupos fascistas organizados em várias colônias do Brasil. Sendo o índio um símbolo de nacionalismo, foram usados nomes indígenas para designar vários lugares fundados por estrangeiros. Por outro lado, o que poderia significar para os italianos moradores dos lugares nomes como Emboaba e Cajuru? Com as comemorações do Centenário da Imigração Italiana, em 1975, o nome Nova Vicenza volta a fazer parte do grupo de topônimos de Farroupilha. Compreendemos que tais nomes fazem parte não apenas da história do lugar, mas da identidade das pessoas que ali vivem. Mesmo passadas várias gerações, esses nomes são ainda muito significativos para seus moradores, uma vez que remetem às origens de grande parte deles.

Por várias vezes não encontramos registros escritos que nos levassem ao motivo específico que originou alguns topônimos, porém a história dos lugares e de seus habitantes nos dá informações que nos levam a inferir tais motivos. O nome América é um desses casos. Uma vez que a maioria dos moradores vem de outras cidades em busca de trabalho e melhorias de vida, é possível que as autoridades tenham retomado a saga dos italianos que vieram para a América com os mesmos objetivos. O corotopônimo Ipanema também nos faz refletir procurando possibilidades uma vez que os registros não deixam claro como foi escolhido o nome. Sabemos que uma das primeiras obras do local foi o Condomínio Ipanema. Compreendemos que no momento de escolher um nome para um condomínio se busque um nome que remeta a um lugar agradável, perfeito para se viver. É provável que o bairro homônimo do Rio de Janeiro, sendo bem difundido pela mídia, tenha sido usado como um ícone desse lugar. O nome foi aceito e apreciado pela comunidade, pois passou de condomínio para loteamento e de loteamento para bairro.

Observando os animotopônimos de nossa pesquisa, compreendemos que as montanhas, colinas, vales, especialmente os lugares mais altos, são a fonte motivadora dos nomes. É possível que o Bela Vista também tenha sido motivado pela difusão do nome através de outros locais famosos do Brasil com a mesma denominação. O que torna o Belvedere exótico é o fato de ter sido usado um nome italiano. O belvedere do local (espécie de plataforma construída no lugar, no alto, para admirar a paisagem), é o provável motivador do nome.

Nomes como o Planalto e o Monte Verde, de acordo com Dick pertencem aos geomorfotopônimos, são nomes motivados pelo relevo. Também podem ter servido de referência, respectivamente, o Planalto do Governo, em Brasília, e a cidade turística em Minas Gerais. É provável que tanto a forma geográfica quanto o fato de se conhecer outros lugares com os mesmos nomes tenham servido de motivação para determinar os topônimos.

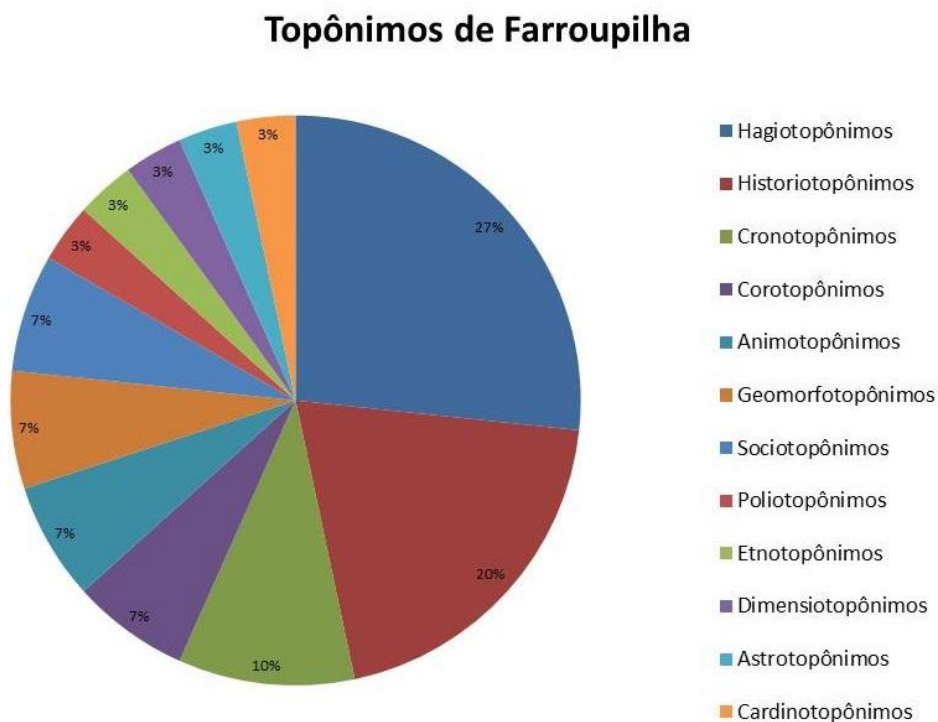
O distrito de Vila Jansen é o único exemplo de poliotopônimo entre os bairros de Farroupilha. É um dos nomes mais antigos da região, ainda quando não haviam distritos ou municípios organizados o local já se chamava Linha Jansen, que também deu origem ao nome da escola, e atualmente do distrito. O tipo de formação de topônimos com o genérico *vila* não é comum na região. O Bairro Cruzeiro também é o único representante de sua categoria em nossa pesquisa. É o único astrotopônimo. Observamos que a maioria dos bairros formados por migrantes não tem preferência por nomes religiosos optando por formas mais abrangentes. Cruzeiro é um topônimo bem difundido em todo o Brasil. O Bairro Vicentina, único representante dos etnotopônimos, traz em seu significado a presença já marcada, através de

outros topônimos, de vicentinos na região. A motivação que determina o topônimo Volta Grande, não deixa dúvidas quanto à sua classificação. A grande curva da Avenida Júlio de Castilhos é que enquadra o bairro na categoria de dimensiotopônimo. A evolução socioeconômica de Farroupilha não é marcada apenas pelo surgimento de novos bairros e núcleos industriais. No estudo toponímico dos bairros de Farroupilha é marcada pelo topônimo Bairro Industrial que surge através do aglomerado de trabalhadores das indústrias do local.

Podemos visualizar através do gráfico, na figura 1 a seguir, a frequência de cada categoria de todo o grupo de topônimos de Farroupilha:

Distribuição percentual

Figura 1 - Gráfico dos Topônimos de Farroupilha



Observando o total de nomes a partir da temática, percebemos que 50% dos topônimos têm em seus significados relação à presença da etnia italiana na região. Grande parte dos nomes antigos se mantém atuais, pois estão diretamente relacionados à cultura dos moradores e seus antepassados. Os novos topônimos, além de registrar a evolução industrial da cidade, também marcam a presença de diferentes etnias. Tais nomes enriquecem o quadro toponímico da cidade sem interferir nos nomes antigos. As alterações que marcaram

fortemente a toponímia local aconteceram por imposição política durante o governo de Getúlio Vargas, sendo que uma das principais marcas desse período é o topônimo Farroupilha. Passada uma década, alguns nomes foram restituídos a suas comunidades, como Nova Milano e Nova Sardenha, mas o topônimo Nova Vicenza só foi retomado a partir das comemorações do Centenário da Imigração Italiana.

Não foi possível levantar com exatidão todos os motivos que levaram a todos os nomes. Quando não encontramos registros que apresentassem com clareza tais motivos, procuramos, baseados nos históricos, inferi-los. Observamos, no caso dos hagiotopônimos, que normalmente surge primeiro a paróquia, depois o bairro com o mesmo nome, não sendo difícil inferir que a fé no santo padroeiro é o principal agente motivador.

A partir da análise efetuada foi possível também apontar os principais temas motivadores que determinaram a escolha dos nomes dos bairros e distritos de Farroupilha, estes estão representados de forma esquematizada, como se pode ver na figura 2. Classificamos como tema motivador *etnia italiana*, os seguintes nomes: América, Centenário, Cinquentenário, Imigrante, Nova Milano, Nova Sardenha, Nova Vicenza, Santa Catarina, Santo Antônio, São Francisco, São Luiz, São José, São Roque, Pio X, Vicentina e Vila Jansen. Como fonte motivadora a *natureza* os seguintes: Belavista, Belvedere, Centro, Cruzeiro, Do Parque, Monte Verde, Planalto e Volta Grande. Na temática *Brasil e história*, identificamos: Farroupilha, Ipanema, Medianeira e Monte Pascoal. E como tema motivador *evolução industrial*, percebemos: Primeiro de Maio e Industrial.

Figura 2 - Gráfico dos Temas Motivadores:



Compreendemos que nosso estudo pode ser aperfeiçoado e aprofundado nas próximas pesquisas. Constatamos a eficiência do método classificatório de Dick, através das fichas lexicográfico-toponímicas pudemos analisar os topônimos de diferentes ângulos tendo uma visão ampla do quadro toponímico da cidade, também constatamos a eficiência dessas fichas como forma de sistematizar o conhecimento apurado.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A grande variedade étnica e cultural que vivemos no Brasil nos permite refletir de diferentes formas ao tentarmos construir um conceito ou estabelecer limites a procura de traços de identidade. Segundo Bourdieu (2003, p.11) não devemos esquecer que os critérios objetivos de identidade regional ou étnica são objetos de representações mentais, ou seja, de atos de percepção e apreciação, de conhecimento e reconhecimento em que os agentes investem seus interesses. É possível que a fragilidade dos grupos de imigrantes italianos frente ao processo de retirada dos lugares onde nasceram, os tenha levado a escolher nomes que pudessem criar uma ponte entre a velha e a nova terra fazendo com que suas identidades se mantivessem conectadas à Itália.

De acordo com Bonnemaïson e Cambrèzi, Haesbaert (2004, p.72) a relação dos povos tradicionais com o meio sempre foi além do espaço como fonte de recursos, ocorrendo uma forma simbólico-religiosa de ocupação. Segundo os autores é tão grande a força da carga simbólica que o território passa a ser um construtor de identidades. É possível que os imigrantes, especialmente os vicentinos, tenham feito promessas e rezas pedindo proteção para a longa viagem e o sucesso na nova terra, assim, muitos nomes de santos foram uma forma de homenagem e agradecimento ao santo protetor.

Podemos entender, no caso dos imigrantes italianos que colonizaram Farroupilha, que grande parte do seu território cultural foi mantida ao menos nas primeiras décadas da imigração. Uma vez que os grupos foram mantidos unidos e não havia outros no local, a língua, religião, as formas de trabalho e a diversão se mantiveram. Na toponímia, nomes como Nova Milano, Nova Vicenza, e todos os nomes de santos, registraram esse período.

Na toponímia de Farroupilha, as principais marcas de repressão política são registradas durante o governo de Getúlio Vargas. Passado o período de repressão os nomes motivados pela presença da etnia italiana começam a ressurgir. As comemorações dos cem anos da imigração promovem a valorização e retomada dos nomes referentes à temática.

As diferentes etnias que vêm ocupando a região de Farroupilha não procuram nomes sagrados nem nomes dos lugares de origem, optando por nomes mais abrangentes, tal fato pode ser ilustrado através do quadro toponímico da cidade. Segundo Haesbaert, (2004, p.92) a economia globalizada torna os espaços mais fluidos fazendo com que os indivíduos se reorganizem em micros ou mesoespaços em torno dos quais se agregam na defesa de suas especificidades culturais.

REFERÊNCIAS

- ADAMI, João Spadari. *História de Caxias do Sul*. I Tomo. 2ª ed. Caxias do Sul: EDIÇÕES PAULINAS, 1971.
- ANDRADE, Karylleila dos Santos. *Atlas toponímico de origem indígena do estado do Tocantins*. Goiás: PUC, 2010.
- AZEVEDO, Antonio Carlos Amaral. *Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos*. 3ª ed. Rio de Janeiro: 1999.
- AZEVEDO, Thales de. *Italianos e gaúchos; os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul*. A NAÇÃO, Porto Alegre – 1975
- BATINTI, Antonio; FILLANTI, Ornero. *I nomi di luogo del territorio comunale di Piegara; Atlante Toponomastico della Provincia di Perugia, Fare toponomastica a scuola*. Perugia: Grifo, 2007.
- BELA VISTA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bela-Vista>. Acesso em 12 de maio de 2012.
- BELO, Ana. *Mil e tal nomes próprios; a magia dos nomes*. 9. ed, Cascais: Arteplural, 2002.
- BESANÇON, Bernard. *Les prenom; leurs influences sur notre personnalité et notre vie*. Paris: M.A., 1989.
- BEZZI, M. L. Região: desafios e embates contemporâneos. In: SEI – Superintendência de Estudos Econ. E Sociais da Bahia. (Org.). *Desigualdades Regionais*. Salvador: Bigraf, 2004, v.1, p. 39-87.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estrutura mental do léxico. In: *Estudos de filologia e linguística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981, p. 131-145.
- _____. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pires de; ISQUERDO, Aparecida N. (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande-MS: UFMS, 2001a.
- _____. *Teoria linguística (teoria lexical e linguística computacional)*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.
- BITTENCOURT, Circe. *Dicionário das Datas Históricas do Brasil*. São Paulo: 2007.
- BOSELLI, Pierino. *Dizionario di toponomástica bergamasca e cremonese*. Firenze: Leo S. Olschki, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- _____. *A economia das trocas simbólicas*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BRITO, Adriano Naves de. *Nomes próprios; semântica e ontologia*. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.

BUENO, Francisco da Silveira. *Grande Dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa; vocábulos, expressões da língua geral e científica-sinônimos contribuições do tupi-guarani*. São Paulo: Saraiva, 1963.

_____. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1963. 8 v.

_____. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. Santos, SP: Brasília, 1974. 9 v.

_____. *Vocabulário tupi-guarani - português*. 4. ed. rev. e aum. São Paulo: Brasílivros, 1986, 629 p.

CAFFARELLI, Enzo; MARCATO, Carla. *I cognomi d'Italia; dizionario storico ed etimologico*. Torino: UTET, 2008. 2 v.

CAVALLI, Luigi. *L'enciclopédia Grolier*. Nicola Zanichelli Editore, Bologna, 1966, v. 1, 13, 20.

COLONNA, Barbara. *Dizionario etimologico della lingua italiana; l'origine delle nostre parole*. Roma: Newton & Compton, 1997.

COLOMBO, Rosemeri Rigatti; SANTOS, Tatiane Eliza dos; RIGONI, Viviane. *A Informática na Vida das Pessoas. Bairro Imigrante. Farroupilha/RS*. Disponível em: <http://www.upplay.com.br/restrito/nepso2008/pdf/projetos/A%20inform%C3%A1tica%20na%20vida%20das%20pessoas.pdf>

COMUNE DI VILLA VICENTINA. Disponível em: <http://www.comune.villavicentina.ud.it/lastoria4636>. Acesso em 21 de junho de 2012.

CORTELAZZO, MANLIO; ZOLLI, Paolo. *Dizionario etimologico della lingua italiana*. Vol. 2/D-H. Bologna: Zanichelli, 1980.

CRYSTAL, David. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Traduzido e adaptado por Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. Tradução de: A Dictionary of Linguistics and Phonetics.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. revista e acrescida de 124 páginas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CUNHA, Selso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. NOVA FRONTEIRA, 1985.

DAUZAT, A. *Les noms de lieux*, Paris: Librairie Delagrave, 1947.

DAUZAT, A; ROSTAING, Ch. *Dictionnaire étymologique de noms de lieux en France*. Paris: Larousse, 1963. 2. ed. Paris: Guénégaud, 1978.

DE BONI, Luis A.; COSTA, Rovílio. *Os italianos no Rio Grande do Sul*. 3. ed. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Universidade de Caxias do Sul, Correio Rio Grandense, 1984.

DE FELICE, Emídio. *I nomi degli italiani*; informazioni onomastiche e linguistiche socioculturali e religiose. Venezia: Marsilio, 1982.

DEVOTO, Giacomo; OLI, Gian Carlo. *Il dizionario della lingua italiana*. Firenze: Le Monnier, 1990.

DICK, Maria vicentina do Amaral. *A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxionômicos*. Tese de Doutorado, USP, maio de 1980.

_____. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do estado de SP, 1990.

_____. *Métodos e questões terminológicas na Onomástica: estudo de caso*. Investigações: Linguística e Teoria Literária. v. 9, 1999.

_____. *O problema das taxionomias toponímicas*. Uma contribuição metodológica. Separata da Revista de Letras, São Paulo, USP, p. 373-380, 1975. Disponível em: <http://www.mel.ileel.ufu.br/gtlex/lexicologia/lexicologia.asp>.

_____. O Sistema Onomástico: bases lexicais e terminológicas, produção e frequência. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pires de; ISQUERDO, Aparecida N. (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande-MS: UFMS, 1998.

_____. *Origens e atuais linhas de pesquisa humanidades; Toponímia e Línguas Indígenas do Brasil*. Estudos Avançados, v. 8, n. 22, São Paulo, Sept./Dec., 1994. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid>. Acesso em 18 de março de 2010.

_____. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. *As Ciências do léxico*. V. II. Campo Grande: UFMS, 2004. p. 121-130.

_____. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. 2. ed. São Paulo: USP, 1990.

_____. *Toponímia e antroponímia no Brasil: Coletânea de estudos*. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1992.

DAUZAT, Auguste *Les noms de liex*. Paris: Librairie Delagrave, 1947.

DRUMOND, C. Prefácio. In. DICK, M. V. P. A. *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*, 1990.

DUBOIS, J. et al. *Diccionario de Linguística*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

DURANTI; Alessandro. *Antrpologia del linguagio*. Roma: Maltemi, 2002.

FAIGUENBOIM, Guilherme; VALADARES, Paulo; CAMPAGNANO, Anna Rosa. *Dicionário Sefaradi de sobrenomes; inclusive Cristãos-novos, Conversos, Marranos, Italianos, Berberes e sua História na Espanha, Portugal e Itália*. 2. ed. São Paulo: Fraiha, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. *Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira*. 2. ed. Caxias do Sul: EducS, 2009.

_____. *Dialetos Italianos*. Caxias do Sul: EDUCS, 1983.

FROSI, Vitalina M.; FAGGION, Carmen M.; DAL CORNO, Giselle O. Mantovani. Toponimi italiani in terra brasiliana. In: CAFFARELLI, Enzo. (Dir.) *Rivista Italiana di Onomástica* – RION, XIV (2008), 2, Roma: Pomezia. p. 405-421.

GASPERIN, Alice. *Farroupilha: ex-Colônia Particular Sertorina*. Caxias do Sul: ed. Autor, 1989.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 2. ed. revista e ampliada. São Paulo: Ave Maria, 1973.

_____. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 3. ed. São Paulo: Ave Maria, 1981.

GUIA TURÍSTICO DE FARROUPILHA. *Bem-vindo à Farroupilha*. Jornal Informante: 2011.

GÜLDEN, Barbara L.Reiter; TRICHES, Geni Maria; DAGNESE, Nelson; GIRELLI, Simone Cristina. *História de Vila Jansen e Comunidades Limítrofes*. (Produção realizada por professores da Escola Júlio Mangoni, de Vila Jansen, não editada. Disponível na biblioteca da escola) 2000.

HAESBAERT, Rogério; *O mito da desterritorialização*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HECKLER, Everaldo; BACK, Sebald; MASSING, Egon. *Dicionário Morfológico da Língua Portuguesa*. São Leopoldo, UNISINOS, 1984.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: OBJETIVA, 2009.

IBGE. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/cidadesast/históricos_cidades_conteúdo.Php?codmun=430790. Acesso em 07 de junho de 2012.

IPANEMA. Disponível em: <http://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ipanema>. Acesso em 12 de maio de 2012.

JORNAL O FARROUPILHA. *Bairro São Francisco*. Disponível em: <http://www.jornalfarroupilha.com.br/noticias>. Acesso em 10 de junho de 2012.

KANAAN, Beatriz Rodrigues. *Imigrações Contemporâneas e Italianidade – Um Estudo sobre Jogos Identitários na Região Industrializada de Farroupilha/RS*. Dissertação disponível em : <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/14687/000666834.pdf?sequence=1>

KOUCHER; Barbosa. *Migrações Internas no Rio Grande do Sul: Os novos cenários da Desconcentração Espacial Urbano Regional*, 2006, dissertação disponível em www.lume.ufrgs.br último acesso em 02-07-12.

LYONS, John. *Linguagem e Linguística*. Rio de Janeiro: LTC, 1897.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Horizonte, 2003, 3 v.

MAEDA, Raimunda Madalena Araújo. *A toponímia sul-mato-grossense: um estudo dos nomes de fazenda*. (Tese de doutorado), 2007. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras. Campus de Araraquara. Disponível em: <http://www.cipedya.com/doc/163699>. Acesso em 17 de março de 2010.

MARCATO; Carla. *Nomi di persona, nomi di luogo*. Milano: il Mulino, 2009.

_____. *Nomi di persona, nomi di luogo; introduzione all'onomastica italiana*. Bologna: il Mulino, 2009.

MEGALE, Nilza Botelho. *O Livro de Ouro dos Santos*. Rio de Janeiro: EDIOURO, 2003.

MONTE VERDE. Disponível em : <http://site/monteverdetur.com.br/guiasite>. Acesso em 08 de junho de 2012.

MORETTI, M.; CONSONNI, D. *Grammatica Italiana*. 7. ed. NASCENTES OLIVIERI, Dante. *Dizionario di toponomastica lombarda; Nomi di comuni, frazioni, casali, monti, corsi d'acqua, ecc. Della Regione Lombardia, studiati in rapporto alla loro origine*. Milano: Lampi di stampa, 2001.

NOVA MILANO. Disponível em: <http://famigliasetti.blogspot.com/>. Acesso em 21 de maio de 2012.

OLIVEIRA, Ana Maria Pires de; ISQUERDO, Aparecida N. (orgs.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campos Grande-MS: UFMS, 2001.

OLIVEIRA, José Teixeira de. *Dicionário Brasileiro de Datas Históricas*. 4ª ed. Petrópolis: Ed. VOZES, 2002.

OLIVIERI, Dante. *Toponomastica Veneta*. 2. ed. riveduta e aggiornata dall'Autore, corredata di 4 tavole topografiche, del Saggio di una illustrazione generale della Toponomastica Veneta. Venezia-Roma: Istituto per la collaborazione culturale, 1961.

PELLEGRINI, Giovan Battista. *Toponomastica italiana; 10.000 nomi di città, paesi, frazioni, regioni, contrade, monti spiegati nella loro origine e storia*. Milano: Hoepli, 1990.

PICCIANTI, Maria Cristina. *Leggere L'Italia: Regione Per Regione*. Firenze: MARIETI MANZUOLI, 1994.

POZENATO, J. C. Algumas considerações sobre região e regionalidade. In: FELTES, H. P. de M. *Filosofia: diálogos de horizontes*. Caxias do Sul: Educs, 2001.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FARROUPILHA. Disponível em: http://www.farroupilha.rs.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=1&Itemid=3. Acesso em 12 de maio de 2012.

QUEIRAZZA, Giuliano Gasca et al. *Dizionario di toponomastica; storia e significato dei nomi geografici italiani*. Torino: UTET, 2006.

QUIJADA, Adolfo Salazar. *La toponimia en Venezuela*. Ed. UNIVERSIDAD CENTRAL DE VENEZUELA, 1985.

REISER, Márcio Antônio. *Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças*. Texto disponível em: <http://marcioreiser.blogspot.com.br/2011/05/nossa-senhora-medianeira-de-todas-as.html?m=1>). Acesso em 20 de fevereiro de 2012.

RENDINA, Claudio; PARADISI, Donatella. *Le strade di Roma*. Roma: Newton & Compton, 2004. 3 v.

RENZO, Ambrogio (Coord.) et al. *Nomi d'Italia; origine e significato dei nomi geografici e di tutti i comuni*. Novara: De Agostini, 2009.

ROSSEBASTIANO, Alda; PAPA, Elena. *I nomi di persona in Italia; Dizionario storico ed etimologico*. Torino: UTET, 2005, 2 v.

SAPIR, Eduard. "*Le langage*". *Linguistique*. Trad Jean-Élie Beltanski e nicole Soulé-Susbielles. Paris, Les Édit. De Minuit, 1968.

SCIARRETTA, Antonio. *Toponomastica d'Italia; nomi di luoghi, storie di popoli antichi*. Milano: Mursia, 2010.

SOLDATO, Monica. *Un Santo per Ogni Giorno*. Firenze: Ed. GIUNTI DE METRA, 2009.

TANCREDI, Carmen. *Il grande dizionario dei nomi*. 2. ed., Milano: DVE ITALIA, 2007.

TARTAMELLA, Vito. *Nel cognome del popolo italiano; l'influenza del nome di famiglia nella nostra vita mentale, sociale e professionale. Con qualche consiglio per psicologi, scrittori, politici e futuri genitori*. Milano: Viennepierre, 1995.

ULLMANN, Stephen, *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Trad. J. A. Osório Mateus. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulberkian, 1964.

VASCONCELLOS, José Leite de. *Opúsculos; Onomatologia*, v. 3, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/bdc/etnologia/opusculos/vol03/opusculos03.html>. Acesso em 5 de março de 2012.

VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: OBJETIVA, 2000.

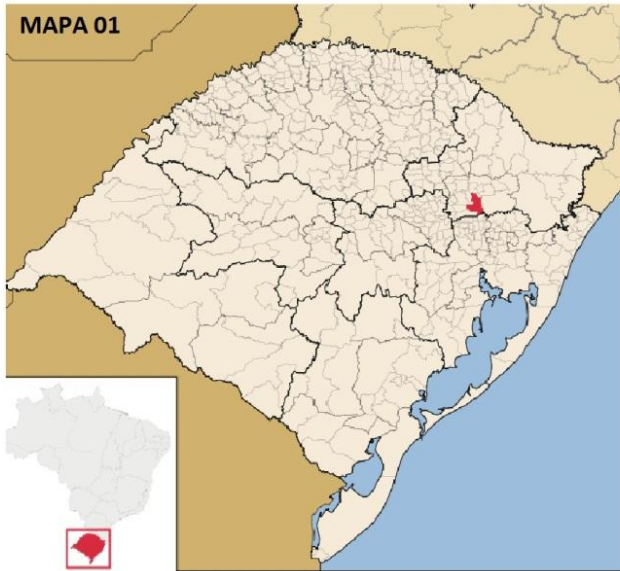
VILA JANSEN. Disponível em: <http://aenogastronomia.blogspot.com.br/2009/04vila-jansen.html?m=1>. Acesso em 09 de junho de 2012.

VOLTA GRANDE. Disponível em: <http://www.voltagrandeonline.com.br>. Acesso em 05 de julho de 2012.

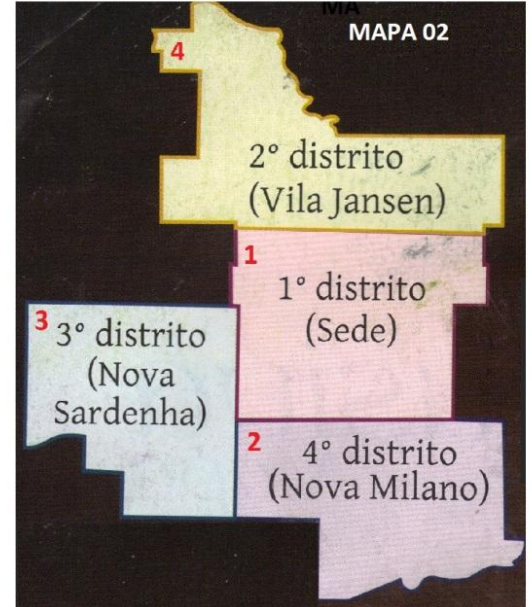
ZAVAGLIA, Adriana; WELKER, Herbert. *Lexicologia*. Disponível em <http://www.mel.illel.ufu.br/gtelex/lexicologia/lexicologia.asp>. Acesso em 04 de janeiro de 2012.

ZINGARELLI, di Nicola. *Vocabulário della Lingua Italiana*. Zanichelli Editore. 2001, p. 598

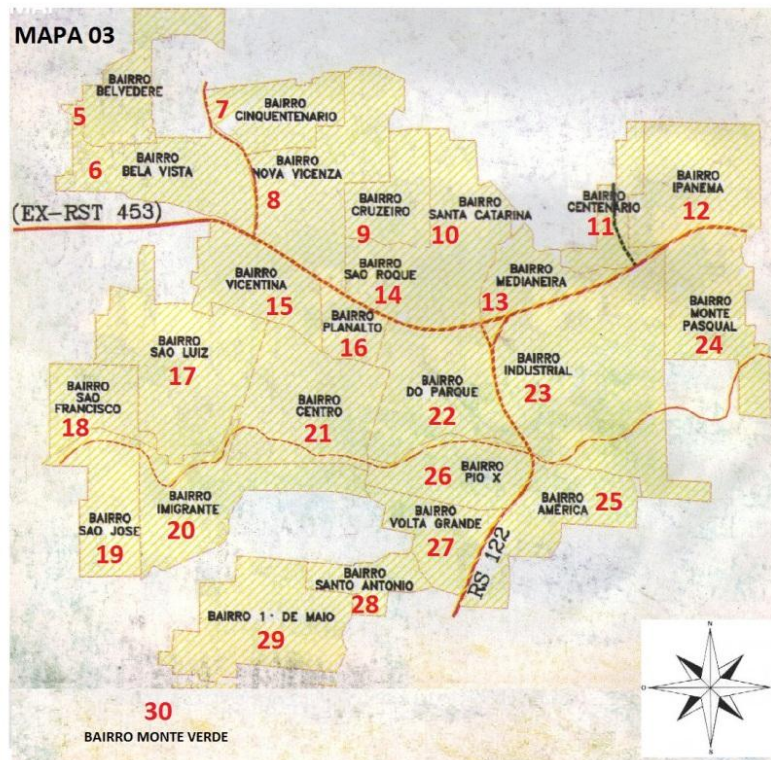
ANEXOS



FARROUPILHA NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL



DISTRITOS DE FARROUPILHA



BAIRROS DE FARROUPILHA